



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO (PPGNEIM)

CARMEN LUCIA FAUSTINO

ESCRITA AUTORAL E PODER ERÓTICO: A EXPERIÊNCIA DO
NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS – O AMOR CURA NA
PERIFERIA SUL DE SÃO PAULO

SALVADOR

2024

CARMEN LUCIA FAUSTINO

**ESCRITA AUTORAL E PODER ERÓTICO: A EXPERIÊNCIA DO
NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS – O AMOR CURA NA
PERIFERIA SUL DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Estudos de Gênero, Mulheres e
Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal
da Bahia (UFBA) como requisito à obtenção do
grau de Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre
Mulheres, Gênero e Feminismo da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Federal da Bahia, na Linha de Pesquisa Gênero,
Arte e cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Janja Costa
Araújo

Co-orientadora: Profa. Dra. Régia Mabel da Silva
Freitas

SALVADOR
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca Universitária Isaias Alves (BUIA/FFCH)

F268 Faustino, Carmen Lucia
Escrita autoral e poder erótico: a experiência do núcleo de mulheres negras – O Amor
Cura na periferia sul de São Paulo / Carmen Lucia Faustino, 2025.
138 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Janja Costa Araújo
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Régia Mabel da Silva Freitas

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre
Mulheres, Gênero e Feminismo. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade
Federal da Bahia, Salvador, 2025.

1. Ativista políticas negras. 2. Lorde, Audre, 1934-1992. 3. Feminismo. 4. Negras.
5. Teoria feminista. I. Araújo, Rosângela Janja Costa. II. Freitas, Régia Mabel da Silva.
III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 305.42

Responsável técnica: Alexsandra Barreto da Silva - CRB/5-1366



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO
(PPGNEIM)**

ATA Nº 233

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO (PPGNEIM), realizada em 02/10/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO no. <numAta/>, área de concentração Mulheres, Gênero e Feminismo, do(a) candidato(a) CARMEN LUCIA FAUSTINO, de matrícula 2022106082, intitulada ESCRITA AUTORAL E O PODER ERÓTICO: A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS - O AMOR CURA NA PERIFERIA SUL DE SÃO PAULO. Às 09:00 do citado dia, Sala de aula do NEIM, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Profª. Dra. ROSANGELA JANJA COSTA ARAUJO que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. CLARICE COSTA PINHEIRO e Profª. Dra. ANA LUCIA SILVA SOUZA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. ANA LUCIA SILVA SOUZA, UFBA

Examinadora Externa ao Programa

Dra. CLARICE COSTA PINHEIRO, UFBA

Examinadora Interna

Dra. ROSANGELA JANJA COSTA ARAUJO, UFBA

Presidente

CARMEN LUCIA FAUSTINO

Mestrando(a)



Universidade Federal da Bahia
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO
(PPGNEIM)**

FOLHA DE CORREÇÕES

Autor(a): CARMEN LUCIA FAUSTINO
Título: ESCRITA AUTURAL E O PODER ERÓTICO: A EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE MULHERES NEGRAS - O AMOR CURA NA PERIFERIA SUL DE SÃO PAULO

Documento assinado digitalmente
gov.br CARMEN LUCIA FAUSTINO
Data: 04/10/2024 13:08:57-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ATA Nº 233

Banca examinadora:

Prof(a). ANA LUCIA SILVA SOUZA

Examinadora Externa ao
Programa

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA LUCIA SILVA SOUZA
Data: 04/10/2024 06:03:40-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). CLARICE COSTA PINHEIRO

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
gov.br CLARICE COSTA PINHEIRO
Data: 04/10/2024 16:23:05-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). ROSANGELA JANJA COSTA ARAUJO

Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. ☐ INTRODUÇÃO
2. ☐ REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. ☐ METODOLOGIA
4. ☐ RESULTADOS OBTIDOS
5. ☐ CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). ROSANGELA JANJA COSTA ARAUJO

Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
gov.br ROSANGELA JANJA COSTA ARAUJO
Data: 05/02/2025 10:09:51-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Rua Augusto Viana, s/n - Canela - Salvador/BA - CEP 40110-909 Telefax: • janja.araujo@ufba.br

DEDICATÓRIA

Às mulheres de minha linhagem sanguínea e ancestral.

Ao Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura, meu espaço potencial de vida

Às minas, manas e monas que movimentam arte e ativismo pelos quintais do mundo,
em especial da periferia sul de São Paulo. Zona Sul/Zona show!

Às mulheres negras que insistem em gozar!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao sagrado e a ancestralidade que me ergue todos os dias!

Agradeço a minha família e honro suas mulheres, por não sucumbirem ao silêncio.

À minha mãe Neusa Maria Bernardes, agradeço os anos de dedicação familiar, por ser exemplo de coragem e resiliência. Agradeço por ter vindo para Salvador suprir minhas carências e cuidar de mim na reta final desta dissertação. Obrigada pelo “calma, que vai melhorar, filha” diário! Te amo!

À Capulanas Cia de Arte Negra, agradeço pela arte sensível e engajada que movimenta as mulheres da zona sul, para a busca pela identidade, o afeto e cuidado de si. Caminhar com vocês me ensina sobre ser mulher negra.

Meu amor à Flávia Rosa, Luana Bayô, Maria Edjane Alves, Jerusa Machado, Alessandra Tavares, Mariana Brito, Jenyffer Nascimento, Cibelle Borges, Dandara Gomes, Débora Marçal, Formigão, Andréia Arruda, Gabriela Ferraz, Marina Faustino, Ivani Oliveira, Joyce Oliveira, Gislene Barbosa, Lucila Faustino, Jussara Machado, Cristiane Oliveira, Marisa Araújo, Carla Souza, Débora Mendes e todas as mulheres que passaram pelo Núcleo do Mulheres Negras – O amor cura. Construímos uma sólida rede de revolução afetiva e potência de vida!

À Maria Lúcia da Silva (Lucinha) e Jussara Dias do Instituto AMMA Psique e Negritude, agradeço pelo trabalho engajado e cuidadoso com a população negra e por despertar o Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura, para o compromisso político com a saúde integral.

Às manas do Periferia Segue Sangrando, Revista Fala Guerreira, Ação 8M na quebrada, Coletiva Luana Barbosa, Mjiba e todas as mulheres que movimentam a quebrada sul de São Paulo. Meu quilombo, minha inspiração!

A minha orientadora e Mestra Janja Araújo, todo meu amor e respeito! Agradeço pelo aceite, por acreditar em mim quando eu não soube por onde começar, por desafiar minhas emoções e deixar livre minha escrita poética.

Agradeço a Dr^a Mabel Freitas, pela co-orientação cuidadosa, pelas conversas afiadas, pelas dicas universitárias, por ouvir meus desabafos, por me motivar nos entraves e por desmitificar os códigos acadêmicos.

Agradeço as professoras Ana Lucia Silva e Souza e Clarice Pinheiro, pelo aceite ao convite para a banca de qualificação e defesa, pelas pertinentes e afetuosas provocações e pelos apontamentos que me conduziram com segurança para a finalização desta pesquisa.

Agradeço a Flávia Rosa, pelos anos de afeto, amizade, intimidade e parceria. Valeu as visitas, encontros e chamadas de vídeos que aliviaram minhas neuroses. Minha parça ponta firme, te amo!

Agradeço as artistas, ativistas e amigas Luana Bayô, Jenyffer Nascimento, Dandara Kuntê, Flávia Rosa, Elizandra Souza, Débora Marçal e Tula Pilar (eterna), pela palavra escrita, pela caminhada coletiva e pela rica produção autoral que atravessou minha vida e compõe este estudo.

Agradeço ao Mestre Salloma Salomão, pela ancestralidade na palavra e por me incentivar ao retorno à universidade.

Agradeço ao Kairu por bancar minhas decisões e facilitar minha vida para que eu pudesse escrever.

Minha eterna gratidão a respeito a Analu, pela acolhida fundamental para minha permanência em Salvador, pelas trocas, conselhos, afetos, comidinhas, companhia nos momentos de solidão e por me ensinar tanto sobre honestidade acadêmica e coletividade negra.

Meu respeito e admiração ao Mestre e irmão Hamilton Borges. Agradeço por me oferecer axé, suporte e acolhida, quando cheguei em Salvador sem nada.

Agradeço as Escritoras, Poetas e Intelectuais Negras, por ousarem escrever e compartilharem com o mundo seus pontos de vista.

Agradeço a poesia, por ser coragem e voz-escrita presente em minha vida e por me conduzir na caminhada acadêmica.

Agradeço a todos os profissionais e funcionários do Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres Gênero e Feminismo da UFBA.

Agradeço a FAPESB por possibilitar meu direito aos dois anos de financiamento estudantil que supriram minha sobrevivência. Um viva as políticas públicas afirmativas!

Não ando só!

*“Sem vacilar
Sem me exhibir
Só vim mostrar
O que aprendi”*

Jovelina Pérola Negra

FAUSTINO, Carmen Lucia. **Escrita autoral e poder erótico:** A experiência do Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura na periferia sul de São Paulo. Orientadora Rosângela Janja Costa Araújo. 2025. 138f. il. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. UFBA, Salvador, 2024.

RESUMO

Este estudo investigativo, entrelaçado a minha trajetória pessoal, ativista e artística, se instrumentaliza da compreensão e aplicação do conceito de Poder Erótico, elaborado por Audre Lorde ([1978] 2019), para análises das epistemologias do feminismo negro e decolonial, presentes nas práticas e na produção escrita de artistas e ativistas negras periféricas, integrantes do *Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura*, grupo de cuidado e estudos feministas, criado em 2015 no distrito do Capão Redondo, periferia da zona sul de São Paulo. Diante um contexto de tensões raciais e de gênero, estas mulheres se instrumentalizaram da teoria feminista negra e decolonial, expressando seus posicionamentos e rupturas através da escrita e da ação política-ativista. Para a análise documental e investigativa sobre estas experiências, recorro ao conceito de Escrivência elaborado por Conceição Evaristo a partir de 1993, em diálogo com o método da Pesquisa Ativista Feminista Negra de Rosália Lemos (2016), enquanto metodologias teóricas exploratórias e qualitativas da pesquisa, considerando fundamentalmente as experiências, trajetórias e marcadores sociais que incidem e se interseccionam no grupo estudado.

PALAVRAS CHAVE: Poder Erótico, Audre Lorde, Feminismo Negro, Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura

FAUSTINO, Carmen Lucia. **Authorial writing and erotic power:** The experience of the Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura in the southern outskirts of São Paulo. Counselor Rosângela Janja Costa Araújo. 2025. 138f. I. Dissertation (Master's) – Postgraduate Program in Interdisciplinary Studies on Women, Gender and Feminism. UFBA, Salvador, 2024.

ABSTRACT

This investigative study, intertwined with my personal, activist and artistic trajectory, uses the understanding and application of the concept of Erotic Power, developed by Audre Lorde ([1978] 2019), to analyze the epistemologies of black and decolonial feminism, present in the practices and written production of peripheral black artists and activists, members of the Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura, a feminist care and studies group, created in 2015 in Capão Redondo district, on the outskirts of the south zone of São Paulo. Faced with a context of racial and gender tensions, these women took advantage of black feminist and decolonial theory, expressing their positions and ruptures through writing and political-activist action. For the documentary and investigative analysis of these experiences, I use the concept of Writing developed by Conceição Evaristo from 1993, in dialogue with the Black Feminist Activist Research method by Rosália Lemos (2016), as exploratory and qualitative theoretical research methodologies, fundamentally considering the experiences, trajectories and social markers that affect and intersect in the group studied.

KEYWORDS: Erotic Power, Audre Lorde, Black Feminism, Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
APRESENTAÇÃO	18
- Caminhos para a escrita erótica	18
CAPÍTULO 1	26
- Erguer a voz! O Movimento de Mulheres Negras no Brasil: Denúncia, produção escrita e Feminismo Negro.....	26
- Terra Fértil: O bar, o sarau e a poesia – Do silêncio ao grito/Do grito ao silêncio.	41
CAPÍTULO 02	61
- Eu sou e você não pode me apagar – Carta para Audre Lorde	61
CAPÍTULO 03	70
Poder erótico em primeira pessoa - Método de escrita poética no Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura	72
- Escrever juntas, no último domingo do mês... ..	79
- Erótica – Carolina Maria de Jesus	93
CAPÍTULO 4	98
- Mulheres Negras - Eu-Nós: Saberes compartilhados e práticas feministas nas margens.	98
- Eu - Gênero e a memória das mulheres negras	106
- Nós - Arte e ativismo na experiência feminista das periferias.	113
CONSIDERAÇÕES	125
- Carta ao Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura	125
REFERÊNCIAS	130
ANEXO 1	138
ANEXO 2	139
ANEXO 3	140
ANEXO 4	141

INTRODUÇÃO

Escrever é meu recurso estratégico de des-silenciamento e o lugar escolhido para os gritos e silêncios que desejo ecoar ao mundo externo, um refúgio íntimo e sagrado, onde busco acolhimento e conforto para minha experiência com a palavra. Sou uma escritora negra, poeta e ativista oriunda de periferia, *estilo negona*¹ mesmo, daquelas sem muito encaixe para os moldes patriarcais de delicadeza e feminilidade. O gueto se expressa na corporeidade, no pensamento e na linguagem que carrego, me desafiando em dimensões profundas nesta sociedade opressora, discriminatória e anti-intelectual para mulheres como eu.

Este estudo investiga e analisa a experiência das artistas e ativistas do grupo comunitário **Núcleo de Mulheres negras – O amor cura**, através de suas ações políticas e produção artística, promovendo assim a inserção do debate feminista na zona sul de São Paulo, território urbano dito marginalizado ou periférico. Estas experiências foram observadas nas dimensões conceituais sobre Poder Erótico, pensamento elaborado em 1978 por Audre Lorde, ativista, poeta e professora lésbica afro-estadunidense. Me filio aos estudos feministas, sobretudo negro e decolonial para discorrer sobre as tensões enfrentadas e as práticas descolonizadas² de denúncia e cuidado, articulando as redes e coalizões políticas de mulheres, diante os desafios da vida cotidiana nas periferias.

Em seus discursos e repertórios artísticos, mulheres e pessoas negras cis, trans e não binárias (re)formulam sua sexualidade e afeto, se tornando sujeitas ativas e reagindo às interdições do gênero nos espaços de interação social. Essa investigação é fruto de um forte desejo pessoal da expansão compreensiva sobre os efeitos da escrita das mulheres negras nos territórios periféricos e estabeleço vínculos com a pesquisa através das minhas experiências com o ativismo e a arte, em um exercício investigativo das escrevivências, códigos e discursos que abarcam identidades e reafirmam dimensões sobre poder, linguagem, agenciamento e consciência crítica negra feminista.

A escolha pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo acontece em minha tentativa de buscar relações e familiaridades acadêmicas alinhadas ao meu repertório ativista, intelectual e empírico.

¹ Neste trabalho, adoto expressões e gírias correspondentes ao território periférico que nasci e cresci.

² Recorro ao pensamento de Grada Kilomba (2019) sobre a desconstrução dos padrões coloniais do ser e do conhecimento, através do processo de tornar-se sujeito.

Desde a decisão pelo mestrado acadêmico, minha intenção de pesquisa se volta para o conceito de Poder Erótico elaborado por Audre Lorde e as possibilidades de abordagem teórico-metodológicas desta categoria, a partir das experiências coletivas vividas por mim e as mulheres do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, grupo periférico que integro desde seu início em 2015. Ao sair da zona sul de São Paulo para Salvador no final da pandemia de Covid-19, carreguei comigo a identidade negra periférica e o olhar malicioso de quem se reconhece forasteira, no entanto, acredita na estratégia ancestral das encruzilhadas e das boas alianças neste transitar geopolítico e acadêmico.

Este texto introdutório apresenta um roteiro objetivo para a leitura da dissertação, no intuito de evidenciar a estrutura da pesquisa, as categorias escolhidas, o contexto social e político vivido pelo grupo e os diálogos estabelecidos entre o feminismo negro e os ativismos de mulheres negras. Apresento os parâmetros e direcionamentos teóricos adotados, evidenciando os objetivos, motivações e problemáticas escolhidas para observação e análise metodológica.

O ponto de partida desta dissertação é o texto *Caminhos para uma escrita erótica*, uma apresentação construída na tentativa de explicitar minhas motivações, escolhas teóricas e as possibilidades de aplicação da pesquisa, alinhadas às expectativas e desafios que me trouxeram à pós-graduação. Me apresento poeta, escritora, ativista e evidencio o legado negro na arte e na cultura, assumindo filiações a epistemologia feminista negra e decolonial, enquanto pesquisadora implicada com os estudos de gênero, localizando as mulheres negras periféricas, artistas e ativistas atuantes em territórios marginalizados do sul global, os quintais do mundo.

O pensamento de Audre Lorde sobre poder erótico é enunciado de início, com o intuito de direcionar a leitura crítica feminista para uma percepção teórico-metodológica deste conceito, considerando fatos, ações e a produção escrita das sujeitas ativa da pesquisa, em contato a teoria. Apoiada em Lorde, proponho rupturas com o pensamento colonial moderno sobre mulheres negras, erotismo e poder, transferindo esta emoção comumente associada apenas ao desejo sexual normativo, para um campo prático de coragem, percepção de si, autodefinição e reação, reconhecendo seu cunho político contra os valores da supremacia branca.

Ainda na apresentação, descrevo as sujeitas ativa da pesquisa, as integrantes da coletiva **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, suas relações com o território,

assim como alguns marcadores da periferia sul de São Paulo, intencionalmente destacados com o intuito de evidenciar os eixos de diferenças geopolíticas que este grupo apresenta, assim como as produções de saberes consolidados na arte e no ativismo periférico ao longo das décadas. Há intencionalidade discursiva em minha linguagem e adoto gírias e expressões, na tentativa de evidenciar o território, sua cultura e saberes localizados, oferecendo uma contra narrativa aos imaginários de escassez e violência.

O capítulo 1 está dividido em duas seções. Na primeira parte assumo o compromisso com o reconhecimento da memória de insubmissão e luta do Movimento de Mulheres Negras do país. Na revisão bibliográfica de Gonzalez (2020), Nascimento (2007), Carneiro (2003), Bairros (2008), Werneck (2010), Janja Araújo (2017) e outras pensadoras negras brasileiras, adoto a categoria mulher negra nos estudos feministas para legitimar suas contribuições e protagonismos com a resistência, a denúncia e a valorização do legado cultural negro brasileiro, a partir da continuidade política e das práticas seculares de organização, expressão cultural, reação e revide, apagadas pelo epstemicídio acadêmico.

Na segunda seção deste capítulo, revelo a cena cultural da zona sul periferia nos últimos 15 anos, a presença das mulheres negras nestes espaços e fatores determinantes para a consolidação de uma rede feminista na região. Relato esse período com a apuração do pensamento feminista negro, identificando as reações coletivas motivadas por denúncias e descontentamentos com os estereótipos e tratativas nos espaços socioculturais. Encerro este capítulo apresentando um breve histórico sobre o **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, explorando o contexto social e político que motivou sua formação em 2015, as dinâmicas de cuidado criadas pelo grupo e suas investigações pautadas no acolhimento e no reconhecimento das políticas de bem viver para mulheres negras.

No capítulo 2, em formato de carta, escrevo endereçada a Audre Lorde e carregada de emoções, exponho aspectos da minha vida pessoal, experiências dentro e fora do âmbito acadêmico e a pesquisa de mestrado em curso. Pontos de sua biografia são destacados, se alinhando ao impacto provocado em mim, ao ser apresentada a sua produção artística e intelectual, através de seus artigos, ensaios e poesias. Me envaideço com as familiaridades, concordâncias e expresso as muitas ligações que unem as trajetórias de existência e luta das mulheres negras da diáspora.

O terceiro capítulo é metodológico e meu campo de análise se direciona a rememorar os encontros do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**. Relato e evidencio a rotina do grupo e as dinâmicas de cuidado, acolhida e estudos criadas. No campo documental, analiso amostras de poemas, textos e composições das integrantes, incluindo poemas de meu livro autoral *Estado de Libido ou poesias de prazer e cura* (2020), objetivando revelar na esfera da literatura e da música produzida na periferia e por mulheres negras, as expressões de poder erótico tangenciada pela epistemologia feminista negra decolonial.

As escrevivências do grupo, apreendidas pelo pensamento de Conceição Evaristo e observadas pelo prisma da Pesquisa Ativista Feminista Negra de Rosália Lemos (2016) são os dispositivos metodológicos que me permitiram explorar qualitativamente suas experiências e produção artística, no qual pude identificar os discursos e ações que se alinham a práxis do poder erótico proposto por Audre Lorde e expressam agência, gozo, prazer e bem viver de mulheres negras enquanto política de resistência.

Ainda no terceiro capítulo, me rendo a Carolina Maria de Jesus e sua biografia de coragem e insubmissão. Considerei merecidamente válido observar sua vida e obra pelo prisma da epistemologia feminista negra e decolonial, considerando suas nuances de agenciamento feminino, crítica social e identidade negra, além da imensa capacidade de superação dos estigmas de raça, gênero e classe apresentados por Carolina, ao determinar seu destino como escritora e buscar a realização de seu projeto de vida, diante o descrédito e ataques de uma sociedade altamente apegada ao ideal escravocrata. Contrária aos padrões e normativas sociais, Carolina é um exemplo prático que nos oferece análises sociais em amplitude à compreensão feminista acadêmica, sobre as estratégias de resistência das mulheres negras.

O quarto capítulo retoma a perspectiva feminista sobre o poder de organização política das mulheres negras no país, produzidos através das expressões artísticas e culturais, em sua experiência na diáspora. Neste momento, discorro sobre a categoria gênero, partindo das minhas percepções vivenciadas em família e na comunidade negra e periférica a qual cresci e construí noções de mundo. Nos relatos sobre passagens da minha adolescência e juventude, intenciono a importância da presença e postura das mulheres insubmissas de minha família e os conflitos de gênero vivenciados nos espaços de socialização negra da cidade de São Paulo.

Proponho o desenganche epistemológico de Ochy Curiel (2019), para apresentar na segunda sessão do capítulo 4, um relato sobre as experiências coletivas e comunitárias com a arte e o ativismo, produzidas por mulheres da zona sul de São Paulo através das ações dos grupos *Capulanas Cia de arte negra*, *Periferia Segue Sangrando* e coletiva *Luana Barbosa*. Estas coletivas de mulheres, se somam a uma diversidade de ações e iniciativas de cunho feministas, que são produzidas na periferia de São Paulo e se tornam fundamentais para compreender a construção e o fortalecimento da rede de mulheres do território.

Encerro esta dissertação com uma segunda carta, agora dedicada às amigas e companheiras integrantes do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**. Nela elevo nossa identidade negra periférica, manifestando minha gratidão e orgulho do sólido e comprometido trabalho coletivo estabelecido com profundidade, a partir das ações do nosso grupo. Reverencio aspectos do poder erótico, evidenciando às transformações que se iniciaram em nossas trajetórias, após decidirmos nos reunir para a prática do cuidado mútuo e estudos sobre os feminismos.

Neste último texto, me sinto mais liberta aos recursos da linguagem e utilizo expressões e gírias comuns da comunicação estabelecida nas periferias, celebrando nossas escrituras em *Pretuguês* e reconhecendo os desafios assumidos com coragem e autonomia pelo grupo. É meu forte intuito pautar este trabalho acadêmico no âmbito do poder político e do protagonismo social das mulheres negras, no que tange suas ações e os conhecimentos que são produzidos em territórios marginalizados, legitimando a práxis feminista negra e decolonial para a ampliação dos referenciais teóricos e visibilidade de ações semelhantes no debate acadêmico.

Mergulho na palavra, com coragem e lucidez!

APRESENTAÇÃO

- Caminhos para a escrita erótica

“Não venha me dizer
 Tudo o que devo e não devo fazer
 Daqui pra frente
 O meu destino será diferente
 Já não dependo da sua aprovação
 Sou cria da rua
 Eu sou a própria escuridão
 Você não me deu nada
 Na minha vida foi só uma cilada
 Até quando eu vou ter que falar
 Que eu não devo me justificar
 Não me venha com regras
 Que eu sou a própria contradição
 Uma hora quero te ver
 Na outra não quero que me ponha a mão
 Saia daqui agora
 E volte quando entender
 Que eu não sou sua criada
 Não devo mais te obedecer
 A minha liberdade
 Vale mais que um milhão
 Sou deusa
 Sou rainha Respeita o meu não.”
 (Luana Bayô³. 2018)

De forma avassaladora, a escrita transborda, seja para desaguar o gozo que queima meus monstros em poesias, composições e textos soltos, seja nos momentos em que a fragilidade tenta intimidar meu poder erótico, em noites represadas de textos escritos, negados, apagados e reescritos. A autoestima não é linear, e por vezes, ameaça o sustento de minhas escolhas e autodefinições. E está tudo bem, pois, ainda sim, eu me levanto⁴.

Para esta investigação documental, minhas lentes se atentam aos paradigmas analíticos interseccionais, aplicados pelo feminismo negro e decolonial, considerando a diversidade das vozes, trajetórias, atuações profissionais e identidades políticas das sujeitas ativas de minha pesquisa, as integrantes da coletiva **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, grupo o qual integro e atuo desde sua idealização, localizado no distrito do Capão Redondo, região organizada por vários bairros e favelas no extremo Sul de São Paulo, território raiz de minha criação, vivência e identidade negra diaspórica.

³ Luana Bayô é cantora, sambista, compositora, pesquisadora e professora da rede estadual de ensino de São Paulo. Moradora da periferia da zona sul, integra o Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura.

⁴ Em referência ao poema de Maya Angelou (1978), “Still I Rise (Ainda assim eu me levanto)”.

O grupo é uma iniciativa negra pensada para o cuidado, estudos, oficinas, práticas ancestrais e holísticas entre mulheres e pessoas não binárias, moradoras dos bairros do Capão Redondo, Campo Limpo, Jardim São Luiz, Vila das Belezas, Jardim Ângela, Grajaú, Cidade Ademar e Vila Sônia. Com identidades, trajetórias e atuações diversas, essas mulheres estabeleceram fortes vínculos de afeto, parcerias e ativismo nas periferias.

Sobre as dimensões de poder erótico compreendidas e adotadas por mim enquanto categoria e método de análise de pesquisa partem do ensaio, *Os usos do erótico - O erótico como poder*, de Audre Lorde (2019[1978]), teórica e feminista negra pilar deste estudo. Seu pensamento nos instiga para uma profunda e subversiva reflexão sobre o tema, ao deslocar a compreensão exclusivamente sexual do erótico para uma dimensão prática, política e revolucionária para mulheres no enfrentamento a opressão colonial.

A autora reivindica o direito ao conhecimento e apropriação desta categoria pelas mulheres, sobretudo mulheres negras, enquanto recurso político e regulador da autodefinição, do autocuidado e da autopreservação negra. Uma estratégia de resistência e combate ao patriarcado racista, que possibilita criar estratégias de subversão as imposições e padrões atribuídos sobre nossos corpos, desejos e prazeres.

Distante das romantizações sobre a realidade da maioria das mulheres no mundo e dos discursos meritocratas de autoajuda, evolução humana ou espiritual, a autora teoriza sobre empoderar nossa capacidade de projetar expectativas reais sobre a própria vida e criar os meios necessários para sua realização. Segundo ela, “o erótico não diz respeito apenas ao que fazemos; ele diz respeito à intensidade e a completude do que sentimos ao fazer” (Lorde, 2019 [1978], p. 69)”, afirmando que não podemos temer nosso próprio poder.

O erótico se constitui, portanto, na capacidade de estímulo e coragem que cada mulher encontra, ao questionar a moralidade, o silêncio e o recato atribuídos pela concepção cristã sobre si e suas ações, reagindo de forma a estabelecer limites às amarras sociais. Para mulheres negras, recuperar a potência de vida corrompida pelo patriarcado racista, pode ser um combustível potente para ressignificar as distorções as quais são induzidas constantemente.

Subverter a lógica conservadora e racista em torno do erótico e da sexualidade é um ato político e um passo poderoso para a saúde e o bem viver das mulheres negras, que ao longo dos séculos lidam com a hipersexualização de seus corpos e sexo, sendo vistas naturalmente como lascivas e indecentes, ou seja, perigosas aos padrões patriarcais de afeto e família, portanto, merecedoras de pouco ou nenhum respeito.

Escrever é assumir o risco das palavras e sou uma poeta negra nascida e criada na periferia, acredito na construção política de imaginários mais condizentes com a experiência negra. O poder desta escrita brota nas brechas e fissuras do contexto das ruas, becos e vielas dos conglomerados urbanos da cidade, locais de resistência e mobilização política. O ser sujeita negra e periférica de minha pesquisa se posiciona a partir da marginalidade terceiro mundista do pensamento de Lorde (2019 [1978]), Anzaldúa (2000[1980]), Spivak (2010), Curiel (2019) e Figueiredo (2020), dentre outras, que reconhecem e atestam a práxis e o conhecimento descolonizado produzidos pelas mulheres desses locais, sendo assim, os quintais do mundo – periferias, favelas, subúrbios, comunidades, ocupações e demais territórios periferizados – configuram espaços de intelectualidades, a partir dos modelos de conhecimento produzidos por suas agentes.

Identificar a territorialidade geopolítica e seus marcadores sociais é uma ação consciente e intencional, assumida com o objetivo de possibilitar articulações com a epistemologia negra feminista conceituada por Collins (2019) através de suas interpretações teóricas sobre as experiências e pontos de vista das mulheres negras, ao estabelecerem seus saberes localizados (Haraway, 1995), no debate feminista acadêmico.

Portanto, proponho situar nos estudos sobre gênero mulheres e feminismos, o lugar de fala⁵, no caso desta pesquisa, a fala das mulheres negras, majoritariamente moradoras e agentes nas periferias. Ao marcar estrategicamente minha localização, me filio a Grada Kilomba e assumo que “não escrevo do centro, escrevo da periferia. Este é também o lugar da minha teoria, pois situo o meu discurso na minha própria realidade.” (Kilomba, 2019, p. 59).

Localizados na periferia da zona sul de São Paulo, os distritos do Capão Redondo, Campo Limpo e Vila das Belezas pertencem à Subprefeitura do Campo Limpo e juntos,

⁵ Djamila Ribeiro (2019) utiliza o “lugar de fala”, em confronto às estruturas de poder social branco e masculino, com ênfase no enfrentamento promovido por grupos sociais a margem da matriz de dominação.

abrigam um total de 607.105 mil habitantes, conforme o Censo do IBGE de 2020, com densidade demográfica de 16.542 hab/km². O Capão Redondo é o mais populoso dos três distritos, abrigando cerca de 268.729 moradores. O *fundão*⁶, ainda carrega as marcas dos altos índices de violência urbana vivido nas décadas de 1980 e 1990 e mobiliza um intenso ativismo sociocultural e artístico desde então.

A zona sul possui fortes laços com os movimentos sociais e a cultura Hip Hop está enraizada nas figuras de Mano Brown⁷ e Ice Blue⁸ moradores da região e integrantes do Racionais MC's, lendário grupo de rap nascido em 1988, com músicas e atuações políticas que marcaram gerações da juventude negra e periférica. Em 2020 o álbum *Sobrevivendo no inferno* de 1997, entrou como obras obrigatórias para o vestibular da Universidade de Campinas e em 2025, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH) concebeu ao grupo o título de Doutor Honoris Causa pela sua relevância social, histórica, intelectual e estética.

A zona sul abriga espaços de grande relevância na trajetória desta rede de mulheres, sobretudo, das integrantes da coletiva aqui estudadas. Os equipamentos públicos de cultura e os espaços não governamentais como a Associação Cultural Bloco do Beco⁹ e a Goma Capulanas¹⁰, são locais que atuam há décadas fomentando o debate social e agregando os valores populares da cultura negra e urbana do território.

Inúmeros movimentos de arte e ativismo negro, aqui tratados por artivismos¹¹, surgiram no território sul de São Paulo nas últimas décadas, uma crescente influenciada pelo sentimento de identidade e pertença, fortalecidos pelos movimentos negros e sua atuação sempre articulada com a arte, a cultura, a educação e o bem-estar social. Não há como negar a sólida contribuição da cultura do Samba, do Hip Hop, dos Bailes *Blacks* e da Capoeira para a consciência sócio racial de minha geração.

Sobre o Hip Hop, sua relação com esta pesquisa se mostra intrinsecamente ligada à forte influência na formação identitária e política das integrantes do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**. Ana Lucia Silva Souza (2011) afirma que nas décadas

⁶ Gíria popularizada pelo Hip Hop para se referir aos bairros da zona sul mais distantes do centro da cidade.

⁷ Pedro Paulo Soares Pereira: rapper e compositor do Racionais MC's. É Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB (2022).

⁸ Paulo Eduardo Salvador: rapper e compositor do Racionais MC's. Empresário e lutador de jiu-jítsu.

⁹ Bloco de carnaval com sede cultural desde 2002 no Jd. Ibirapuera, zona sul de São Paulo.

¹⁰ Casa aberta e espaço colaborativo da Cia Capulanas de Arte Negra.

¹¹ Pensamento sobre arte e cultura enquanto produtores de consciência crítica e conhecimento emancipatórios.

de 1990 e 2000, as ações e encontros de Hip Hop se tornaram grandes agências de letramento social nas periferias, pela “reflexão e crítica que faz em relação às desigualdades sociais e raciais” (Souza, 2011, p. 15).

Os discursos e debates raciais abordados pelas letras de rap e pelos discursos e denúncias proferidas por homens e mulheres mc’s, em meio as tensões sociais da época, formaram gerações de jovens ativistas nas periferias. Desde a década de 1980, quando o Geledés¹² estabelece apoio e parceria com as ações do Hip Hop, as mulheres se tornaram peças fundamentais para o fortalecimento e manutenção da cultura.

Sem a precisão do calendário gregoriano, sobre quando se inicia as tramas e encruzilhadas que movimentaram as mulheres da periferia sul até o surgimento do **Núcleo de Mulheres Negras - O amor Cura**, os relatos e experiências observados neste estudo são datados em sua semeadura a partir de 2010. Período que marca a consolidação do *movimento cultural de resistência na periferia* (Nascimento, 2011), com o fortalecimento das ações já existentes e o surgimento de novos coletivos de saraus, slams, audiovisual, artes visuais, teatro, dança, canto e grupos de fomento à cultura popular.

Apesar da presença e participação intensa das mulheres nos saraus, suas lideranças e representações eram - e ainda são - majoritariamente masculinas. Quando mulheres assumem algum protagonismo, sua atuação é condicionada à figura masculina mais próxima a ela. O sarau, assim como os demais espaços de ativismo cultural, não deixou de invisibilizar e reduzir mulheres negras ao papel de produtora ou “musa”.

Neste cenário, poetisas e artistas negras independentes furam a bolha de uma cena cultural altamente masculinizada, denunciando por meio da voz-escrita, as estruturas silenciadoras e subservientes às quais mulheres eram submetidas. Mergulho em reflexões sobre minha trajetória com a palavra, ocupando o lugar forasteiro e estratégico, como elaborado por Patrícia Hill Collins (2016) para refletir sobre as mulheres negras que assumem a marginalidade contra hegemônica no debate intelectual acadêmico, ao criarem elaborações teóricas, fundamentadas nas cosmopercepções¹³ de si, de suas comunidades e dos lugares em que transita.

Artistas negras independentes, através das ações do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, iniciaram estudos autônomos e processos de conscientização

¹² Instituto da Mulher Negra fundado em 1988 que tem por missão a luta contra o racismo e o sexismo.

¹³ Recorro ao conceito de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), para distinguir as elaborações de mundo que partem das culturas tradicionais africanas, valorizando a completude da interação dos sentidos, sem hierarquias.

negra feminista, tecendo escritivências¹⁴ sobre autodefinição, afeto, cuidado, sexo e sexualidade. Este repertório se apresenta nas narrativas que negam os padrões de mulheridade e os estigmas de sofrimento e dor, tão previsíveis nos marcadores sociais do país sobre mulheres negras nas periferias.

Direciono meu texto para a relevância das ações eróticas de mulheres negras periféricas, que aguçadas pelo arcabouço teórico crítico feminista e seguras de suas autodefinições, se apropriam da palavra, fazendo dela seu instrumento metodológico de autoconhecimento, agência, autoestima, linguagem e poder. Podemos reconhecer a reação crítica e consciente sobre os estigmas em relação ao seu afeto, sexo e sexualidade, possibilitando através da escrita, um imaginário com narrativas dissidentes em primeira pessoa, sendo elas (nós), protagonistas do próprio prazer.

Não há como negar a denúncia, as limitações e os impactos provocados pelos constantes tensionamentos às quais mulheres negras são submetidas direta e indiretamente. Somos testemunhas vivas da forma como as matrizes de desigualdades restringem talentos, acessos e oportunidades, no entanto, no cotidiano destas realidades criam-se também meios de reação, organização, conquista, celebração e gozo.

A prática ancestral do cuidado perpassa pela consciência política sobre a sua importância na vida de mulheres negras e elucidar estes aspectos, se apresenta na medida em que reconheço sua eficácia e observo a transformação dos silêncios em práticas de agência e mudanças, que a teoria feminista negra considera fundamental para a “construção de fatos e de teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras.” (Collins, 2016, p.102).

Exercito a escrita para que ela consiga transmitir as verdades e desejos não ditos pela imposição do silêncio, sem o apego a narrativas cristalizadas na dificuldade, falta, abandono e escassez. Em movimento individual e coletivo, recorro à primeira pessoa, ora no singular, ora no plural, assumindo o lugar de pesquisadora e sujeita ativa, uma investigadora do espelho e porta-voz da poesia que ainda não tem nome.

E não apenas por ser uma poeta, artista, pesquisadora e trabalhadora da cultura que mergulhou fundo, na experiência que proponho explorar sobre mulheres negras, feminismos, poder erótico e linguagem escrita, mas também é por ouvir o chamado das

¹⁴ Pensamento que Conceição Evaristo elabora a partir de 1994 para nomear a escrita literária da experiência negra no Brasil, sob a ótica do cotidiano, memórias e experiências de autores negros, revelando suas condições e enfrentamentos sociais.

vozes as quais assumo aqui, o compromisso em contribuir com o ecoar das narrativas de resistência e alianças pelo bem viver¹⁵ que mulheres negras constroem há séculos.

O ato da escrita, considerado corriqueiro e sem valor afetivo ou efetivo para alguns grupos, se torna um mergulho nas narrativas que serão rememoradas por mim neste estudo. Um profundo exercício analítico e metodológico sobre a trajetória política das mulheres negras no país, seus ensinamentos e os caminhos percorridos pela coletiva **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura** para a construção de uma consciência crítica feminista e erótica.

Uma oportunidade para reavivar memórias coletivas e enaltecer o valor e a importância da articulação política entre as mulheres negras, uma prática fundamental para minha trajetória pessoal e uma grande motivação para a escrita desta dissertação. Estar entre mulheres negras é a fonte que abastece o poder erótico da minha escrita, me reconhecendo nas bases do pensamento feminista negro brasileiro que segue em passos que vieram de longe¹⁶ e nos revelam que a escrita e a escrita erótica não são novidades contemporâneas na vida de mulheres negras.

Enalteço aqui, o tesão de viver *da ponte pra cá*¹⁷ percebendo que, ao aprendermos sobre nós, aprendemos também sobre como transformar nossas ações e nossos aquilombamentos em sólidas estruturas de pertencimento e *espaços potenciais de vida*¹⁸. Essas práticas serão observadas pela ótica feminista e/ou decolonial, na medida em que são construídas a partir de análises críticas de suas agentes, se tornando acessíveis e legítimas também para mulheres negras não atuantes no ativismo político ou acadêmico, mas que buscam o pensamento feminista para direcionar suas ações políticas e sociais.

As linguagens artísticas se apresentam como fontes teóricas de epistemologias negras e me atento à produção das mulheres nos últimos anos, nos eventos que serão aqui relatados, no intuito de refletir sobre a prática ativista das mulheres negras da zona sul diante o sexismo banalizado e as tensões exclusivas da categoria raça. Retomo o

¹⁵ Conceito de berço andino sobre as cosmopercepções e organização das comunidades tradicionais. Juliana Gonçalves (2022) se dedica a análise teórica, a partir da construção nacional da Marcha das Mulheres Negras de 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-28032023-203632/pt-br.php>

¹⁶ Frase de Fernanda Carneiro (2006), na obra *O Livro da Saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*, organizada por Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C. White.

¹⁷ *Da Ponte pra cá*, música de Racionais MC's, do álbum *Nada como um dia após o outro dia*. 2002.

¹⁸ Pensamento que a Doutora Regina Nogueira apresenta sobre organizações e espaços que oferecem cuidados físicos e emocionais para mulheres negras.

pensamento de Collins (2016) sobre o feminismo negro na perspectiva destas produções visto que “é impossível separar estrutura e conteúdo temático de pensamento das condições materiais e históricas que moldam as vidas de suas produtoras” (Collins, 2016, p. 101).

CAPÍTULO 1

- Erguer a voz! O Movimento de Mulheres Negras no Brasil: Denúncia, produção escrita e Feminismo Negro.

Eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam pra me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não durará muito para que depois elas apareçam para destruir você. (Audre Lorde).

Todos os caminhos em busca do pensamento teórico que forjam minha trajetória e as ações políticas construídas coletivamente entre mulheres negras, as quais integro e defendo ao longo deste estudo me levam ao reconhecimento que “a consciência da opressão ocorre antes de tudo por causa da raça.” (Gonzalez, 2020, p. 147). O Movimento Negro é incansável nos esforços por emancipação e reconhecimento social no país e Nilma Lino Gomes (2017) assertivamente atesta seu poder revolucionário, afirmando que “ao posicionar o racismo para a cena pública, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante.” (Gomes 2017, p. 21).

No que tange as categorias mulher e gênero, Sueli Carneiro (2003) apresenta total concordância com Lélia Gonzalez em 1988, ao criticar as limitações criadas pelo feminismo hegemônico, que universaliza e silencia as diferenças entre mulheres brancas, negras e indígenas.

O feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (Carneiro, 2003. p. 118).

Enegrecer o Feminismo, como Carneiro (2003) cunhou, se tornou urgente e necessário para a construção da consciência crítica e ações políticas alinhadas com a realidade das mulheres brasileiras. O Feminismo Negro no país atua com uma agenda agregadora, pensada não somente para os interesses de suas agentes, mas também para

toda uma rede de grupos sociais que direta ou indiretamente, serão beneficiários de suas conquistas.

Em visita recente a UFBA¹⁸, Angela Davis (2023) destacou em sua fala que a nascente do Feminismo Negro está no Brasil, fundada pelas mulheres negras organizadas nas bases da resistência e dos movimentos sociais, destacando as lideranças das religiões de matrizes africanas. O ativismo de mulheres negras brasileiras contra a opressão colonial é datado ainda no século XV com revides, rupturas, reações e posturas insubmissas contra a violência racial, de gênero e a exploração de classes.

Suas ações implementam a práxis do Movimento de Mulheres Negras no país e as múltiplas atuações culturais e políticas, as quais mulheres negras exercem a resistência e a solidariedade coletiva. Este é um ponto fundante para o feminismo negro e sustenta minhas observações sobre a prática e os processos de organização coletiva das integrantes do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura** e da rede de mulheres periféricas na zona sul de São Paulo.

Sojourner Truth (2014 [1851]) é a teórica feminista que anunciou conceitos de luta e ação política para mulheres negras na diáspora, ao se fazer presente no debate público pelo direito das mulheres no século XIX. *E eu, não sou uma mulher?!¹⁹* escancarou as diferenças impostas a sua condição de mulher negra. O discurso de Thrut (2014 [1851]) na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio em Akron (EUA) e as tentativas de silenciamento a sua fala, revelou as bases coloniais enraizadas nas articulações sufragistas da época e esse apontamento ainda é necessário, visto que o feminismo hegemônico perpetua bases escravistas e a seletividade em suas agendas.

O Feminismo Negro constrói suas alianças com a luta pelos direitos humanos, seja das mulheres, das pessoas não-binárias, das pessoas negras, da comunidade LGBT, das pessoas pobres, de povos originários. Ou seja, não há hierarquia, nem escolha sobre qual frente nos vale mais, pois raça, gênero e classe se apresentam como “um sistema de opressão interligado” (Akotirene, 2019, p. 21), que opera em função do capitalismo e do neoliberalismo. Esse sistema é absorvido intensamente por mulheres negras, mesmo por aquelas que aparentemente não se aproximam da teoria feminista ou dos movimentos

¹⁸ Angela Davis veio ao Brasil em julho de 2023 para o Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC).

¹⁹ Pergunta feita por Sojourner Truth em 1851, durante seu discurso na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio. Veja discurso completo em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

sociais. Há muitos meios de se fazer resistência e na essência da luta, há consciência ancestral de que não podemos ser livres na individualidade.

Sempre em marcha, a resistência negra se opõe às estruturas coloniais com protagonismo feminino. Jurema Werneck (2010) nos aproxima do espelho de Oxum, para refletirmos além do filtro colonizado da hegemonia e enxergarmos o poder feminista emancipador nas práticas desenvolvidas por mulheres negras longe dos auditórios e congressos. Reafirmar este protagonismo no debate acadêmico se tornou um mantra ecoado nos estudos sobre feminismo e movimentos sociais, por pesquisadoras compromissadas com a reparação e a memória negra, sobretudo, para o rompimento das condutas enviesadas e estigmatizantes.

Ainda de encontro com Werneck (2010), quando questiona se não é feminismo todas as formas de organização e resistência de mulheres negras na diáspora brasileira, ao longo deste capítulo, reconheço enquanto práticas feministas, as iniciativas de mulheres negras que questionaram, negaram ou subverteram as imposições de raça e gênero, na busca por emancipação de si e de outras mulheres, tendo elas declarado seu pensamento crítico ou não.

Evidencio as epistemologias do feminismo negro nas ações de sujeitas que mesmo sem se anunciar ou se compreender feminista, reagem contra a hegemonia colonial. Neste sentido, opto pelo uso da categoria Movimento de Mulheres Negras, para me referir aos feminismos exercidos em todas as formas de organização, resistência, cuidado, práticas religiosas e culturais desenvolvidas pelas mulheres negras na história deste país. O feminismo negro é o pensamento organizado e constituído a partir das experiências de mulheres negras.

Em uma conversa com a poeta Jenyffer Nascimento (2020), falávamos sobre a velocidade do sistema de apagamento social que mulheres negras experimentam, ao lembrarmos da saudosa poeta Tula Pilar²⁰ (1950 – 2019) e constatarmos seu desconhecimento social quase total, até a repercussão de sua morte. “Está tudo tão passageiro que a nossa geração é uma que, se não tomar cuidado e a gente mesmo registrar nossa história, em 10 ou 15 anos ninguém vai lembrar ou saber quem a gente foi, nem no movimento, nem na quebrada”. Disse-me a poeta na ocasião.

²⁰ Tula Pilar Ferreira foi poeta, dançarina e atriz. Publicou 2 livros autorais e participou de diversas antologias poéticas.

O compromisso com o legado e a memória de resistência das mulheres negras se tornou uma premissa de muitas coletivas e redes de mulheres no país e trago esse diálogo com a poeta para enaltecer os projetos e parcerias literárias empreendidas, registrando minha atuação também enquanto poeta-editora da literatura negra e periférica, desde 2012. Nos últimos anos tivemos uma explosão de lançamentos de livros, coletâneas, álbuns, espetáculos e materiais multimídias criados com o objetivo de pluralizar as vozes negras femininas.

Coletivas literárias negras ou de perspectivas feministas, organizam e registram narrativas sobre erotismo, maternidade, ancestralidade, saúde, afeto, luta e narrativas LGBTQIAPN+ de mulheres e pessoas não binárias negras e artistas. É um movimento de confiança no peso da palavra das nossas mais velhas e a inspiração para a continuidade deste minucioso e nem sempre valorizado, trabalho de resistência contra o epistemicídio cultural negro, compreendido enquanto:

estratégias de inferiorização intelectual do negro ou sua anulação enquanto sujeito de conhecimento, ou seja, formas de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão. Ao mesmo tempo, e por outro lado, o faz enquanto consolida a supremacia intelectual da racialidade branca. (Carneiro, 2003, p.10).

No campo da produção do conhecimento, a distorção do pensamento hegemônico sobre os saberes tradicionais, culturais e artísticos negro, insiste no esvaziamento crítico-teórico deste poderoso campo político de transformação social. O racismo brasileiro desvirtua o impacto descolonizador que as expressões culturais negras promovem. A arte e a cultura conectam a sabedoria popular com a sobrevivência e o letramento de seu povo, celebrando a organização social e a resistência nos conglomerados do país.

Lélia Gonzalez (2020) praticou o ativismo na academia, nos movimentos sociais e nas expressões culturais e artísticas negras. Integrou grêmios recreativos negros, prefaciou a antologia *Cadernos Negros*²¹ em 1982 e a obra *Eu, Mulher Negra Resisto* de Alzira Rufino²² em 1988. Especificamente em Salvador - BA, auxiliou na consolidação do Movimento Negro Unificado – BA e foi jurada na Noite da Beleza Negra promovida pelo Bloco Afro Ilê Ayê, fundado em 1975. “A Noite da Beleza Negra é considerado um ato de descolonização cultural” (Gonzalez, 2020, p. 216), afirma a autora reiterando seu

²¹Antologia literária e grande responsável por projetar a literatura negra brasileira. Teve sua primeira edição em 1978 e publica escritoras e escritores negros de todo o Brasil, revezando entre poemas e contos.

²²Alzira Rufino (1949 – 2023) escritora, enfermeira e ativista do Movimento Negro e de Mulheres, em 1990, fundou a Casa da Cultura da Mulher Negra em Santos -SP. Possui publicações em antologias, periódicos e revistas.

valor político e social, enquanto importante entidade de resistência negra da época. Sobre as manifestações artísticas e culturais negras brasileiras:

Pioneiras no sentido de demonstrarem que cultura é política com P maiúsculo, na medida em que, da maneira mais didática e prazerosa fazem com que a nossa etnia tome consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país como na de outros das Américas. (Gonzalez, 2020, p.243)

A autora enaltece a força da cultura negra brasileira, descrevendo suas cosmoprecepções ao adentrar a atmosfera dos blocos afros e atestar sua capacidade de promover a formação de uma consciência racial crítica e a recuperação subjetiva do poder erótico de mulheres negras, através da exaltação a sua descendência africana. A autora nos oferece uma análise de quem observou e se refletiu em muitas outras, mulheres negras que não sucumbem ao racismo, se reconhecem seguras de si e se permitem viver a celebração de sua beleza.

Em diálogo com o pensamento de Audre Lorde, podemos afirmar que através da celebração a sua beleza, mulheres negras acessam seu poder erótico em lugares íntimos de reconstrução da autoestima, se tornando assim, menos vulneráveis as armadilhas patriarcais de gênero e raça. O Ilê Ayê é um movimento revolucionário de alta complexidade, fundador de paradigmas para a estética negra e curador das cicatrizes coletivas de rejeição e escárnio, experimentadas por mulheres negras desde a infância.

As expressões artísticas e culturais negras atuam em um campo subjetivo profundo, pois conseguem alcançar intimamente a experiência de vida das pessoas que as vivenciam e sentem. *Ninguém faz Samba só porque prefere*²³, a gente Samba porque precisa da poesia cantada e sincopada para encarar a melodia áspera do injusto cotidiano negro. O corpo negro exala poder erótico e dança, joga, escreve, canta e vibra com vontade, para expurgar as doenças coloniais e energizar os passos da continuidade com tesa e lucidez.

As ritualísticas das rodas de candomblé, capoeira, samba, maracatu, poesia, rimas, ou *break*, entre outras linguagens, são frentes complexas de troca, ação e reação, apresentadas na perspectiva do ativismo negro e ultrapassando as limitações do entretenimento ou da arte pela arte. É o espaço do saber, do conhecimento e do reconhecimento social de um determinado grupo, a manifestação personificada das escrevivências de um ser sujeita negra na diáspora, em linguagens dinâmicas, corpóreas,

²³ Verso da canção Poder da criação de João Nogueira e Paulo César Pinheiro.1995.

ritmadas, gingadas, escritas e conectadas diretamente com a ancestralidade, o sagrado e o erótico.

É o gozo coletivo contra a colonialidade hegemônica, expressado em tecnologias de sobrevivência negra com alto rigor metodológico e criados com o mais profundo desejo de celebração e bem-viver! O pensamento de Lorde (2019 [1978]) nos encoraja ao erótico para romper com as matrizes de opressão e considera que em uma sociedade racista e patriarcal, os sacrifícios na vida das mulheres serão necessários para a libertação consciente com os pactos coloniais.

Muitas mulheres negras que empunharam resistência antes de nós, não sucumbiram ao medo, pois suas demandas de sobrevivência eram extremas. Se a consciência erótica requer coragem, mulheres negras ancestrais em alguma dimensão expressaram esse recurso, seja em âmbitos espirituais ou empíricos e promoveram ousadas ações na busca pela libertação de seus corpos e desejos.

Esta percepção me leva a compreender sobre um erótico que se mostra presente na insurgência e na insubmissão, daquelas que gritaram suas revoltas e estrategicamente silenciaram seus planos e magias contra a hegemonia colonial. Nas tramas da luta, cultura e arte, muitas terminaram suas jornadas invisíveis, cansadas e sem testemunharem em vida, os frutos e o reconhecimento – ainda que insuficientes – por suas contribuições sociais.

À exemplo, a Tia Ciata de Oxum²⁴, partideira respeitada que acolhia todas as pessoas sem restrições em seu quintal, cantava o Samba e entoava o discurso negro decolonial, enquanto exercia influência até com o governador do Rio de Janeiro, garantindo assim o direito às celebrações e práticas religiosas do candomblé para o seu povo. Sendo ela uma mulher negra retinta, nascida no recôncavo baiano e mãe de santo em exercício do sacerdócio na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, podemos afirmar que o poder erótico de Ciata, se expressa em sua ginga²⁵ ativista, que soube bem articular seus lugares de poder, respeito e prestígio, para o exercício político da resistência negra e resguardo das tradições culturais do Candomblé e do Samba.

²⁴Hilária Batista de Almeida (1854 – 1924), Ialorixá, benzedeira, sambista, articuladora política e empreendedora, considerada influente para a solidificação do Samba Carioca. Veja mais em: <https://www.tiaciata.org.br/home>

²⁵Recurso ao pensamento de Rosângela Janja Araújo (2017) que define ginga na perspectiva africana da Capoeira, como um recurso metalinguístico de iniciação para o movimento.

Para solidificarmos os valores do ativismo negro cultural e artístico, retomo Gomes (2017) que ao legitimar ideias iniciais sobre as organizações negras de Clovis Moura (1983), atribuiu ao Movimento Negro seu papel educador presente nas inúmeras e variadas práticas de resistência ao longo da história do país. Esse horizonte amplia a criticidade sobre a resistência negra, viés necessário para compreensão do ativismo e da resistência, sobretudo das mulheres negras contra a opressão colonial.

Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e das culturas negras no Brasil, de rompimento das barreiras raciais impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. (Gomes, 2017, p. 23-24)

Escrever é uma arte e para mulheres negras escrever também é um ato político de resistência e des-silenciamento que nos permite tornar sujeitas e honrar as iniciativas daquelas que dedicaram energia e desejo profundo de mudança, para a libertação negra. O cotidiano da grande maioria das mulheres negras no mundo contemporâneo, nem sempre permite contato com a palavra escrita. Seja pela falta de tempo e disponibilidade, ou pelo peso da estrutura colonial que nos distancia da caneta.

A coletânea *Vozes insurgentes de Mulheres Negras*²⁶ (2019) é uma das tantas obras desvalorizadas pela hegemonia do mercado editorial, porém Bianca Santana, jornalista, pesquisadora e organizadora do livro, como água²⁷, buscou meios estratégicos de viabilizar e distribuir gratuitamente a publicação. A cronologia sobre as narrativas de liberdade, nos registros autorais de mulheres negras brasileiras, datados do século XVIII à primeira década do século XXI, me Orí-entam nesta revisão bibliográfica.

Minhas pontuações neste capítulo incidem na tentativa de construir uma articulação teórica e metodológica entre escrita e o ativismo, formulando compressões sobre a consciência crítica, as práticas feministas e a agencia de mulheres negras ao longo da história do país, estabelecendo as relações com o pensamento de Audre Lorde sobre poder o erótico como “fonte de energia revigorante e provocativa para as mulheres que não temem sua revelação nem sucumbem à crença de que as sensações são o bastante” (Lorde, 2019[1978], p. 67). Nesta perspectiva, erótico não é apenas uma emoção ou um

²⁶ Coletânea organizada pela jornalista e pesquisadora Bianca Santana com 24 escritos de mulheres negras brasileiras do século XVIII à primeira década do século XXI.

²⁷ Em referência ao provérbio africano “a água sempre descobre um meio”.

sentimento sexual, mas também um instrumento de ação e reação a ser alcançado pelas mulheres que se encorajam.

Com lacunas históricas e sem a pretensão de completude na cronologia de atuação e protagonismo das mulheres negras nos processos emancipatórios do país, tomo como ponto de partida o ano de 1770, quando aos 19 anos a voz negra de Esperança Garcia²⁸, movida pela denúncia e desejo de mudança, se apropriou da palavra e escreveu de próprio punho, uma carta ao governador do Piauí denunciando os maus tratos sofridos por si e seus filhos.

Já Maria Firmina dos Reis, uma maranhense²⁹ furou as bolhas da literatura masculina e eurocêntrica publicando *Úrsula*, o primeiro romance brasileiro abolicionista em 1859. Agitou a cena literária brasileira ao trazer humanidade aos personagens escravizados em sua trama amorosa. Em epígrafe, a autora destila consciência crítica e ecoa para o futuro.

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo...que eu sirva de exemplos para outras. (Reis, 2004, p. 8).

O colonialismo hegemônico produz invisibilidade e apagamento de mulheres negras que assumem posturas contrárias, às imposições coloniais em momentos decisivos do país. As Mulheres da Frente Negra Brasileira³⁰, as *Frentenegrinas*, por exemplo, consideradas apenas damas do lar, praticavam o ativismo sociocultural em sua base e refletiam sobre sua condição de mulher, mas foram reduzidas a subserviência e diminuídas em suas ações.

No que tange aspectos das categorias mulher e gênero, a Frente Negra Brasileira reproduziu o sexismo, subalternizando e silenciando as vozes e o agenciamento das mulheres negras em suas iniciativas. Um de seus fundadores, Francisco Lucrécio, em entrevista concedida a Petrônio Domingues, reconhece que as mulheres negras “era um

²⁸ Nascida em 1751 na cidade de Nazaré – Piauí, foi reconhecida em 25 de novembro de 2022, pelo Conselho Pleno da OAB Nacional como a primeira advogada brasileira.

²⁹ Uma maranhense foi o pseudônimo de Maria Firmina em suas primeiras publicações. Mulher Negra escritora, compositora, professora, jornalista, nascida em 1822, na cidade de São Luís, Maranhão.

³⁰ Associação negra de assistência e bem-estar social, fundada em 1931 e presente em inúmeras cidades e estados do país com mais de 50 mil associados.

contingente muito grande, eram elas que faziam todo movimento” (Domingues, 2007. p 357).

Em insurgência e revolta neste período, Laudelina de Campos Melo (1904 – 1991) é um nome fundamental sobre mulheres negras que ergueram a voz contra os apelos escravistas sobre seu corpo e trabalho. Empregada doméstica desde os 16 anos, Laudelina era observadora das desigualdades sociais e trilhou trajetória nos debates e frentes políticas na década de 1930, ao se filiar à Frente Negra Brasileira. Corajosamente, levou para a esfera pública, as primeiras denúncias sobre as condições desumanas de trabalho oferecidas às mulheres negras, levantando debates e reivindicações por direitos trabalhistas que perduram nos dias atuais.

A imprensa negra do início do século XX, ofereceu pouco espaço para as mulheres negras integrarem e colaborarem com suas ideias e escrita em seus periódicos. E quando escreviam pouco pautavam as questões específicas sobre ser mulher ou ser negra, um indício do silenciamento sexista ou da ausência de uma percepção coletiva sobre estas categorias. Na contramão desta norma, Eunice Cunha (1915-2014) provavelmente foi a única jornalista e redatora mulher do *O Clarim da Alvorada*, um importante jornal da imprensa negra brasileira, idealizado em 1924 pelo ativista negro Jayme Aguiar. Eunice foi professora, ativista do movimento negro e considerada uma das percussoras do feminismo contemporâneo brasileiro. Levou ao jornal as primeiras pautas sobre igualdade de gênero e denunciou o racismo contra as trabalhadoras domésticas.

O Teatro Experimental do Negro – TEN – surge em 1944 com artistas e intelectuais negros reunidos por Abdias Nascimento (1914 – 2011) no Rio de Janeiro em uma proposta artística e educacional de formar um grupo teatral com elenco negro, composto por pessoas não artistas, nem ativistas, tais como empregadas domésticas, pedreiros, motoristas e outros trabalhadores. O grupo realizava aulas de teatro e de conscientização sobre a história e a condição do negro brasileiro, refutando a falácia da democracia racial.

Abdias cumpriu seu papel na articulação de um pensamento crítico e politizado para a arte e cultura negra, resgatando aspectos históricos das tradições presentes na música, dança, religiosidade e corporeidade. Com a adesão das mulheres negras, a lendária dama do teatro, Ruth de Souza (1921 – 2019) e outras, se multiplicaram em vozes e reivindicações contra o racismo e pelos direitos das trabalhadoras domésticas.

A coluna Fala Mulher do jornal *Quilombo*, foi um órgão informativo do TEN idealizado e gerido por Maria de Lourdes Valle do Nascimento (1924 – 1995), uma ativista e intelectual negra do pós-abolição. Sua coluna foi porta-voz das reivindicações sobre as práticas escravistas e as humilhações do trabalho doméstico. Na coluna da edição nº 4, ergue sua voz-escrita: “assim, sob o disfarce de um serviço de identificação do trabalho doméstico o que se pratica na polícia é o pré-julgamento de que a doméstica é uma ladra, uma criminosa.” (Nascimento, 2007, p. 36).

Não podemos perder de vista que o trabalho doméstico sempre favoreceu a vida social e política de mulheres brancas burguesas. Subordinadas aos seus maridos e famílias, para produzirem o pensamento sobre seus “problemas sem nome”³¹, o feminismo da chamada Segunda Onda³² nos Estados Unidos, se manteve nas raízes da supremacia branca, explorando mulheres negras no trabalho doméstico, atacando ativistas negras e promovendo o apagamento de pensadoras como Audre Lorde, Barbara Smith e Angela Davis. Estas e muitas outras se fizeram presentes na luta, realizando duras críticas às opressões raciais incutidas na universalização da mulher. As categorias ocidentais – Mulher e Gênero – ainda não conseguem agregar e proteger a diversidade de mulheres negras em sua integridade.

Ainda em crítica ao trabalho doméstico, mas já declamando que “a poesia faz alguma coisa acontecer” (Lorde, 2019 [1977], p. 105), neste meu transitar entre arte, escrita e ativismo de mulheres negras na história do país, Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) certamente ocupa uma posição de orgulho e honra pela ousadia na vida e o rompimento com os paradigmas literários. Carolina abandonou os abusos do trabalho doméstico e foi buscar nas ruas o sustento de sua família.

Os diários de Carolina publicados em *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada* (1960) e *Casa de Alvenaria – Diário de uma ex-favelada* (1961), são intensos em reflexões e análises sobre raça, gênero e classe, carregados de uma poética perturbadora e altamente realista. Na repetição dos acontecimentos na favela, ninguém escapa da desumanização produzida pela pobreza, no entanto, sua criticidade observa a experiência ainda mais degradante das mulheres negras.

A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão
ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do

³¹ Em referência ao livro *Mística Feminina*, de 1963, da intelectual feminista Betty Friedman.

³² Período iniciado nos anos 1960 de intensa luta por liberdade e direitos das mulheres nos Estados Unidos e outras partes do mundo, denunciando as opressões impostas pelos padrões de gênero.

barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (Jesus, [1960] 1992, p. 16).

Há uma legítima consciência sobre a condição social da mulher negra da favela, como também há o poder erótico e emancipatório do rompimento com a norma patriarcal imposta a afetividade das mulheres, quando a autora aponta ironicamente sua preferência pelas *valsas vienenses*. Carolina administrava uma ativa vida afetiva e sexual com homens, mas desviava radicalmente dos ideais de casamento. Havia outras prioridades latentes em seu horizonte e escrever era uma delas.

Em recorte para contemporaneidade da zona sul de São Paulo, tivemos Tula Pilar Ferreira (1970 – 2019), uma mineira insurgente, de pele retinta, corpo grande e língua afiada, que assim como Carolina, disse não à subalternização doméstica e decidiu ser escritora. Trabalhou em muitas funções majoritariamente ocupadas por mulheres negras e pobres, mas sustentou sua insubmissão.

Fugi da casa da patroa
Vassoura não quero ver mais
A caneta é meu troféu
Borda as palavras no papel
É tudo o que quero dizer
(Pilar, 2004, p. 20).

Pilar lançou em 2004 seu primeiro livro, *Palavras inacademicas*, e em 2017 seu livro de poemas eróticos, *Sensualidade de Fino Trato*, se esforçando para viver da arte e da poesia. Sua presença e poesia no movimento cultural periférico foi um espelho para mim e outras poetisas e escritoras negras periféricas. Para muitas de nós, Pilar foi a primeira artista negra que vimos declamar/performar poemas eróticos e seu poder instigou minha libido literária.

Sua passagem prematura aconteceu em 2019³³, ao passar mal com dores no peito, Tula foi a uma emergência da rede pública de saúde e orientada a voltar para casa. Ao se sentir mal novamente teve uma parada cardíaca, não sendo possível reanimá-la. Teria sido salva, se tivesse um atendimento mais eficaz e humanizado na rede de saúde? Nunca saberemos. Após sua passagem, tive a honra de co-organizar sua obra póstuma *Pilar*

³³ Veja em: <https://www.geledes.org.br/morre-a-poeta-tula-pilar-seguidora-de-carolina-maria-de-jesus/>

*Futuro Presente - Uma antologia para Tula*³⁴, compilando boa parte de sua produção literária e um capítulo de homenagem das mulheres negras artistas da zona sul, que lhes dedicaram cartas.

Já a antologia *Cadernos Negros* é sem dúvidas, a representação fiel e bem-sucedida da força política que o Movimento Negro exerce nas expressões artísticas e culturais. A fundação do coletivo *QuilombHoje*³⁵ surge na urgência em publicar autores negros, discutida pela intelectualidade negra de São Paulo, que praticava o ativismo em rodas de poemas e debates literários, desviando das perseguições e monitoramento do governo ditador brasileiro do final os anos 1970.

Com apoio de ativistas, o coletivo reuniu forças de trabalho intelectual e recursos próprios, para lançar a primeira edição da antologia em 1978, apresentando a literatura de oito poetas negros brasileiros. O nome *Cadernos Negros*, foi inspirado nos cadernos de Carolina Maria de Jesus como revela Hugo Ferreira em entrevista à pesquisadora Aline Costa.

Em 1977 tinha morrido a Carolina (Maria de Jesus), e ela escrevia em cadernos; a gente também escrevia nossas poesias em cadernos, somos da geração anterior ao computador e muita gente não tinha máquina. Uma coisa muito simples se tornou uma coisa muito forte, os cadernos eram algo nosso (Costa, 2008, p. 25).

As jovens Ângela Lopes Galvão, de 24 anos, e Célia Aparecida Pereira, de 22, foram as primeiras escritoras negras publicadas na antologia. Não encontrei informações biográficas sobre elas. A partir de 1982, a poeta e jornalista de São Paulo Esmeralda Ribeiro, passa a integrar a organização da antologia, publicando seus poemas e provocando a presença de mais mulheres escritoras.

Nos anos de 1980 e 1990, *Cadernos Negros* possibilitou que escritoras até então desconhecidas, surgissem na cena literária negra do país. Com exceção a Geni Guimarães (SP) que já havia publicado poemas em 1973, Conceição Evaristo (MG), Lia Viera (RJ) e Miriam Alves (SP) são algumas das muitas escritoras que iniciam suas carreiras publicando em *Cadernos Negros* e possuem suas trajetórias entrelaçadas na arte e no

³⁴ Veja em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2019/09/19/livro-sobre-a-obra-de-tula-pilar-e-lancadoem-feiraliteraria-da-zona-sul-de-sp/>

³⁵ Coletivo Negro criado por poetas, intelectuais e ativistas em São Paulo, que desde 1978 investem na publicação anual da antologia *Cadernos Negros*, organizada por Esmeralda Ribeiro e Marcio Barbosa.

ativismo negro, fazendo da escrita poética seu lugar de luta, intelectualidade e expressão artística.

No contexto erótico, em 1984 Miriam Alves publicou em *Cadernos Negros* os seguintes versos: *Lambada de chicote com a língua / Invadem o céu da boca / deságua chuva do desejo / retidos nas nuvens do querer / soltando-se na trovoadade de prazer*. O transbordar erótico e político que a autora³⁶ expressa em prosa e poesia é aquele que desconfigura o imaginário social brasileiro, através de narrativas de prazer e gozo consciente, autônomo e insubmisso aos padrões heteronormativos. Em algumas publicações no início de sua carreira, Miriam Alves recorreu ao heterônimo Zula Gibi, uma estratégia de autoproteção contra os ataques que recebia por publicar poemas e contos lesboafetivos.

Cadernos Negros promove a consciência negra no âmbito literário, *arrancando as máscaras brancas, pondo fim a imitação*, como apresenta o texto coletivo da primeira edição em 1978, em referência a Frantz Fanon (1952). Há 45 anos, poetisas e escritoras negras de todo o país encaminham suas produções para a seleção dos poemas, ou contos que vão compor a edição. Gerações negras de todo o país e em diferentes contextos sociais vivem a experiência deste aquilombamento negro literário.

O período pós-ditadura ao final dos anos 1980, foi emergente para inúmeras pautas e agendas políticas de retomada da democracia. As mobilizações sociais e o engajamento político com o cotidiano das favelas, comunidades e territórios periféricos, promoviam tensões por moradia popular, contra a alta dos alimentos, os índices de violência policial, a falta de vagas nas escolas e o acesso à saúde pública. Um grande contingente de mulheres negras se insere diretamente nestas ações nas periferias.

Danielle Regina de Oliveira (2019), educadora e ativista nascida no Capão Redondo - SP, realizou em sua pesquisa de mestrado, um estudo sobre o histórico de mulheres periféricas na mobilização social de São Paulo através dos Clubes de Mães nos anos 1970 e 1980. Com iniciativas em todo o país, os Clubes de Mães nas periferias eram constituídos por mulheres diversas que promoviam ações socioculturais, debates sobre questões sociais e sua condição de mulher.

A elaboração de um pensamento social feminista negro no país a partir da década de 1970, se constrói na medida da urgência por uma agenda política que seja conduzida

³⁶Miriam Alves é escritora, assistente social, professora, ativista e poetisa. integra a primeira geração de poetisas da antologia *Cadernos Negros*.

pelas e para as Mulheres Negras, uma vez que suas demandas e ações estavam invisibilizadas dentro dos movimentos sociais. Sob acusações infundadas e tentativas frustradas de diálogo com a agenda feminista e antirracista, Lélia Gonzalez nos projetou para a compreensão do sujeito político Mulher Negra, reivindicando suas contribuições nas esferas econômicas e sociais.

As opressões geradas a partir da categoria Mulher Negra pesam de acordo com as condições e rupturas sociais assumidas por suas sujeitas – ser lésbica, pessoa não binária, periférica, gorda, velha, com deficiência – e estas opressões interligadas, vão regulando e restringindo a atuação e o trânsito das mulheres negras no mundo. “A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Akotirene, 2019, p. 48).

É importante ressaltar que a inserção social de mulheres negras nas esferas políticas e na produção do conhecimento, exigem boas doses de observação crítica, resiliência e ginga. O feminismo hegemônico não abandona seus ideais brancos ao negar a categoria raça em sua base de luta política, assim como precisa assumir compromissos efetivos com o antirracismo e contra os privilégios da branquitude. É preciso encarar de frente e sem hierarquias das opressões, as estruturas sociais as quais vivemos.

Para serem ouvidas, Mulheres Negras precisam praticar o exercício de se reconhecerem estrategicamente *outsiders* sustentando através do autoconhecimento e da consciência crítica, o deslocamento dos estereótipos atribuídos a si, para então assumirem a subversão do silenciamento e apagamento intelectual. Um rompimento que amplia nosso campo teórico para o debate a partir dos saberes locais e contemporâneos sobre raça, classe, gênero, sexo e sexualidade.

A Ginga Feminista é decodificada por Mestra Janja (2017) na esfera da sagacidade desenvolvida pelas mulheres negras capoeiristas da Bahia no início do século XX, ante as explícitas “situações de permanentes tensões e ampliadas pela quebra do decoro moral na forma de ser mulher” (Araújo, 2017, p. 9). Mulheres Negras entraram na roda e impuseram sua presença e ação, na prática política e sociocultural da capoeira, exercida no contexto da rua e sob os estigmas da marginalização e criminalidade.

Na práxis e na teoria, há um sistema estrutural de negligências e desprezo com as produções e o legado de mulheres negras. E quando conseguem algum espaço e reconhecimento, logo são condicionadas as armadilhas e disputas na busca por legitimidade e reconhecimento social. É um campo hostil e Lorde (2019[1983]) nos alerta

somos mulheres negras nascidas em uma sociedade de arraigada repugnância e desprezo por tudo o que é negro e que vem das mulheres. Somos fortes e persistentes. Também temos cicatrizes profundas. (Lorde, 2019 [1983], p. 191).

Mestra Janja (2017) reconhece a Ginga como um recurso de iniciação para o movimento e partindo deste ensinamento, para a construção da teoria feminista negra brasileira, reitero o legado do I Encontro Nacional de Mulheres Negras – ENMN, na cidade de Valença – RJ, em 1988, que unificou iniciativas já desenvolvidas em muitos estados brasileiros e consolidou o Movimento de Mulheres Negras no país. O encontro reuniu cerca de 450 pessoas de 19 estados brasileiros e marcou definitivamente a criação de uma agenda política contemplativa às reivindicações de mulheres negras.

Estavam presentes entre muitas, Mãe Beata de Iemanjá, Luiza Bairros, Benedita da Silva, Sueli Carneiro, Nilza Iraci, Iêda Leal, Graça Santos, Alzira Rufino, Nilma Bentes e Matilde Ribeiro, que discutiram as dimensões do racismo e do sexismo nas esferas do trabalho, educação, saúde, política, afeto e sexualidade. Atividades artísticas e culturais fizeram parte da programação, agregando o compromisso com o ativismo artístico e legado cultural negro. As atividades com mulheres negras de todo o país promoveram reflexões cruciais sobre as dimensões raciais e políticas, presentes na diversidade cultural dos territórios brasileiros.

No que diz respeito ao perfil da coletiva **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura**, os letramentos o qual forjamos identidade e resistência, estão fundamentalmente nas expressões artísticas e culturais negras e no ativismo sociocultural que marcou o início dos anos 2000 nas periferias de São Paulo. Integro uma geração de mulheres negras periféricas que se filiaram ao ativismo e ao feminismo negro, provocadas pela arte e pela denúncia no meio em que estávamos inseridas.

Sobre a memória e o ativismo de mulheres negras, Collins (2016) observa e avalia a importância da arte e da cultura, como poderoso instrumento da expressão criativa por promover reflexões e a consciência crítica capaz de subverter as imposições coloniais, fortalecendo as construções de outras narrativas e proposições políticas.

Outra dimensão da cultura das mulheres negras que tem gerado interesse considerável entre as feministas negras é o papel da expressão criativa em moldar e sustentar as autodefinições e autoavaliações de mulheres negras. Além de documentar as conquistas das mulheres

negras como escritoras, dançarinas, músicas, artistas e atrizes, a literatura emergente também investiga porque a criação expressiva tem sido um elemento tão importante da cultura das mulheres negras. O ensaio clássico de Alice Walker (1974), *In search of our mothers' gardens*, explica a necessidade da criatividade das mulheres negras, ainda que em esferas muito limitadas, para resistir à objetificação e afirmar a subjetividade das mulheres negras como seres plenamente humanos. (Collins, 2016, p. 14).

Para subverter a pressão das normativas sexistas, binárias e racializadas sobre as mulheres negras na sociedade global que vivemos, Collins (2016) retoma aspectos da cultura negra diaspórica presentes na expressão criativa de mulheres negras através das artes e da cultura e sua capacidade de abarcar uma série de elementos culturais que cumprem o papel de sustentar as autodefinições e autoavaliações das mulheres negras, interseccionando arte e ativismo negro.

Para traçar o perfil das mulheres do **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura**, se faz necessário, ainda que restrito, este resgate histórico de mulheres revolucionárias do seu tempo. Os marcadores traçados nesta revisão bibliográfica não comportam a abrangência teórica-metodológica, sobre o ativismo praticado ao longo da história de luta e emancipação social do país. Esperanças, Ciatas, Marias, Antonietas, Laudelinas, Carolinas, Lélias, Stellas, Luizas. Alziras e Tulas, se fizeram presentes no mundo em segmentos sociais diversos, enfrentando corajosamente as armadilhas coloniais do racismo e do sexismo, em compromisso com as mudanças de seu tempo.

- Terra Fértil: O bar, o sarau e a poesia – Do silêncio ao grito/Do grito ao silêncio.

Em contato com o erótico, eu me torno menos disposta a aceitar a impotência, ou aqueles outros estados do ser que nos são impostos e que não são inerentes a mim, tais como a resignação, o desespero, o auto apagamento, a depressão e a autonegação. (Audre Lorde)

Nas periferias de São Paulo, os últimos 20 anos foram marcados pela reestruturação e o fortalecimento de um intenso cenário cultural e ativista, muito influenciado pelos movimentos sociais e pelas culturas populares e negras, projetando uma juventude consciente e de voz ativa, produtora de arte e cultura em diálogo com a identidade do território.

A cultura Hip Hop e o Samba, já compreendidas em suas dimensões sociais se articulam com outras frentes de ação social, promovendo assim a reconstrução dos estigmas de medo e vergonha, que muitos de nós sentíamos por morar nos distritos do Capão Redondo, Jardim São Luís, Jardim Ângela e Campo Limpo. A partir dos anos 2000, a ideia de que *a periferia é o centro* assumia o lugar de compromisso com o ativismo, a valorização e a celebração das pessoas e da cultura produzida nas margens da cidade.

Ana Lucia Silva Souza (2011), dedicada aos estudos interdisciplinares sobre o Hip Hop há 24 anos, afirma seu poder social e educativo, ao “recriar, de maneira singular, as práticas culturais e educacionais que marcam o movimento social negro nas diferentes épocas, desde a chegada dos negros africanos no Brasil” (Souza, 2011, p. 43). A atuação educadora dos Movimentos Negros nas periferias, através da difusão e do apoio às ações socioculturais abasteceu uma juventude pulsante e consciente do seu direito ao acesso a cidade. A cultura negra é minha fonte primária de teoria, difusão de saberes e intelectualidades.

Os primeiros saraus periféricos surgem no início dos anos 2000 e influenciados pelo Hip Hop, se configuraram em espaços de construção política e articulação social, seguindo as iniciativas e projetos socioculturais da época. Os índices de vulnerabilidade nas periferias eram denúncias constantes do Movimento Negro, das expressões culturais urbanas e da militância de base, despertando forte engajamento político de seus moradores. Havia urgência em sair das manchetes policiais e inúmeras organizações reivindicavam educação de qualidade e implementação de políticas públicas de cultura e lazer nas periferias.

As poetas Jenyffer Nascimento³⁷ e Elizandra Souza³⁸, as artistas da Capulanas Cia de Arte Negra³⁹, o Grupo Umoja⁴⁰ e o Mestre Salloma Salomão⁴¹ são alguns dos vínculos profundos de irmandade, espiritualidade, ativismo, trabalhos e sonhos, que estabeleci

³⁷ Jenyffer Nascimento é poeta, educadora e artista. Integra os grupos Periferia Segue Sangrando e Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura. Autora de *Terra Fértil* (2014).

³⁸ Elizandra Souza é escritora, jornalista e ativista. Fundadora do coletivo Mjiba de mulheres negras. Possui 3 livros autorais e diversas participações em antologias.

³⁹ Grupo de teatro negro, memória e pesquisa fundado em 2007 por mulheres negras da periferia sul de São Paulo. Investiga e aborda as identidades, práticas ancestrais e cuidado entre mulheres negras.

⁴⁰ Nascido em 2007, o grupo Umoja pesquisa as culturas populares afro-brasileiras trazendo as expressões do maracatu, sambas de coco e de roda. Radicado no extremo sul de São Paulo.

⁴¹ Em sua autodefinição: um artista afro-periférico. Músico, escritor, professor, africanista. Doutor em História Social, PUC-SP (2005). Possui cds, dvds e artigos sobre culturas musicais e teatro negro.

neste contexto. No encontro com esta rede de artistas, poetas e escritoras da zona sul, nos reconhecemos também ativistas e trabalhadoras da cultura, educação, assistência social e saúde, formando outras frentes de parcerias e atuações na periferia.

Sobre os saraus e seus movimentos literários, a pesquisadora e professora Érica Peçanha (2011), mulher negra da zona oeste da cidade apresenta em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social (USP), marcos históricos sobre a literatura emergente nas periferias de São Paulo no início dos anos 2000. No doutorado, Peçanha (2011) traz aprofundamentos sobre a consolidação dos saraus periféricos enquanto espaços de cultura, lazer e participação política-social, ressaltando sua produção independente e o mercado cultural periférico, marcado pela presença e atuação de mulheres escritoras.

Os saraus organizados na última década tornaram-se significativas instâncias de circulação e legitimação de outros produtos literários de escritores periféricos, tanto pelos eventos de lançamento e comercialização de livros, como pela organização de novas antologias literárias. (Nascimento, 2011. p.136).

Publiquei minha primeira poesia autoral em 2010, após um convite do Sarau do Binho, que acontecia semanalmente em um bar do Campo Limpo. Foram semanas escolhendo o texto, apaguei, reescrevi e várias vezes desisti, depois voltei atrás e encaminhei no último prazo. Senti o compromisso em agregar o *quórum* de escritoras negras, sempre muito baixo nas antologias literárias. De uma maneira geral, a quantidade de mulheres convidadas para publicar é visivelmente menor que a de homens. Publicar naquele momento de intensa agitação cultural foi o marcador de quem iniciava um processo de percepção pessoal e pública, por meio da poesia negra feminina.

Raça, classe, gênero são categorias entrelaçadas na vida de mulheres negras em configurações bem específicas, que são sentidas e identificadas intensamente, mesmo por aquelas que não se intitulam feministas, nem dominam teorias e elaborações conceituais sobre os temas. A experiência das opressões leva mulheres a criação de ações e políticas do cotidiano, termo utilizado por bell hooks (2017) quando se refere às estratégias de resposta, apoio e mudanças das realidades sociais vividas por determinados grupos sociais.

No cotidiano das mulheres artistas e ativistas da cena cultural periférica, as dinâmicas de gênero aconteciam no âmbito público e no privado, envolvendo algumas vezes, os homens que atuavam no território. Nos encontrávamos nos saraus e por vezes,

o assunto girava em torno da revolta ou a urgência em oferecer suporte para alguma “mana” em situação de vulnerabilidade, abuso ou violência doméstica.

Articulações e debates feministas já promoviam tensionamentos na cultura e no ativismo social realizado no território. Relatos de agressões racistas e sexistas circulavam em nossas conversas e a denúncia sempre esteve presente nos discursos e linguagens artísticas do teatro, literatura e música produzida pelas mulheres.

Em uma noite de 2010 na Cooperifa⁴², as artistas integrantes da Capulanas Cia de Arte Negra vivenciaram uma cena repugnante de racismo e assédio sexual, praticada por um poeta residente⁴³ do sarau. O caso foi bravamente exposto ao microfone e cobrado posicionamentos da organização. No mesmo período, outro episódio de violência de gênero aconteceu em uma noite de sarau na sede da Vila Fundão, time de várzea do Capão Redondo. Uma mulher frequentadora do sarau foi vítima de importunação sexual, xingamentos e ameaças deferidas por um homem, MC e poeta, ao ouvir um não, em resposta às suas investidas sexuais.

Estes dois episódios relatados sucumbiram junto a outras denúncias, em uma reunião somente para mulheres, realizada na casa de uma das vítimas uma semana após o ocorrido. A presença feminina foi massiva e relatos de assédios e constrangimentos foram expostos por diversas mulheres. As estruturas patriarcais estavam desveladas coletivamente e dimensionamos as dinâmicas de opressão a qual estávamos inseridas.

Reflexões sobre as dimensões subjetivas em ser mulher periférica e os desgastes da vida doméstica e social nos extremos da cidade foram compartilhados naquele encontro, alinhando aspectos coletivos sobre classe e geopolítica. A partir dos questionamentos sobre as opressões que estavam acontecendo, foram pensadas ações de enfrentamento público e meios para nossa sobrevivência no movimento cultural. Nos reconhecemos companheiras de luta e grupo social “mulheres periféricas” ou “mulheres da zona sul” como nos referimos.

Neste primeiro movimento coletivo, tínhamos um agrupamento plural de mulheres negras, brancas e indígenas de identidades e afetividades diversas, compartilhando as primeiras indicações de leituras sobre teoria feminista. O envolvimento e a repercussão sobre os dois episódios relatados, me conectou diretamente

⁴² Cooperativa Cultural da Periferia, coletivo criado em 2000 que realiza semanalmente um sarau no bar do Zé Batidão, na região do Capão Redondo, periferia Sul de São Paulo.

⁴³ Poeta residente é aquele que também realiza a mobilização e organização do sarau.

com as mulheres negras que frequentavam a cena cultural e fomos nos reconhecendo poetas, artistas, ativistas, mães, amigas, parceiras e amantes.

As nuances do racismo e do sexismo não passam despercebidas aos olhos daquelas que em algum momento de suas vidas decidem tirar a máscara⁴⁴ e encarar seu reflexo social, avaliando profundamente suas decisões e escolhas. A experiência de refletir sobre quem somos e o que fazem de nós é escandalosamente reveladora a mulher negra, constantemente distanciada ou dissimulada da sua autêntica humanidade, pelos estigmas e estereótipos.

A prática de produzir teoria a partir da própria experiência é o método epistemológico que o feminismo negro atesta enquanto luta. Ainda na década de 1960, nas vozes das ativistas afro estadunidenses, que enfrentavam duros ataques sexistas e racistas nos movimentos de direitos civis e feminista dos Estados Unidos. Neste contexto, o manifesto de 1978 da coletiva Combahee River⁴⁵, nos lembra que anterior a construção teórica e acadêmica do que hoje nomeamos luta feminista ou feminismo, mulheres negras ativistas já existiam, portanto, “o feminismo negro contemporâneo é o resultado de incontáveis gerações de sacrifício pessoal, militância e trabalho de nossas mães e irmãs.” (The Combahee River Collective, 2019 [1978], p. 198).

Ao nomear como feminismo, todas as formas de resistência de mulheres, praticadas desde os primeiros sequestros para a escravização do corpo e trabalho negro, a Combahee River (2019 [1978]), assim como Jurema Werneck (2010), promovem um necessário reajuste na cronologia das ondas feministas, trazendo à vista aquelas que mergulharam para luta em mares antigos. Mestra Janja Araújo (2019) reconhece o poder destas “mulheres cujos conhecimentos de si estavam grafados em práticas comunitárias e cotidianas, em sopros criativos de presentificação do passado-futuro como leitura do vivido, renovando luta e celebração.” (Araújo, 2019, p.555), em referências as capoeiristas e as opressões de raça e gênero que encararam no país no século XX.

Pensadoras e ativistas negras brasileiras, assumidas feministas ou não, confluíram em teorias de concordância às críticas sobre a hegemonia feminista e o sexismo do movimento negro, pois enfrentavam estas mesmas questões. E produziram uma série de

⁴⁴ Em referência ao ensaio *A máscara* de Grada Kilomba (2019). Para a autora, a máscara do silenciamento é introjetada pelo colonialismo com a função de provocar a mudez e o medo nas mulheres negras.

⁴⁵ Combahee River Collective foi uma coletiva negra e lésbica, formado em 1974 por mulheres negras estadunidenses, dentre elas Barbara Smith, Cheryl Clarke e Audre Lorde.

estudos, registros e materiais que se tornaram marcadores históricos sobre a experiência da mulher negra brasileira, conforme explica Sueli Carneiro (2003).

O movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negro e de mulheres. (Carneiro, 2003, p. 3).

Nos saraus, a denúncia invadiu os microfones nas poesias, textos e manifestos das poetisas e artistas negras. Ao adotar a palavra, percebeu-se que “escrever contra significa falar contra o silêncio e a marginalidade criados pelo racismo” (Kilomba, 2019, p. 69). Nesta atmosfera, as poetisas passaram a frequentar juntas e estrategicamente se incentivarem a irem ao microfone em resistência e resposta ao sexismo. O poema de Débora Marçal⁴⁶ intitulado *Domesticar* e publicado na antologia *Pretextos de Mulheres Negras*, traz a denúncia:

Violência doméstica
É levantar a voz
Quando já tem um pênis social
Para se esconder por trás

Violência doméstica
É ameaçar que vai bater
Quando o peso do seu braço
É quase o peso do corpo do outro

Violência doméstica
É o olhar feio
Que faz o corpo inteiro se calar para sempre

Violência doméstica
É pedir desculpas depois de uma tentativa de homicídio

Violência doméstica
É proferir palavras de baixo calão
Contra a liberdade de expressão alheia

Violência doméstica
É ameaçar
Mesmo quando não vai completar as outras violências

Violência doméstica
É só um se embriagar

⁴⁶ Atriz, dançarina, produtora e design de joias. Pesquisadora das artes do corpo desde 1998, é co-fundadora e intérprete da Capulanas Cia de Arte Negra. Integra o Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura.

E todos os outros pagarem com sangue a covardia

Violência doméstica
É domesticar!
(Marçal, 2013, p. 21)

Na afinidade e na troca com as mulheres negras frequentadoras do saraus, íamos observando as relações e identificando os fatores específicos de raça e gênero. Em códigos de comunicação não verbal, era explícito que havia uma tendenciosa informalidade na forma como alguns homens abordavam as poetisas e artistas negras, banalmente induzidas às esferas sexuais e convenientes às posturas masculinizantes do bar, local onde aconteciam a maioria dos saraus. Em diversas entrevistas, Conceição Evaristo sempre nos lembra que o racismo brasileiro produz um imaginário social que não reconhece mulheres negras como escritoras e neste aspecto, os saraus periféricos, mesmo considerados espaços antagônicos e insubordinados aos padrões eurocêtricos da literatura, não deixaram de estigmatizar a presença e a poesia das escritoras negras.

Em outra dinâmica racial percebida, muitos escritores remetiam a mulher negra, o lugar da musa inspiradora de sua poesia e alguns coletivos intitulavam musas, as poetisas mulheres negras que trabalhavam na organização do sarau. No entanto, em muitas ocasiões estas mulheres eram condicionadas apenas ao trabalho ou desconsideradas em seu valor como escritora e também protagonista da cena. Luiza Bairros (2008), intelectual e ativista de intensa participação social, realizou denúncias sobre o que considerou uma “prática do confinamento das mulheres negras ao tarefismo, à ausência de representatividade efetiva” (Bairros, 2008. p. 140).

Coletivamente íamos nomeando as estratégias de silenciamento e subserviência colonial, desenvolvendo elaborações iniciais sobre feminismo negro, na medida em que percebíamos também algumas conveniências sobre nossa presença. Muitas pautas sobre racismo e sexismo estavam em alta no debate público e se estendiam para as mobilizações e as produções literárias, sendo então, estratégico para alguns organizadores, a presença negra e feminina em sua atividade.

Os casos de feminicídios banalizados nas grandes mídias nos atravessavam na mesma medida em que questionávamos as estruturas e os lugares condicionados às mulheres na cena cultural periférica. Elizandra Souza (2012) escreveu um poema intitulado *Em legítima defesa* e seus versos diziam:

Só estou avisando, vai mudar o placar....

Já estou vendo nos varais os testículos dos homens
 Que não sabem se comportar
 Lembra da Cabeleireira que mataram outro dia?
 E as pilhas de denúncias não atendidas?
 Que a notícia virou novela e impunidade
 É mulher morta nos quatro cantos da cidade

Só estou avisando, vai mudar o placar....

A manchete de amanhã terá uma mulher
 De cabeça erguida dizendo:
 - Matei! E não me arrependo!
 Quando o apresentador questioná-la
 Ela simplesmente retocará a maquiagem
 Não quer estar feia quando a câmera retornar
 E focar em seus olhos, em seus lábios

Só estou avisando, vai mudar o placar....

Se a justiça é cega, o rasgo na retina pode ser acidental
 Afinal, jogar um carro na represa deve ser normal
 Jogar a carne para os cachorros procedimento casual

Só estou avisando, vai mudar o placar...

Dizem que mulher sabe vingar
 Talvez ela não mate com as mãos
 Mas mande matar
 Talvez ela não atire
 Mas sabe como envenenar
 Talvez ela não arranque os olhos
 Mas sabe como cegar

Só estou avisando, vai mudar o placar...
 (Souza, 2012. p. 48)

Em uma noite de quarta-feira no sarau da Cooperifa, foi realizada uma intervenção que consistia nas mulheres se inscreverem individualmente para o microfone e cada uma recitar este mesmo poema. As demais ficariam espalhadas pelo espaço, respondendo em coro “vai mudar o placar”. Foram inscritas cerca de 10 mulheres, no entanto, após a quarta ou quinta intervenção, o sarau constatando que se tratava de uma ação organizada interrompeu a participação das demais. Eu que ia pouco ao microfone, neste dia estava

inscrita e fui tomada pela indignação coletiva e a reflexão sobre o boicote. Voltei para a casa sem erguer a voz⁴⁷.

A fala das mulheres negras está sempre cercada de censuras e punições, sendo induzida ao silêncio e a submissão, mesmo em situações extremas. Quando exercitam a fala, mulheres negras rompem com este pacto colonial e promovem a humanização de sua integridade subjetiva, assumindo a primeira pessoa na recuperação da própria história. O pensamento de bell hooks (2019) reconhece que é necessário erguer a voz e radicalizar as dimensões da fala sobre as opressões de raça e gênero vivida por mulheres negras, na medida do enfrentamento necessário para a ruptura com suas matrizes coloniais.

Fazer a transição do silêncio para fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma experiência de nossa transição de objeto para sujeito — a voz liberta. (hooks, 2019, p. 38).

A frase “o silêncio é uma prece” estampava a faixa pendurada no bar onde acontecia o sarau, um pedido para que se ouça quem está ao microfone. Naquele dia silenciaram o microfone e impuseram o silêncio. No entanto, o eco da poesia de Elizandra Souza (2012) gritava o silêncio da plateia desconfortavelmente horrorizada toda vez que ouvia “*já estou vendo nos varais os testículos dos homens que não sabem se comportar*”. Mesmo após a tentativa de boicote coletivo, Elizandra insistia neste poema quando ia ao sarau e foi aconselhada várias vezes a desistir de recitá-lo.

O impacto desse episódio intensificou a urgência da fala em primeira pessoa do grupo de mulheres a qual eu estava inserida, se tornando simbólico, pois, a partir dele, há uma ruptura com a naturalização das normas sexistas convencionadas no ativismo cultural. A indignação causada pelo silenciamento das mulheres, nos levou também a incorporação de uma postura e linguagem feminista nos discursos, intervenções e na escrita das poetisas e ativistas frequentadoras do sarau.

Souza (2012) submeteu seu poema a várias antologias e coletâneas da literatura negra e periférica, recebeu críticas, desprezos e reprovações sobre o texto, considerado hostil e violento. Por fim, a autora elaborou um projeto independente para organizar e publicar o próprio livro com o apoio de outras artistas negras. Assim, adentrei o mercado editorial negro e periférico, ao realizar a revisão de seu livro *Águas da Cabaça* (2012).

⁴⁷ Em referência a obra de bell hooks de 1989, *Erguer a Voz – Pensar como Feminista, pensar como Negra*, publicado no Brasil em 2019.

No ano seguinte, seguindo a proposta de valorizar a produção de mulheres negras, organizamos juntas o livro *Pretextos de Mulheres Negras* (2013), uma antologia poética de escritoras negras, onde assino a editoração e também público como autora.

Alessandra Kelly Tavares de Oliveira é moradora da periferia sul, integrante da coletiva **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, Periferia Segue Sangrando e doutoranda em antropologia social na USP. Em sua dissertação de mestrado, Oliveira (2022) construiu uma trança do tempo, datando inúmeras ações sociais, artísticas, acontecimentos, projetos e grupos ativistas que surgem no território a partir dos anos 2000, apontando para a consolidação de uma rede feminista na zona sul.

Denúncias foram compartilhadas em redes sociais e blogs, com o objetivo de expor as práticas de silenciamento. Estive presente e atuante em algumas ações organizadas, dentre elas o Manifesto Mordaça (Anexo 1), compartilhado na rede social Facebook, em resposta a interrupção das mulheres no sarau. A artista visual e fotógrafa Silvana Martins realizou o registro das mulheres em preto e branco, com a boca amordaçada por um pano e simultaneamente as mulheres trocaram suas fotos no perfil de sua rede social.

No sarau, havia uma atmosfera de exaltação às mulheres negras. A beleza, resiliência e força eram frequentemente celebradas nos poemas, músicas e intervenções artísticas. Nos remetiam homenagens e dedicatórias afro referenciadas, além de demonstrarem gratidão e respeito por nosso trabalho militante, porém, quando nos posicionávamos em primeira pessoa, na voz poética que realiza a denúncia e afirma insubmissão diante o cisheteropatriarcado e as práticas discriminatórias, os estranhamentos e a repulsa eram imediatos.

Havia muitos vínculos de amizade, afetivo-sexual, de trabalho e projetos com os homens presentes na cena ativista e cultural da periferia. Entre amigos, amantes, ficantes, pretendentes, colegas de trabalho e parceiros de luta, nós mulheres negras identificamos posturas convenientes ao silenciamento racial e ao congelamento da nossa imagem em estereótipos racistas, como o da negra barraqueira.

Ao escrever suas reflexões sobre a postura masculina em relação às mulheres negras nos movimentos sociais, Lélia Gonzalez em primeira pessoa, se integrava aos grupos às quais se referia, elaborando reflexões sobre as opressões que certamente vivenciou: “os companheiros de movimento reproduzem as práticas sexistas do

patriarcado dominante e tratam de excluir-nos dos espaços de decisão” Gonzalez (2020, p. 315).

Nas sutilezas de uma aparente superação sobre as denúncias nos saraus, aos poucos, algumas foram isoladas e vistas raivosas. Vivíamos então o que Luiza Bairros (2008 p. 140) definiu como um “boicote da militância feminista dentro do movimento negro”, neste caso, do movimento cultural periférico. As relações iam se descortinando aos nossos olhos, sob um desconforto que invadia as atividades culturais sempre que marcávamos presença coletiva ou realizávamos alguma ação.

Comungamos de um forte sentimento de raiva, revolta e inadequação das narrativas que desejávamos construir naqueles espaços. Inevitavelmente não só a minha escrita e conduta foi impactada, como das poetisas e ativistas que ali se organizavam em coletivas e projetos. Ainda nos anos 1980, Audre Lorde refletiu sobre a possibilidade de recorrer à raiva como dispositivo estratégico de reação ao racismo e ao sexismo, sendo possível transforma-la em linguagens e ações de resistência e transformação social.

Nas encruzilhadas dos bares, praças, equipamentos públicos e sedes de associações culturais da periferia da zona sul, as coletivas, grupos e redes de ativistas e trabalhadoras mulheres, se organizavam para pensar e produzir ações nos segmentos da cultura e do ativismo, se percebendo também sujeitas criativas e criadoras da literatura, artes e intelectualidades.

As artistas da Capulanas Cia de arte Negra, com o apoio do edital de Fomento ao Teatro de São Paulo⁴⁸, desenvolveram por dois anos pesquisas e estudos sobre a saúde das mulheres negras, para a construção do espetáculo teatral *Sangoma*⁴⁹ - *Saúde as mulheres negras*, que teve sua estreia em 2013 e se manteve em cartaz por quase 2 anos, com apresentações gratuitas na Goma Capulanas⁵⁰, sede do grupo no Jardim São Luís. *Sangoma* foi escrito e roteirizado pela Cia Capulanas em parceria com a escritora Cidinha da Silva⁵¹.

As linguagens e expressões de afirmação feminista, integraram as estratégias de resistência das mulheres, sendo incorporada aos repertórios da identidade negra e

⁴⁸ Estabelecido pela Lei 13.279/02 o Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo promove o apoio, manutenção e criação de projetos de pesquisa e produção teatral.

⁴⁹ Em Moçambique, *Sangomas* são consideradas sacerdotisas curandeiras populares.

⁵⁰ Veja mais em: <http://www.afreaka.com.br/notas/capulanas-cia-de-arte-negra-espetaculo-sangoma/>.

⁵¹ Cidinha da Silva é escritora, doutora em Difusão do Conhecimento e conselheira da Casa Sueli Carneiro. Possui vinte e uma publicações, dentre elas, os premiados “Um Exu em Nova York” e “O mar de Manu”.

periférica que carregamos. Em *Pretuguês*⁵², recorremos à flexão do gênero e adotamos o termo *coletiva*, para nos referir aos grupos exclusivos de mulheres e utilizado por mim neste estudo. Outras expressões e gírias como *manas*, *parças*, *corpas*, *femenagem*, *mulheragem* e *Negra Drama*, se estabelecem nas interações e discursos, assim como o uso da linguagem neutra.

As periferias são reprodutoras de opressões coloniais e levamos nossas experiências pessoais para o debate público, através de uma agenda de ações sociais e produções artísticas engajadas e comprometidas com as mulheres negras. As pautas da comunidade LGBTQIAPN+ e debates sobre gordofobia, colorismo, neoliberalismo, exploração do trabalho e maternidade ampliaram as articulações já existentes, fortalecendo as ações de solidariedade entre mulheres negras.

As coletivas e redes ativistas de mulheres foram se configurando pelas afinidades pessoais e interesses políticos. O sarau se tornou o local não só para comungar poesia, mas para aquilombar ideias, reivindicar a presença negra feminina e observar as tratativas raciais e de gênero. Estávamos em movimento e entre as muitas demandas do cotidiano doméstico, profissional e político, mulheres negras argumentavam sobre raça, gênero e o desejo de momentos para estudos, cuidado de si e bem viver. Parte das mulheres desta extensa rede atuam em projetos contra o racismo e o sexismo nas escolas, na assistência social e contra a violência policial e genocídio negro. Entre um sarau e um ato público contra as forças do estado, eram constantes os sentimentos de impotência e exaustão diante tantas tragédias e demandas do território.

A necessidade do cuidado entre mulheres demandou o surgimento de iniciativas como o **Núcleo de Mulheres Negras – O amor Cura** (2014), coletiva Periferia Segue Sangrando (2015), coletiva Fala Guerreira (2016), coletiva Luana Barbosa (2016), ação 8M na quebrada (2017) entre outras iniciativas na periferia sul de São Paulo. Nas tensões do cenário cultural periférico, as atividades de saraus, espetáculos teatrais, shows e outras ações, passaram a receber e lidar com suas demandas e as revoltas que marcaram esse

⁵² Termo que Lélia Gonzalez atribuiu a interação entre a imposição colonial da Língua Portuguesa e a resistência cultural das línguas africanas.

período, como os assassinatos de Cláudia Silva Ferreira (2014), Luana Barbosa dos Reis⁵³ (2015) e a chacina do Costa Barros⁵⁴ (2015).

Destaco o impacto que a morte de Cláudia Silva Ferreira provocou nos grupos de mulheres. Mulher Negra, moradora da favela da Congonhas no Rio de Janeiro, Cláudia foi baleada e teve seu corpo arrastado por uma viatura policial. As cenas do seu corpo arrastado estamparam os jornais no mundo e foram terrivelmente impactantes às nossas subjetividades, por semanas se tornou o assunto de nossas conversas. No dia 16 de abril de 2014, um mês após sua morte brutal, um ato político cultural nomeado *A paixão de Cláudia*⁵⁵, ocupou as ruas do centro de São Paulo em um cortejo que reuniu milhares de pessoas, ativistas, artistas e coletivos negros. Neste mesmo ano, a revista negra independente *O Menelik 2º Ato* publicou meu poema *Café Amargo*⁵⁶, escrito em desabafo pelo ocorrido e declamado no ato.

Naquela manhã,
O gole do café desceu queimando
Ardendo no sol
Gosto forte, de sangue e asfalto

Na favela, o tiro nunca é perdido
Achou a Mulher Negra
Que deixou de alimentar seus filhos
Para virar saco pelas ruas do cartão postal
Tudo gravado, a cena é forte, põe no ar!
Porém, se a cor da pele é quase a cor do chão
Não desperta sentimento algum
Nem de justiça, nem comoção
O choro profundo da família
Não derramou no horário nobre da novela
O grito de dor dos seus filhos
Não ecoaram nos casarões da zona sul

A notícia segue
Dizem que é ano bom por aqui
Bola no pé, dedo na urna.
Turista e candidato subindo o morro
Foto e abraço na criança
Gosto de gol, caipirinha e cerveja
Discurso bonito, santinho na mão

⁵³ Mulher negra sapatão que foi espancada e morta por policiais homens em Ribeirão Preto – SP, após exercer o seu direito de exigir a presença de uma policial mulher para ser revistada.

⁵⁴ Roberto de Souza Penha, 16 anos, Wilton Esteves Domingos Júnior, 20 anos, Carlos Eduardo da Silva de Sousa, 16 anos, Wesley Castro Rodrigues, 25 anos, e Cleiton Correa de Souza, 18 anos, todos desarmados e sem registro policial, foram fuzilados pela polícia do Rio de Janeiro.

⁵⁵ Idealizado pela Cubo Preto ensino de arte e cultura. Veja mais em: <https://vimeo.com/92444217>

⁵⁶ Veja a versão digital: https://issuu.com/omenelick2ato/docs/o_menelick_ed13_final_28_10_14_baix

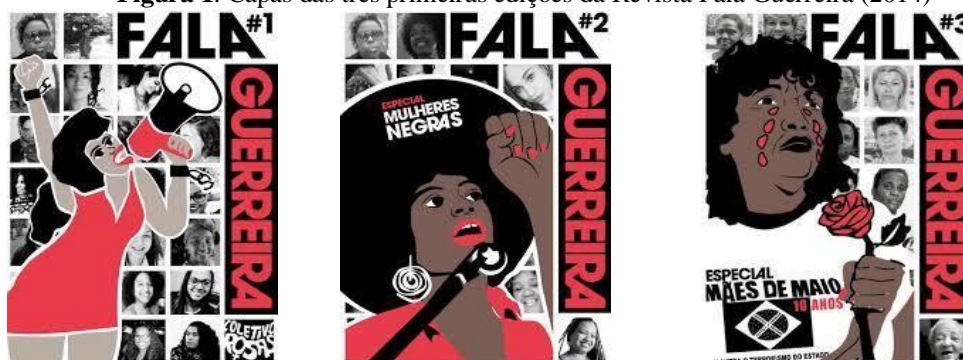
Mantém a imagem, garantem a eleição

Mas lá no Morro da Congonha, é ano de luto
O coração da família partiu
Seu corpo e sua vida banalizados na tela
Feridas gritando, vozes calando
Mulher negra, racismo e invisibilidade social

E agora, o gole de café
Na boca dos filhos de Cacau
Desce amargo como fel
Gosto forte, de saudade e de sal.
(Carmen Faustino)

No mesmo ano, surgiram campanhas virtuais contra o assédio sexual, iniciadas com as hashtags *#meuprimeiroassédio* e *#nãoopoetizeomachismo*, que viralizaram após uma série de ataques sexistas e pedófilos, sobre uma participante mirim de um *reality-show*. Na rede social Facebook, inúmeros relatos e denúncias de posturas sexistas entre artistas e produtores culturais vieram à tona e homens agressores foram expostos e cobrados publicamente. A revista Fala Guerreira⁵⁷ é lançada nesta mesma época, uma produção periférica que debateu pela ótica feminista, a coletividade entre as mulheres e os atravessamentos do seu cotidiano, através de textos, poemas e artes gráficas. Abaixo as capas das três primeiras edições da revista, produzida com recurso do edital VAI – *Valorização de iniciativas culturais*, edital de secretaria de cultura de São Paulo, voltado para o apoio a arte e cultura independente.

Figura 1. Capas das três primeiras edições da Revista Fala Guerreira (2014)



Arte gráfica de Silvana Martins

⁵⁷ Produção editorial organizada por mulheres na periferia sul de São Paulo. Leia a primeira edição da revista em: https://issuu.com/falaguerreira/docs/01_revista_fala_guerreira

O debate racial e de gênero estavam definitivamente pautados no ativismo cultural que as mulheres negras periféricas estavam realizando em coletivas de teatro, dança, literatura, audiovisual entre outros. Estávamos atentas e mergulhadas em leituras, elaborações e sensações sobre os impactos que estes marcadores produziam em nossas vidas.

O Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura, a qual integro desde seu início surge em meio aos muitos atravessamentos dos anos anteriores, após uma formação sobre Justiça Restaurativa⁵⁸ realizada por mim e outras colegas de ativismo e cultura. A formação oferecida pelo Centro de Direitos Humanos e Educação Popular - CDHEP no Capão Redondo - SP, teve como objetivo instrumentalizar educadores e ativistas para a formação de núcleos comunitários de mediação de conflitos no território. Vivenciamos uma proposta de imersão em práticas terapêuticas, sensíveis e de acolhimento das histórias de cada participante. Essa é uma metodologia de origem colombiana conhecida como *Escola do Perdão e Reconciliação - ESPERE*⁵⁹.

Sem dúvida a formação em Justiça Restaurativa foi um impulsionador para o início da compreensão sobre a necessidade da prática do autocuidado e do bem viver que eu e outras mulheres negras ainda estávamos tentando elaborar. Posterior a formação, em uma conversa de bar com as educadoras Alessandra Tavares, Mari Brito e as poetas Jenyffer Nascimento e Dandara Kuntê, falamos sobre a dificuldade que tivemos em expor nossa subjetividade com os homens e pessoas brancas que estavam na formação conosco. Havia ainda um silêncio a ser quebrado e diante essa percepção das mulheres negras que passaram pela formação, Alessandra e Mari sugerem a criação de um grupo comunitário para a continuidade dos processos, surge então o **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura**.

Convocamos outras mulheres negras, amigas e parceiras de ativismo que não tinham passado pela formação em justiça restaurativa, mas que estavam inseridas nas discussões e já buscavam autoconhecimento e mais atenção à própria subjetividade.

⁵⁸ Justiça Restaurativa: projeto de resolução de conflitos não punitivista, aplicado no sistema penal brasileiro.

⁵⁹ Projeto de prevenção a violência de Leonel Narváez, Doutor em Sociologia na Universidade de Cambridge. Inspirado na fala “Sem perdão não há futuro” do sul-africano Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz:”.

Iniciamos um processo de encontros mensais para mulheres negras, que aconteciam sempre no primeiro domingo de cada mês.

Imagem 1. Encontro do Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura na Goma Capulanas, 2016



Carmen Faustino, Formigão, Jenyffer Nascimento, Jussara Machado, Jerusa Machado e Cristiane Oliveira

Durante os 3 anos intensos de investigações individuais e coletivas, cerca de 25 mulheres se fixaram. O grupo possui uma faixa etária variada entre 35 e 45 anos, com algumas participantes mais velhas, acima dos 50 anos. Apresenta diversidade em escolhas afetiva-sexual e dinâmicas sociais. São mulheres e pessoas não binárias negras, heterossexuais, bissexuais e lésbicas. Mulheres que são mães e filhas em arranjos familiares diversos, cuidadoras, chefas de suas famílias, agentes comunitárias, candomblecistas, estudantes e ativistas. Em sua totalidade, são ativistas e trabalhadoras periféricas formais nas áreas da educação, assistência e serviço social, saúde, alimentação, cultura e serviços.

A cada encontro uma temática era conduzida em roda com momentos de êxtases e águas profundas. Estabelecemos um espaço seguro para ouvir, ser ouvida e externalizar, sem culpa ou vergonha, a mais legítima expressão das nossas subjetividades, do amor à raiva, sobre tudo o que somos e vivemos. A categoria Mulher Negra foi fundamentalmente estabelecida como categoria política e critério para as integrantes da coletiva, não podendo haver exceções.

Houve desconfortos e dúvidas em relação a negritude das colegas de pele mais clara, assim como houve mulheres que se autodeclararam negras pela primeira vez ao integrarem a coletiva. Todas nós tínhamos amigas e companheiras brancas de ativismo periférico, muitas estavam juntas de nós anos atrás, erguendo a voz no sarau contra o silenciamento. No entanto, entendemos que aquele era o espaço que havíamos criado para

ações específicas de mulheres negras, não integrando as convocações gerais da rede de mulheres da zona sul.

Cada repertório ali compartilhado nos conectou com valores ancestrais do sagrado, da fé e da luta das mulheres negras no cotidiano da chamada militância dura, como reconhece Maria Edjane Alves, integrante da coletiva, mãe de jovens negros, assistente social e ativista periférica, que atua na denúncia contra o genocídio negro nas favelas e acolhe mães despedaçadas diante a morte dos filhos pela polícia militar. Edjane possui lucidez e brutal consciência sobre um luto que poderia ser de qualquer uma de nós. Só mulheres negras podem compreender com intimidade o impacto dessa asfixia social.

Durante o ano de 2016, tivemos um fundamental aporte terapêutico do Instituto AMMA-Psique e Negritude⁶⁰, que nos acompanhou por diversos encontros, propondo uma série de dinâmicas e provocações sobre o compromisso radical com o cuidado e agenciamento das nossas ações, para não sucumbirmos ao racismo e sexismo constantes. As terapeutas, ativistas e pensadoras negras Maria Lucia da Silva⁶¹ e Jussara Dias⁶² foram duas referências Ori⁶³entadoras, para iniciarmos um movimento de compreensão coletiva sobre a necessidade de promover ações políticas de bem-viver, reagindo além da denúncia e dos inevitáveis enfrentamentos contra as matrizes de opressão colonial.

⁶⁰ Fundado em 1995 em São Paulo, o Instituto AMMA - Psique e Negritude é uma organização negra e não governamental que atua no enfrentamento ao racismo pelo viés político e psíquico.

⁶¹ Psicóloga e psicoterapeuta. Presidente do Instituto AMMA - Psique e Negritude e coordenadora da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) Pesquisadoras(os) de Relações Raciais e Subjetividades (ANPSINEP).

⁶² Psicóloga pelo International de Psychothérapie Expressive (CIPE) Yamachiche - Quebec. Psicoterapeuta psicanalítica e coordenadora do Núcleo de Formação do Instituto AMMA Psique e Negritude.

⁶³ Cabeça, na língua iorubá.

Imagem 2. O amor cura, 2016



Maria Lucia da Silva e Jussara Dias do Instituto AMMA – Psique e Negritude (ao centro) e as integrantes do Núcleo de Mulheres Negras - Acervo pessoal.

Dentro das articulações das mulheres negras em território nacional, o ano de 2015 foi especialmente marcado pela realização da I Marcha Nacional das Mulheres Negras contra o racismo, a violência e pelo bem viver, realizada em Brasília no dia 18 de novembro. A proposta da marcha pelo direito ao bem viver foi iniciada por Nilma Bentes (2011), engenheira agrônoma, escritora e ativista, durante o Encontro Ibero-americano do Ano Internacional dos Afrodescendentes (Afro XXI), realizado em Salvador.

O processo de construção nacional da Marcha marcou a retomada de organizações que estavam inativas, o fortalecimento de redes já existentes e o surgimento de novas frentes de luta, solidificando a dimensão política e social contra as opressões de raça, gênero e classe na vida das mulheres negras. As pautas LGBTQIA+ integraram as agendas prioritárias de propostas, tendo em vista os altos índices de lesbofobia e transfobia no país e a urgência na construção de políticas afirmativas de acolhimento e inserção social. Mulheres quilombolas, indígenas, ribeirinhas, agriculturas, periféricas e moradoras de territórios marginalizados foram reconhecidas em suas lutas.

Rosália Lemos que foi coordenadora estadual da Marcha no Rio de Janeiro ressalta que um dos objetivos principais foi “valorizar a memória de luta das mulheres negras, visando fortalecê-las na atualidade, com o resgate histórico, partilhando conhecimentos e inspiração, rumo à uma sociedade mais igualitária e democrática” (Lemos, 2016, p.25).

Em seu manifesto⁶⁴ a Marcha incide na denúncia contra os sistemas de opressão interligados e apresenta um modelo civilizatório pautado nos fundamentos do bem viver, proposto por Nilma Bentes na dimensão radical ao que está posto socialmente, sendo então um projeto antirracista, feminista, anticapitalista, coletivo e comunitário, tendo a natureza, a ancestralidade e o a autocuidado integrado.

Imagem 3. Mulheres Negras na Marcha Nacional das Mulheres Negras, 2015.



Flávia Rosa, Mari Brito, Alessandra Tavares, Sil Bahia, Jenyffer Nascimento, Carmen Faustino e Marina Faustino, Integrantes do Núcleo de Mulheres Negras na Marcha Nacional das Mulheres Negras.

A organização da Marcha em São Paulo, em parceria com o CEERT⁶⁵, disponibilizou transporte aéreo e terrestre para as coletivas da zona sul irem até Brasília e pude participar com as integrantes da coletiva, deste marco histórico na luta das Mulheres Negras. Semanas depois, escrevi sobre esta experiência, publicada no ensaio Maré Mulher, da revista Fala Guerreira edição nº 2:

O que para muitos parecia miragem, ou delírio navegante se tornou gigante maremoto e 50 mil mulheres viajaram pelo país, desembarcaram na capital federal e se reuniram em uma quarta-feira de sol e chuva, para gritar alto, contra o racismo, a violência e pelo bem viver. Ansiosamente esperamos por esse dia e junto às parceiras do Núcleo Mulheres Negras, nos unimos ao cortejo e seguimos em coro,

⁶⁴ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/manifesto-da-marcha-das-mulheres-negras-2015-contr-o-racismo-e-violencia-e-pelo-bem-viver/>

⁶⁵ Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades é uma instituição fundada em 1990, que trabalha pela equidade racial e defesa dos direitos da população negra.

aguando e fertilizamos nossas raízes, cada vez mais vivas e entrelaçadas. (Faustino, 2015, p. 10).

Cabe ressaltar que a Marcha sofreu um atentado e foi recebida a tiros por um grupo armado da extrema direita que estava acampado na frente da Esplanada dos Ministérios pedindo intervenção militar no país. A Polícia Militar interveio com truculência contra a marcha, disparando balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo sobre as mulheres. Apesar da truculência policial, a marcha foi finalizada com sucesso e as representantes foram recebidas pela então presidenta do país, Dilma Rousseff.

CAPÍTULO 02:

- Eu sou e você não pode me apagar – Carta para Audre Lorde

Mestra e Irmã,

Escolho carinhosamente te chamar de Mestra, honrando seu tempo ancestral e os ensinamentos deixados. E de irmã, para firmar o ponto espelhado do afeto e da revolução que mulheres negras como eu, refletem em contato com a força de seu Orí encantado em palavra e poesia.

Que vontade de começar esta carta com aquela euforia afetuosa e espontânea que sabemos compartilhar, quando nos encontramos entre iguais nas marchas, mesas, seminários e rodas de qualquer canto desta diáspora Afro Latina Americana que nos uniu. Só a gente sabe do corre⁶⁶ para fazer vozes negras ecoarem e nossas coisas acontecerem! Aprendi a afirmar esse valor em rituais de águas doces e salgadas com minhas iguais, uma cura para não esquecermos de gargalhar, gozar e celebrar nossa existência sempre que possível.

No entanto, escrevo de uma instituição acadêmica e me pego condicionada ao cuidado constante com as palavras e o despejo das emoções. O colonialismo acadêmico opera em busca de possíveis brechas julgadas desviantes à minha conduta, em um jogo ardiloso de desqualificação à minha intelectualidade e produção científica, me acusando frágil, dissimulada, insegura ou inadequada para o rigor do debate acadêmico.

Eu que *gingo e falo gíria*⁶⁷, me sinto em campo minado e assumo negociações com minha linguagem corporal e escrita, um recurso para confundir mentes emocionadas e quem sabe navegar com mais segurança nesta engrenagem rasteira da estrutura colonial do saber, sem abrir mão da essência cultural negra periférica que carrego na expansão erótica dos meus traços, estética, ideias, artes e linguagens.

Quem me desejou no ambiente acadêmico de Salvador foi a poesia erótica e a fome de compreender mais sobre o seu pensamento decolonial revolucionário. Apetite este temperado pelo agri-doce desafio de não sucumbir o Orí e “confiar em suas próprias

⁶⁶ Demandas com o ativismo, trabalho, estudo, família, vida social.

⁶⁷ Sobre ser pessoa sujeita periférica em São Paulo, gíria difundida pelas letras do Rap nacional.

biografias pessoais e culturais como fontes significativas de conhecimento” (Collins, 2016, p. 123).

Um processo iniciado pelo atravessamento que o seu pensamento e de outras intelectuais negras proporcionaram em minha vida desde 2015, quando fui apresentada ao seu ensaio *Os usos do erótico - O erótico como poder*, em uma roda de partilha do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, coletiva de mulheres negras para o cuidado e estudos coletivos na periferia sul de São Paulo. Em grupo, abrimos um portal de ideias e ações concretas, que já transbordavam em nossos desejos, mas estavam represadas nas rotinas exaustivas de trabalho, militância, vida doméstica, familiar e social que vivíamos.

Afetada pelo impacto da sua palavra, minha resposta imediata foi escrever poemas eróticos em primeira pessoa. Expressar minha sexualidade através das palavras, reorganizou minha autodefinição, me ofereceu rupturas de estigmas e início de novas jornadas. Reestabeleci alguns propósitos de luta e consegui nomear poemas escondidos no passado por vergonha e medo. Mudei os rumos, juntei meus anos de escrita erótica e nos primeiros meses da pandemia de Covid - 19 em 2020, estávamos todas nós morrendo isoladas, quando enfrentei o banzo coletivo, gastei e pari *Estado de Libido ou poesias de prazer e cura*, meu primeiro livro de poemas.

Gosto do meu ofício de escritora e editora comprometida com a palavra, o registro e a memória das escritoras negras, que considero fontes para meus estudos. É provável que em algum momento, a primeira pessoa do plural assuma a narrativa desta carta, pois o rolê com as *manas, minas e monas* são meu espaço potencial de vida e confluem com minha trajetória individual.

Seu pensamento erótico expandiu as possibilidades de atrair bem viver, gozo e qualidade de vida para mulheres negras. Nas entrelinhas da minha essência erótica, estou desenvolvendo o meu trabalho e desviando das lentes binárias e normativas que limitam meu sexo e minha corpa a um mero e indecoroso produto do patriarcado CisHeteronormativo. Escrevo poemas livres, *para preencher os meus sonhos e contemplar meus misteriosos espaços*⁶⁸. Em roda com outras mulheres, nomeamos dores, mas anunciamos desejos e praticamos o exercício consciente da elaboração do prazer e da libido através da escrita, voz e corporeidade.

⁶⁸ Do poema *Estado de Libido*, do meu livro com o mesmo nome

Suas lentes trazem força política para a escrita poética de mulheres negras e este é outro lugar especial do meu flerte contigo. Minha libido literária se rende à experiência subjetiva com a palavra, transbordando excitantes elaborações poéticas, molhadas de tesão pela consciência crítica negra feminista. A poesia é meu lugar de equilíbrio e liberdade neste mundo. É onde experimento formas de diálogo e recito o peso dos sentimentos que ainda não consigo nomeá-los. Me sinto apoiada em sua compreensão da força poética na vida das mulheres.

Em seus ensaios, artigos e poemas lidos por mim, é explícita a profundidade subjetiva alcançada sobre seus processos de autoconhecimento e autopercepção. Sua teoria feminista está conciliada intrinsecamente com sua experiência de mulher negra afro estadunidense, filha de imigrantes caribenhos residentes do Harlem, na cidade de Nova York, em um período de intensa ocupação e articulação negra na arte e no ativismo. A herança cultural africana é nosso grande elo de conexão com a diáspora negra, uma fonte de conhecimento e informações que formulam a construção de nossas identidades e valores.

Em *Zami: uma nova grafia do meu nome*, sua obra autobiográfica, li com afeto, e identidade sua reflexão sobre o perfil questionador e apreço pela escrita que apresentou desde a infância, causando-lhe punições no ambiente familiar e na escola, por se mostrar avançada demais para as convenções de raça e gênero. A colonialidade produz comportamentos inexplicáveis em nossas famílias negras, que ainda não conseguem lidar bem com o poder de suas meninas, comprometendo seus processos subjetivos.

É perceptível sua audácia ainda na adolescência, ao romper cedo os laços familiares e ganhar o mundo, em busca de respostas para as próprias inadequações que vivia. Atentei-me aos detalhes nos relatos sobre suas experiências afetivas, sexuais e a irmandade estabelecida com as mulheres, identificando aspectos que demarcaram o desvio dos padrões de feminilidade e sexualidade das mulheres negras lésbicas.

Já em sua fase adulta, me identifiquei diretamente com sua primeira atuação profissional como poeta-professora-ativista ao escolher conscientemente trabalhar a escrita com jovens negros em projetos que contribuíram para mudanças em suas trajetórias de vida. Pensar a transformação pelo viés educacional, requer olhares para as intersecções da classe na raça no gênero dos grupos oprimidos.

Estas narrativas muito me interessam, pois reconheço em mim e nas mulheres que integram a coletiva **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura**, o ativismo assumido a

partir da indignação e denúncia das agressões que experimentamos ao longo das vidas e nos grupos que ocupamos. Há um poder acionado, a partir do momento em que reconhecemos nossas dores, revoltas e externalizamos, aos choros e risos, a importância de acolher nossas histórias e reagir diante a imposição do sofrimento racial e de gênero.

Estou investigando o processo íntimo da escrita poética das integrantes da coletiva, em expansão com seu poder erótico, pulsante na arte e no ativismo das periferias. Meu pensamento é seduzido pelas redes comunitárias de resistência e políticas do cuidado, construídas por sujeitas artistas negras que mobilizam grupos de estudos teóricos e estímulos criativos, transando nas dimensões práticas do feminismo negro.

O gozo destas ações alcança seu apogeu e se mostra em potencial, nas narrativas das corpos negras que em verso e prosa, estilham as lentes dos estereótipos sexuais de servidão e projetam novos espelhos de autodefinição e autonomia sexual, um reflexo das práticas de bem viver apreendidas coletivamente.

Admiro sua ousadia acadêmica! Seus ensaios sobre o poder erótico, a poesia, o silêncio e a raiva, se traduzem em metodologias criativas que reconheço ser o combustível teórico e sedutor artístico-ativista das sujeitas ativas de minha pesquisa.

- *Vocês agora é tipo Geledés!* Essa foi uma das provocações ouvidas em meados de 2010, quando coletivamente se inicia uma série de debates e ações na periferia sul de São Paulo para denunciar o racismo e o sexismo dos manos, amigos, amantes e companheiros de arte e luta. Homens que participavam dos saraus conosco, mas sucumbiam às suas fragilidades masculinas ao ouvirem os versos “tenho um grito entalado na garganta: o corpo é meu!” e o clássico “vai mudar o placar, já estou vendo nos varais, os testículos dos homens que não sabem se comportar” nas vozes negras das poetisas que estavam ali e não iriam mais servir aos lugares secundários, nem aos estigmas de musa (porém muda!) da poesia de alguém.

Ao reler um de seus belíssimos ensaios, *A poesia faz alguma coisa acontecer*, me concentro na importância da palavra poética para o alcance do autoconhecimento e da inteireza naquilo que desejamos realizar. “Se eu não trazer tudo o que sou ao que eu tiver fazendo, então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência. Se não trago tudo o que sou para vocês, aqui, falando sobre o que sinto, sobre o que sei, então cometo uma injustiça.” (Lorde, 2020 [1977], p. 106).

Em um cenário de ofensa e revolta coletiva foi a poesia que fez as coisas acontecerem! Poemas foram vomitados com profunda revolta do estômago de cada poeta

negra, silenciada, ofendida e raivosa sim, afinal, um poeta branco do sarau havia ejaculado pela boca, sua perversão colonial e vontade de “foder a noite inteira com essas duas neguinhas”, se dirigindo às colegas artistas que tinham ido ao microfone divulgar seu primeiro espetáculo de teatro para a comunidade.

Apoiadas nos versos da poesia negra feminina, as comportas da raiva e do ódio se abriram para dar vazão a um silêncio ensurdecedor que consumia muitas de nós. Fomos buscar respostas, reações e equilíbrio das emoções nos aquilombando entre iguais e lendo mulheres negras. Rompemos com o silêncio libertando palavras e voz das nossas corpos.

E concordo com você irmã Lorde, os processos coletivos por autodefinição das mulheres negras nem sempre são amistosos e irmanados de reciprocidade. Tivemos conflitos, rupturas e traumas quando questões como colorismo, heteronormatividade, diferenças de classe, projetos e prioridades se tornaram inevitáveis. Aqui também somos contaminadas pelo racismo antinegro, hierarquizado nos aspectos de cor, classe e *status*, assim como também estamos vulneráveis ao pensamento colonial de “aliadas” que, por vezes, nos convocam para a resistência, mas priorizam pautas restritivas em prol da manutenção dos próprios privilégios.

Mas o ponto que desejo enfatizar neste momento, diz respeito às mudanças práticas e efetivas iniciadas por mim e pelo meu *bonde*, em contato com o seu pensamento feminista. O processo de escrita para esta dissertação de mestrado me despertou interesses biográficos sobre sua trajetória, para além dos que estão disponíveis em suas obras tardiamente traduzidas para o português. Em meu país, a tradução de autoras negras caminha em marcha lenta, assim como as barreiras sociais e econômicas, que ainda impedem que muitas mulheres negras dominem uma segunda língua e se dediquem às leituras e traduções.

Em tempos de produtividade excessiva e remuneração escassa, estudar e treinar outra língua se torna um luxo para poucos, inclusive para mim, que venho dos quintais do mundo e concilio uma vida acadêmica com a busca pela sobrevivência. Em um passado recente, muitos *blogs*, sites e grupos em redes sociais compartilhavam artigos e ensaios da teoria negra feminista, mulherista, panafricanista, entre outros pensamentos e produções de mulheres negras de origens diversa, antes mesmo do segmento editorial brasileiro ceder à pressão e assumir alguns compromissos com a bibliodiversidade, publicando autoras negras.

Foi este tráfico de informação anterior ao mercado editorial que temos hoje, que nos colocou em movimento reflexivo, sobre nós e nossas histórias. Percebemos a importância de buscar espaços que nos dignifiquem enquanto mulheres negras e passamos a determinar como queríamos estar ou sermos vistas na cena ativista e cultural periférica, que sempre fervilhou arte e cultura enquanto protesto e ressignificação de mundos. Estávamos nós, mulheres negras, ressignificando nossos lugares neste território.

Acredito que ao internalizarmos o poder erótico enquanto prática, eu/nós despertamos olhares, assumimos posturas e debates transformadores para nossas vidas e nossa comunidade. Construimos coletivamente espaços potenciais de vida e de dessilenciamento para mulheres negras. Atualmente alimentamos uma rede afetiva e afro referenciada de arte e ativismo, com trabalhos e produções que incluem oficinas de escrita para mulheres, obras da literatura negra feminina, pesquisas acadêmicas, espetáculos, performances, imersões e circuitos artísticos, que circulam de forma independente nas periferias, em parcerias com instituições, equipamentos culturais e escolas.

Relato estas ações para destacar a capacidade transformadora alcançada, quando decidimos buscar autoconhecimento e autodefinição em nossas vidas, categorias estas que considero estruturantes na teoria feminista negra. Sua obra nos coloca em questionamento sobre a colonialidade impregnada em nossa subjetividade e perceber estas condições desfavoráveis, foram os primeiros passos para transformar em terra fértil, os lugares socialmente não denominados a nós.

Os códigos hegemônicos da linguagem escrita são uma vidraça colonial a ser quebrada por mulheres negras. Em ambiente acadêmico, tenho vivido experiências intensas de amor e ódio com as imagens de controle que atravessam minha corpa negra desobediente. Algumas ainda me paralisam, outras eu refuto com veemência, outras eu estabeleço limites, outras eu entro no jogo para gingar expectativas.

Relembro aqui um episódio, em que uma professora branca, com muito entusiasmo, insistiu para que eu, especificamente, realizasse a leitura em voz alta e para o grupo da introdução de um artigo científico. Eu já conhecia o texto e a princípio meu radar intuitivo e desconfiado não atentou sobre o comando da docente, “apenas a epígrafe”. Ela me ofereceu uma cópia antiga, com letras apagadas e pequenas demais para o meu alto grau de miopia. Ilegível para mim. Sem pestanejar recusei o convite e passei para a colega negra ao lado, que também precisou apertar os olhos para tentar ler. A

docente não escondeu sua frustração por eu não ter me empenhado para a leitura, o que me deixou intrigada e reflexiva.

O texto em questão era a epígrafe *Cumé que a gente fica?*, de um artigo importantíssimo e pioneiro de Lélia Gonzalez (1935 - 1994), sobre o racismo e o sexismo impregnados na cultura negra do Brasil, através do reforço dos estereótipos e do mito da democracia racial, entre outras reflexões inéditas à época. O trecho introdutório, se trata de uma crônica em primeira pessoa do Pretuguês, ácida e indigesta sobre a dominação hegemônica e a insubmissão de corpos negros no espaço acadêmico. Refleti então, que naquele entusiasmo da professora, para que eu, especificamente, lesse em voz alta este trecho, talvez existisse uma expectativa estigmatizante de quem sabe, me ver performando uma mulher negra, favelada e barraqueira na universidade.

A voz-escrita negra feminina é um lugar de insubmissão. E escritoras negras experimentam as mais diversas reações quando se trata do seu fazer intelectual e artístico. Distorcidas pelas lentes dos privilégios, alguns acham exótica minha linguagem das ruas e a cara fechada de quem testemunhou o famigerado triângulo da morte⁶⁹.

O que sei é que nas periferias, favelas, quebradas, subúrbios, comunidades e conglomerados negros do meu país, as tragédias sociais nunca impediram meu povo de reagir, organizar, dançar, cantar, gozar, jogar e discursar em rituais de celebração, luto e luta, por um mundo de paz, justiça e liberdade. Vivemos uma guerra racial explícita, mas quando esta afirmação soa mais alto pela voz do Movimento de Mulheres Negras do Brasil ou nas rimas e poesias marginais, somos taxadas de radicais e histéricas.

Por aqui, há uma série de estudos científicos nas universidades que atestam a força discursiva e política da Oralidade para a resistência negra, como estratégia de difusão do conhecimento e manutenção das culturas tradicionais, por exemplo. No entanto, essa mesma potência oral, quando incorporada no texto e nas linguagens de insubmissão negra na arte e na ciência, por exemplo, , são diminuídas em sua capacidade teórica científica, tratadas como identitárias e optativas, mesmo em departamentos mais progressistas das universidades brasileiras. O apego à norma “cultura” colonizada e a teoria hegemônica é grande.

⁶⁹ Relatórios da ONU de 1992 apontaram os bairros Jardim Ângela, Jardim São Luís e Capão Redondo em São Paulo (conhecidos como triângulo da morte), como os lugares mais violentos do mundo.

Tivemos Lélia Gonzalez, uma mulher negra brasileira, intelectual e ativista que ao final dos anos 1980, não se intimidou às armadilhas coloniais, nem enquadrou sua linguagem oral e escrita a uma estética academicista eurocêntrica. Pretuguês, foi o nome registrado por ela, para conceituar “a marca da africanização do português falado no Brasil” (Gonzalez, 2020, p. 128), se referindo às influências africanas na construção da língua portuguesa brasileira.

Descobri poder erótico em meu Pretuguês de expressões populares, termos regionais, rimas e versos fluidos, enraizados na oralidade negra brasileira. Eu me comunico melhor na informalidade da língua e faço os esforços para não distanciar essa fluidez da minha escrita. Quando leio seus relatos pessoais sobre as experiências familiares e comunitárias marcantes em sua vida, tento imaginar quais aspectos da herança cultural africana dos Estados Unidos influenciaram sua prática, pensamento e escrita, tão próximas e elucidativas para nós.

Essa compreensão me levou à releitura de pensadoras, poetisas e escritoras negras contemporâneas, com um olhar mais atento e apurado ao fundamento feminista negro, em reconhecimento às suas bases epistemológicas, a partir das experiências plurais de suas construtoras. Na minha infância e adolescência o filme *A cor púrpura* de 1982 era uma daquelas reprises na TV aberta e assisti a primeira vez aos 12 ou 14 anos.

Aos 20 anos, li a obra em um exemplar usado da 3ª edição que guardo até hoje e meu repertório subjetivo e crítico da época, refletiu empatia, tristeza e incompreensão pela vida da personagem *Celie*. O alcance a profundidade crítica do pensamento de Alice Walker, ao identificar o paradigma interseccional presente nas opressões vividas por *Celie*, se organizou de forma completa em minhas elaborações nos últimos anos, após leituras e identificações com o pensamento feminismo negro.

Em referência às escritoras negras brasileiras, Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) foi um presente que a ancestralidade ofertou às escritoras negras. A poeta que imaginava *recortar um pedaço do céu para fazer um vestido*⁷⁰ desenvolveu pensamento crítico, afirmando preferir viver sozinha, pois não aceitaria a violência doméstica. Carolina era informada e assumia lugares de ativismo e liderança, ao ler o jornal para as mulheres não alfabetizadas da favela e provocá-las à reflexão.

⁷⁰ De *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. 1960.

Assim como Sojourner Truth revolucionou em 1851, ao questionar assertivamente uma plateia branca, burguesa e com ideais de poderes patriarcais, sobre o porquê de sua condição de mulher não estar contemplada na agenda por direitos das mulheres, Carolina estava à frente do seu tempo. Uma artista, mãe e trabalhadora precarizada com pouco estudo formal, cuja as aspirações da Segunda Onda do feminismo, que também ecoavam em meu país, não alcançaram seus saberes, contextos sociais e instintos de sobrevivência.

Penso que a sua escrita, assim como a de Lélia Gonzalez, Carolina Maria de Jesus, bell hooks e outras insubmissas, são as referências que me demonstram ser possível estar onde estou, desconfigurando a norma acadêmica e contribuindo com reflexões discursivas, extraídas das minhas profundas raízes escrevientes, para tensionar o debate sobre os rumos necessários para uma transformação eficaz na vida das mulheres dos quintais do mundo.

Eu gosto de, maliciosamente, brincar com o imaginário social do meu país sobre ser uma mulher da rua, borrando intencionalmente as lentes sexistas e pornográficas sobre corpos negros. Assim como você ocupou as ruas de Nova York nos anos 1960 pelos direitos civis, este ser mulher da rua que assumo e me refiro, se reconhece e se apoia na experiência das mulheres negras terceiro mundistas, que não tiveram outra escolha a não ser literalmente sair às ruas e gritar por comida, por casa, pelos seus filhos, por educação, por saúde, por justiça, por voz, por vida, ou seja, pela mínima humana sobrevivência.

Estas mulheres negras da rua, trabalhadoras, capoeiristas, mães, estudantes, artistas e ativistas das bases comunitárias promovem suas agendas políticas de assistência e busca pelo bem estar coletivo. Raça, classe e gênero operam simultaneamente em nossas vidas e no contexto das ruas, estes aspectos se tornam ainda mais explícitos e determinantes.

O feminismo de mulheres brancas e os movimentos sociais ainda se estruturam em hierarquias e privilégios coloniais que desconsideram mulheres negras em suas agendas de luta, como denunciou o Manifesto Combahee River em 1978, a qual integrou junto a Barbara Smith, Cheryl Clarke e outras mulheres negras. Temos avanços consideráveis e debates essenciais para as mudanças ao longo dos anos, mas o fato é que desde o manifesto, ainda precisamos reagir contra a sutil subserviência que a todo o momento é induzida ao nosso trabalho ativista. Ainda ecoamos que “Não temos privilégios raciais, sexuais, heterossexuais ou de classe nos quais podemos nos apoiar, nem temos acesso, por menor que seja, a recursos e poder que grupos possuidores de

qualquer um desses tipos de privilégio têm.” (The Combahee River Collective, 1978, p.202)

Anos antes em 1977, sua escrita já gritava o silêncio, os ataques e as tensões impostas dentro dos movimentos feminista e antirracista, denunciando que “as mulheres negras, por um lado, sempre foram altamente visíveis, assim como, por outro lado, foram invisibilizadas pela despersonalização do racismo.” (Lorde, [1977] 2019, p. 53).

O convívio, aulas e orí-entação de Mestra Janja Araujo, capoeirista, artista e intelectual negra da Bahia, têm me revelado no cotidiano de suas falas e ações, que a Ginga é um recurso epistemológico feminista que me cabe, na medida em que aciona meus alertas subjetivos, me conduzindo à tomada de decisões estrategicamente pensadas e negociadas, diante as armadilhas e limitações coloniais que se dão no ambiente acadêmico.

O gingar é uma ferramenta prática e discursiva oriunda da cultura oral africana e apreendida pelas populações negras na diáspora, desde suas primeiras estratégias para a sobrevivência no sistema escravista europeu nas Américas. A escrita é meu movimento de gingar e se torna a prática de estímulo à minha consciência erótica corporal, nas dimensões de poder que seu pensamento revolucionário alcançou.

Meu corpo ginga nas giras femininas, assim como ginga nas ruas das periferias de São Paulo, ginga em versos poéticos de doce veneno e está se colocando para ginga no debate intelectual acadêmico. Aprendo que a ginga, também se constrói no campo das análises e teorias, fomentadas pelas epistemologias decoloniais propostas pelo feminismo negro. Portanto, "gingar" é duvidar do instituído, do natural. É visibilizar outras vozes, outros corpos, outras lutas. É produzir outra ciência.” (Silva; Araujo, 2021, p.2).

Irmã mais velha Lorde, o exercício de escrita desta carta me provoca em novas enunciações da memória e me apanharam afetivamente em conexão com um sentimento de pertença e acolhida. Ser mulher negra latina americana no Brasil e nos Estados Unidos, se apresenta em particularidades distintas, algumas até antagônicas, mas não nos impede de comungarmos de sentimentos de pertença coletiva, estabelecendo lugares de conexão, segurança e intimidade.

Há um desejo de exaltação e bem viver manifestado quando estamos juntas. E essa forte ligação ancestral fortalece nossas ações práticas e parcerias políticas contra as opressões racistas e patriarcais desta sociedade altamente capitalista e discriminatória com mulheres negras.

Eu finalizo em agradecimento por nos possibilitar perceber que as ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a Casa-Grande e que precisamos criar nossas próprias tecnologias decoloniais para o mergulho em nosso poder erótico. Sigo em busca das teorias, técnicas e códigos acadêmicos que sustentarão minha palavra, sem deslegitimar minha essência orgânica de quebrada.

Obrigada!

CAPÍTULO 03: - Poder erótico em primeira pessoa - Método de escrita poética no Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura

Há uma poderosa escrita erótica
De voz firme e língua afiada
Salivando nas bocas da poesia
Que declama pelas margens do mundo
Ecos de memória e prazer
Vozeria antiga
Riscada no negrume da palavra
Das mulheres negras na diáspora.
(Carmen Faustino, 2024)

Mulheres negras escrevem para se tornarem sujeitas e construírem lugares sociais que as representem com humanidade e valor. Há um intenso movimento político e coletivo contra a coisificação dos corpos e apagamento das memórias, com artistas e escritoras negras periféricas assumindo cada vez mais as narrativas eróticas que desejam reascender no imaginário coletivo. E afirmo que é um reacender, pois sempre houve gozo e celebração em meio ao caos social, encarados de frente por aquelas que estão localizadas nos quintais do mundo.

Pensar a escrita e as produções artísticas das mulheres terceiro mundistas, como aportes teóricos para o debate sobre suas políticas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo, é estabelecer novos critérios epistemológicos aos estudos sociais. Teorizar as escrevivências negras nas expressões da arte e da cultura promove rupturas nos modelos hegemônicos e a quebra das lentes que ofuscam a luz da verdadeira essência erótica de mulheres negras, o combustível criativo e transformador de suas vidas.

A escrita autoral, sendo ela literária ou não, estabelece diálogos com múltiplas áreas do conhecimento, pois possui a capacidade de sensibilizar e estimular a criatividade das pessoas que a acessam. Ao longo deste capítulo as descrições, *insights* e poemas aqui aplicados em métodos de pesquisa exploratória e descritiva partem de análises documentais que buscam formular hipóteses compatíveis e relacionais as epistemologias do feminismo negro.

A abordagem qualitativa deste estudo, incide em documentar as experiências e as produções escrevíveis das poetisas e ativistas integrantes do **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura**, estabelecendo diálogos com a teoria erótica de Audre Lorde e o exercício coletivo da palavra-escrita praticado entre 2015 e 2017, anos em que a coletiva realizou encontros mensais ininterruptos, para acolhimentos, cuidados e estudos.

Há uma variedade de materiais que sustentam estas análises, são documentos, registros de atividades e materiais impressos que apontam os meios de produção artística e a organização política das mulheres negras integrantes da coletiva. Este material está disponível em obras da literatura negra, revistas, sites, blogs, registros pessoais e outras produções. Todos os poemas e textos apresentados aqui são de autoria das escritoras e poetisas integrantes do grupo, já publicados em livros, coletâneas, revistas, blogs e redes sociais, como as já mencionadas *Revista Fala Guerreira* e antologias da *Literatura Negra Feminina*, algumas das quais assino a editoração e organização.

Incluo também poemas de *Estado de Libido ou poesias de prazer e cura*, meu livro autoral publicado em 2020 em parceria com a editora independente Oralituras. Eu organizei meu próprio livro, um compilado de poemas eróticos sobre autoconhecimento escritos nos últimos 10 anos. Boa parte dos poemas deste meu livro foram produzidos a partir de 2014, quando surge a coletiva e me deparo com as leituras teóricas sobre feminismo negro.

Estabeleço filiação a Rosália Lemos (2016), que apresenta aos estudos sociais a Pesquisa Ativista Feminista Negra, uma metodologia qualitativa de análise e registro, comprometida com a construção do conhecimento a partir dos marcadores e experiências sociais de mulheres negras. A análise documental é estruturada através do diálogo entre a pesquisadora e o objeto (sujeito) do estudo, neste caso, das sujeitas ativas da pesquisa, que se tornam colaboradoras, uma vez que assumem compromissos políticos com suas práticas e ações. Segundo a autora:

a pesquisa ativista feminista negra é um método que reúne um conjunto de recursos metodológicos, para produzir um determinado conhecimento científico que emerge no seio dos feminismos negros, onde o processo de construção do saber é produzido com colaboradoras da pesquisa, que promovem o encontro da academia ativista, com o ativismo dos movimentos sociais de forma complementar. (Lemos, 2016, p. 49)

Sob a ótica de Lemos (2016) assumo então a condição de ativista-pesquisadora e também sujeita ativa, formulando leituras críticas sobre as práticas das mulheres da coletiva, recorrendo aos aportes teóricos das epistemologias negras feministas. Ao integrar nesta pesquisa meu trabalho artístico e ativista, reconheço minha participação nesta realidade social e estabeleço análises pessoais ao grupo que integro, reiterando que “no processo da construção do conhecimento científico, também se realiza um exercício pessoal, tanto para entender, como para partilhar as impressões sobre o objeto de estudo” (Lemos, 2016, p. 43).

O ato da escrita se apresenta neste capítulo enquanto o recurso metodológico experimentado pelas mulheres do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura** em seus processos de recuperação e autodefinição através da partilha de suas experiências pessoais. Seus poemas e composições projetam o rompimento com as limitações sociais da raça, gênero, sexo e sexualidade, uma produção artística marcada pela intencionalidade e posicionamento político. A escrita poética se configura então, enquanto espaço de produção de conhecimento, registro e arquivamento de si.

Para o desenvolvimento das análises e considerações teóricas, meu argumento se organiza através do pensamento que bell hooks desenvolve, ao teorizar com criticidade suas experiências pessoais para compreender e construir dimensões políticas e epistemológicas no espaço acadêmico. A teoria de hooks (1995), considera que a consciência crítica sobre os aspectos sociais da vida negra, assim como suas conexões com a arte, a cultura e os valores ancestrais são os dispositivos de descolonização dos modelos sociais eurocêntricos na vida das mulheres negras. A autorrecuperação subjetiva e a autodefinição de mulheres negras, portanto, é uma ação política de resistência contra os valores da supremacia branca.

Elaborar sobre a própria experiência para a compreensão das matrizes coloniais que incidem sobre a vida das mulheres negras é o método de produção científica do feminismo negro. As intersecções de raça, gênero e classe fundamentam o pensamento teórico de Audre Lorde, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Patricia Hill Collins, bell hook, Grada Kilomba, e outras intelectuais orgânicas do mundo, que refletem o ponto de vista da própria experiência vivida nos espaços de produção acadêmica e ativismo.

O paradigma interseccional desta dissertação é fundante e intencional, pois posiciono a fala do lugar e o saber comunitário de mulheres negras artistas e ativistas não acadêmicas, que residem e atuam politicamente nas periferias - quintais do mundo - como adoto poeticamente ao longo deste estudo. O lugar situado da luta das mulheres negras se estabelece nas trincheiras e “metodologicamente interseccionam as estruturas de raça, gênero, sexualidade, nação e classe, estabelecendo coro latino-americano contra o colonialismo, imperialismo e monopólio epistêmico ocidental.” (Akotirene, 2019, p. 33),

Lélia Gonzalez foi uma ativista e professora de presença marcante e discurso estratégico, estabelecendo críticas aos academicismos e perspectivas coloniais presentes nos debates sociais. Sua produção intelectual reconhece os sistemas de opressão interligados e a importância de um ativismo que fortaleça a identidade e promova

transformações na realidade social de mulheres negras, negligenciada nos movimentos sociais.

Em termos de movimento negro e no movimento de mulheres se fala muito em ser o sujeito da própria história; nesse sentido eu sou mais lacaniana, vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso. O resto vem por acréscimo. Não é fácil, só na prática é que vai se percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocado em questão também, é justamente de uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico. (Gonzalez, 2020, p. 2).

Para o diálogo com a epistemologia negra feminista, estabeleço neste estudo o conceito sobre escrevivência de Conceição Evaristo (2020), enquanto teoria e metodologia de pesquisa feminista. A perspectiva da escrevivência pretende elucidar aspectos individuais e coletivos da experiência negra vivida pelas integrantes da coletiva, evidenciando suas reações diante as dinâmicas do patriarcado racista, ao protagonizarem afeto, prazer, agência, consciência, celebração e bem viver em primeira pessoa, através da escrita de poemas, composições, resenhas, roteiros e outras produções artísticas autorais.

A negação da intelectualidade de mulheres negras e a desvalorização de suas produções escritas, se somam as concepções seletivas sobre arte e cultura, produzindo uma sociedade de visão distorcida e relutante em conceber o fato de mulheres negras serem intelectuais, escritoras, artistas e produtoras de conhecimentos, muitas de trajetórias orgânicas, na essência e na práxis. A escrevivência estabelece critérios que partem inicialmente da experiência de mulheres negras.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (Evaristo, 2020, p.30)

A escrevivência reconhece a voz das mulheres negras em primeira pessoa, considerando o legado cultural africano e indígena que carregam. Assume-se então o compromisso ativista com esta escrita dedicada a recontar histórias da diáspora negra, valorizando a presença das mulheres, sua ancestralidade e resistência, sem os atributos da vaidade e da individualidade literária dos modelos hegemônicos, pois a construção parte das cosmo percepções sobre a experiência coletiva na diáspora.

O lugar íntimo da escrevivência negra feminina está intimamente relacionado ao seu repertório cultural e linguístico, agregando aspectos da oralidade, da corporeidade e da subjetividade de quem a protagoniza. Na escrita de mulheres negras “há uma escolha semântica para verbalizar as suas experiências subjetivas. (Evaristo, 2020, p. 37), ao recontar histórias, escritoras negras ativam outros imaginários sociais.

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020, p. 35)

O exercício analítico da escrevivência não se resume à interpretação/avaliação dos episódios cotidianos de uma vida negra. É necessário articular métodos teóricos ao compromisso com uma análise científica que se mostre sensível e apurada a experiência negra na diáspora – no caso desta pesquisa, da coletiva – para alcançar a profundidade das raízes epistemológicas que sustentam suas atuações políticas e os desafios de subversão social assumidos discursivamente através da palavra escrita.

Me posiciono, não como porta-voz da experiência do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, mas como integrante, sujeita ativa e pesquisadora ativista, buscando arquivar e legitimar as experiências mais íntimas com a escrita no âmbito individual e coletivo. Realizo o registro das nossas histórias escrevíveis reorganizando as memórias e compreendendo que

arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social, a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (Artières, 1998, p. 11).

Artières (1998), apresenta questões teórico-críticas sobre autopercepção e produção da própria identidade para escritores, afirmando a necessidade de “explorar as práticas de arquivamento do eu” (Artières, 1998, p. 18) para conseguir organizar a própria vida. Eu que sou poeta, reconheço o quanto a escrita é desafiadora para mulheres, sobretudo mulheres negras que são constantemente induzidas ao distanciamento da caneta. Em outro ponto, me atento aos segmentos das literaturas, teorias, linguagens e os campos de disputa de narrativas sobre raça, gênero, sexo, sexualidade e classe, que contribuem fortemente para a difusão dos imaginários que são incutidos sociedade, portanto, me desafio neste campo sensível e estabeleço relações entre as complexidades teórica, construída a partir da subjetividade de mulheres negras.

Há um intencional apagamento e distorção dos reais valores e contribuições das mulheres negras no campo das artes e literaturas, em narrativas enviesadas pelo racismo, sexismo e patriarcalismo cristão. Neste aspecto, o arquivamento das escrituras é necessário, “para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.” (Artieres, 1998, p. 31).

Como delimitação temporal, considerei a coleta de informações, textos e poemas produzidos entre 2011 e 2020, tempo este que marca o fortalecimento das ações coletivas entre mulheres negras na periferia sul. No entanto, estabeleço o devido valor e reconhecimento ao ativismo artístico de mulheres negras que já realizavam no território discussões e produções culturais engajadas no debate sobre raça e gênero, dentre elas as produções da Cia Capulanas de arte negra fundada em 2007 e da coletiva Mjiba de 2010. **O Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura** surge em 2014, certamente influenciado pelas articulações destas iniciativas já existentes no território.

Nesse processo, levanto análises pertinentes sobre as ações comunitárias da coletiva e a materialização de seus saberes apreendidos nas práticas descolonizadas das periferias. A interação entre o objeto (texto) e as sujeitas ativas estudadas, partem de observações empíricas do meu campo pessoal crítico, no intuito de evidenciar aspectos etnográficos de ordem prática, que contribuíram para a construção de uma epistemologia insubmissa feminista negra decolonial, que Ângela Figueiredo (2020) conceitua como

aquela que se rebela frente às normas previamente estabelecidas, rompendo fronteiras e colocando os sujeitos que historicamente estiveram à margem no centro da produção do conhecimento, no nosso caso em especial, colocando as mulheres negras no centro da produção. (Figueiredo, 2020, p. 20).

Me posiciono enquanto pesquisadora-poeta implicada nos estudos sobre feminismo negro e investigadora das ações políticas realizadas pelas redes de mulheres cis e trans nas periferias da zona sul. Em legitimidade a epistemologia negra feminista, apresento observações críticas sobre as experiências íntimas com a escrita em âmbito individual e coletivo.

Contar a própria história se torna um estímulo à autodefinição. A investigação e o registro das práticas comunitárias de emancipação das mulheres através da linguagem escrita, se faz relevante acadêmica e socialmente, na medida em que reconheço no exercício da palavra e da coletividade entre mulheres, a efetividade prática da recuperação

subjetiva de suas agentes nas narrativas que afirmam sua humanidade, enaltecendo aspectos do prazer e do bem viver.

A exemplo, ao pesquisar e criar oficinas de escrita criativa para mulheres a partir de 2016, eu poeta-trabalhadora, encontrei um vasto campo criativo para estudos e reflexões sobre as categorias raça, gênero, classe e sexualidade que incidiram diretamente em minha produção poética e posteriormente acadêmica, me conduzindo a Salvador e aos Estudos Interdisciplinares sobre Gênero Mulheres e Feminismo. A exclusividade de um encontro somente para mulheres conversarem sobre suas vidas, se ouvirem e escreverem, garante intimidade e segurança para arquivar as escrevivências, daquelas que lhe foram negado o direito à memória.

Imagem 5. Oficina de Canto e Escrita - Sesc Santo Amaro, 2018.



com Luana Bayô e Carmen Faustino.

Os encontros para partilha e escrita são os espaços nos quais mulheres negras e pessoas não binárias buscam reinventar suas experiências de vida, preservando identidades, memórias, afetos e celebrando seus valores sociais. Sob a ótica da epistemologia de Audre Lorde no que tange o erótico e escrita poética, vislumbro um olhar para estes processos de conhecimentos compartilhados e as práticas descolonizadas construídas às margens.

- Escrever juntas, no último domingo do mês...

“Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.” (Glória Anzaldúa)

Os encontros do **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura** ocorriam mensalmente, sempre no último domingo do mês, a partir das 9 horas da manhã, se estendendo ao longo do dia. Os primeiros encontros aconteceram em espaços colaborativos parceiros da zona sul, meses depois se fixaram na Goma Capulanas, casa da Cia Capulanas de Arte Negra. O comprometimento com a data foi unânime e a adesão imediata, organizamos nossas agendas individuais para que o domingo de encontro fosse reservado exclusivamente para estar em grupo.

Poucas mulheres se ausentavam e as crianças eram sempre bem-vindas. Durante o café colaborativo, as conversas fluíam divertidamente entre as relações de amizade e luta que já existiam no grupo e a aproximação das outras mulheres que até então não estavam tão próximas dos movimentos culturais e debates na qual a maioria estava inserida. As relações familiares consanguíneas estavam presentes no grupo e minhas irmãs Lucila Isabel Faustino e Marina Faustino, assim como Jussara Santos Machado e Jerusa Santos Machado, que são mãe e filha moradoras do Jardim Santa Tereza, fazem parte da coletiva desde seu início. Ao longo de três anos, cerca de 40 mulheres passaram pelo grupo e destas, cerca de 25 mulheres se fixaram mensalmente.

Após o café da manhã, os exercícios e dinâmicas do *círculo de paz* eram conduzidos em roda por Alessandra Tavares e Mari Brito, na época educadoras de Justiça Restaurativa no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo - CDHEP. O círculo de paz consiste em práticas alternativas para pacificação de conflitos com acolhimento e diálogos humanizados, como alternativa ao modelo punitivista ocidental. Partindo dos dispositivos de acolhimento e das premissas do direito à fala e a escuta, coletivamente íamos sugerindo as temáticas que seriam escolhidas para a roda, estimulando nossa reflexão, fala e escrita.

Nos momentos de partilha, o silêncio dava vazão para que histórias nunca ditas fossem externalizadas pela voz-escrita. Partilhamos lugares profundos de mágoas

disparadas pelo racismo, sexismo, lesbofobia e a completa falência dos modelos patriarcais cristãos de família, sucesso, valores, amor e sexo que vivemos. Muitos silêncios foram quebrados e mergulhamos de cabeça no exercício de erguer a voz, nomear as subjetividades e acolher nossas dores.

As metodologias dos círculos de paz foram utilizadas no intuito de possibilitar a fala e escuta ao grupo, sem intervenções ou julgamentos. Para quem não estivesse com o “objeto de fala”, se oferecia a escuta atenta e o segredo sobre o que ali fora exposto. Optar em não falar também era uma escolha a ser respeitada e acolhida com neutralidade pelo grupo e esta experiência produziu novos significados para nossa subjetividade, diante os silêncios e gritos coletivos que conhecemos.

Alimentos, tecidos coloridos, textos, livros e materiais como papeis, canetas, linhas, fitas, tesouras, colas, revistas e jornais eram ofertados na roda e íamos tecendo do peito histórias boas e ruins da infância, família, maternidade, estética, amigos, trabalhos, amores, espiritualidade, sexo, sonhos, entre outras experiências que entrelaçavam a particularidade íntima de quem conta, com a familiaridade de quem escuta e se identifica.

Imagem 6. Registro - Encontro Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura. 2015



Fonte: Acervo Pessoal

Estávamos entre iguais, mulheres negras em um pacto de segredo e segurança. O compromisso e responsabilidade com o sigilo foram fundamentais neste processo e muitas vezes incompreendido aos olhos de familiares, amigos e demais pessoas do convívio, que observavam nossa movimentação mensal e criavam especulações sobre o que estaria sendo planejado nesse encontro secreto de mulheres negras que durava o dia inteiro. A regra era não compartilhar nada que fora trocado ou exposto nos encontros.

Os ensaios *Vivendo de amor* de bell hooks (2010), *Em busca dos jardins de nossas mães*, de Alice Walker (1972) e *Os usos do erótico - O erótico como poder*, de Audre Lorde (1978) foram os primeiros ensaios do feminismo negro, compartilhados no **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura** e a leitura coletiva nos conectou com a necessidade da autopercepção, para melhor compreensão sobre as experiências de vida que ali compartilhávamos.

A expansão do poder erótico, proposto por Audre Lorde (2019 [1978]), ganhou dimensões práticas na intensidade das trocas somente com mulheres negras. Havia tesão em estar juntas, na intimidade de nossas histórias e não há como negar a carga emocional da vida afetiva e sexual de mulheres negras, atravessadas pelo passado de explorações ao seu sexo e trabalho, porém, com possibilidades de ressignificações. Identificamos a necessidade da busca constante pelo erótico no cotidiano de nossas vidas.

Como mulheres, precisamos buscar formas para que nosso mundo possa ser realmente diferente. Estou falando, aqui, é da necessidade de novamente avaliarmos a qualidade de todos os aspectos de nossas vidas e de nosso trabalho, e de como nos movimentamos através e até eles. (Lorde, 2019 [1978], p. 70)

Ao teorizar as experiências de vida com intencionalidade, mulheres negras realizam processos de cura e autorrecuperação da identidade. A fala e a escrita apropriada pelas sujeitas ativas deste estudo se tornou uma prática de autorrecuperação da voz e da resistência ao patriarcado racista. bell hooks (2019) reconhece seu poder político, uma vez que somos constituídas a partir da linguagem

Estamos enraizados na linguagem, fincados, temos nosso ser em palavras. A linguagem é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo — para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação — uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta. (hooks, 2019, p. 73).

Não são todas as integrantes do **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura** que se autodefinem escritoras, poetas, ou mesmo artistas, no entanto minhas observações também incidem sobre como as ações coletivas de incentivo ao exercício da escrevivência, foram responsáveis pelos estímulos criativos que despertaram questionamentos aos padrões patriarcais que vivíamos, nos provocando inicialmente a nomear tais ações.

A escrita autoral livre era uma prática sempre estimulada nos encontros. Parte das mulheres compartilhavam seus textos, enquanto outras escolhiam manter o silêncio e o segredo de suas palavras, tendo sua escolha respeitada. Naturalizar o ato de escrever promoveu a aproximação e a intimidade das integrantes com a escrita de si, impactando profundamente na maneira como lidar e se apropriar da palavra.

Escrever sobre nós, nossas identidades e desejos, reposiciona os lugares de objeto e sujeito moldados pelo controle colonial. Quando escrevemos, reposicionamos os lugares sociais em que ainda somos vistas como desviantes ou exceções, projetando as reais mudanças que almejamos. Ao questionar porque escrever, Glória Anzaldúa (2000 [1981]), intelectual chicana do terceiro mundo, justifica em carta

Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. (Anzaldúa, 2000 [1981], p. 232).

As leituras feministas ativaram dimensões de agenciamento e poder, através da escrita e da busca pelas palavras que possibilitem o rompimento com o silêncio e as limitações. Escrever e se expressar artisticamente, se tornou um método seguro, curativo e efetivo para as ativistas do grupo, poetisas e artistas negras que já se conheciam da cena cultural e testemunharam as práticas racistas e sexistas nos saraus. Os poemas compartilhados nos capítulos anteriores, refletem a denúncia e os aspectos sociais que permeiam a experiência de uma mulher negra.

[...]

Carrego comigo o legado
De minha mãe, de minha avó
E de tantas outras que me antecederam.
O grito que carrego também é delas.

Pelos prazeres que não puderam ter
Pelo corpo feminino que não puderam explorar
Pelo voto e palavras negadas
Pelo potencial não exercido
Pelo choro em lágrimas secas.

Tenho um grito entalado na garganta.
Um grito denso, volumoso,
Um grito ardido, de veias saltadas.
E hoje ele vai sair.

– O corpo é meu! (Nascimento, 2014, p. 28-30).

Não há neutralidade no posicionamento assumido por Jenyffer Nascimento, ao gritar sua propriedade corpórea consciente. *O corpo é meu!* não é só palavra de ordem que viralizou nas redes sociais em 2015, estamos tratando da radical rejeição da poeta negra, aos moldes patriarcais de servidão, ao enaltecer seu poder e agencia, pautando a crítica feminista a partir das mudanças de seus próprios paradigmas afetivos-sexuais.

Ao protagonizarem escrevivências de liberdade, prazer e bem viver, mulheres negras superam os estigmas do fracasso, da solidão e do silêncio imposto pelo racismo, o sexismo e a LBTfobia⁷¹. A teoria de Audre Lorde, atribui ao poder erótico, a capacidade de realização pessoal de cada uma de nós, através da intimidade consigo e da pulsão de vida criativa “cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas.” (Lorde, 2020 [1978], p. 70).

A análise da escrita poética de mulheres negras periféricas e suas articulações políticas podem nos direcionar à percepção da apropriação da palavra e do discurso crítico emancipador, nos processos criativos e de busca por autodefinições e valorização de suas sujeitas. Audre Lorde que também foi poeta-ativista, no ensaio *A poesia não é um luxo*, escrito em 1977 e publicado no Brasil apenas em 2019, afirma que

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. (Lorde, 2019[1977], p. 45).

Na perspectiva de Lorde (2019 [1977]), o poder da palavra e da poesia são peças vitais na vida das mulheres negras, um método de rompimento com o silêncio. A autora observou seus processos de sobrevivência e transformações a partir da escrita, transbordando palavras não ditas desde sua infância. Seus ensaios, artigos e poemas são

⁷¹ LBTfobia é o crime de ódio e discriminação contra todas as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ (sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas /Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-binárias e mais).

fontes teóricas de análises e reflexões sobre a experiência de uma mulher negra nascida na década de 1930 nos Estados Unidos.

Imagem 7. encontro do Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura. 2016



Da esquerda para a direita: Jerusa Machado, Jussara Machado, Luana Bayô e Cibelle Borges

Os encontros do **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura** foram impulsionadores da palavra e do discurso feminista entre os anos de 2015 e 2017, período de intensa movimentação do grupo. Minha escrita ainda discreta, mesmo com minhas consideráveis participações em antologias e convites para editoração de importantes antologias literárias foi intensamente impactada pela concepção de poder erótico de Audre Lorde.

Era preciso dar vazão à enxurrada de sensações que preenchiam e impactavam nossas ações. Ao fim de cada domingo com elas, voltava para casa energizada, cheia de papéis, arisca e excitada, com sentimentos confusos e escrita feroz.

Quando a explosão
Toma conta
E aquece o estado
Líquido
Toda dor
Que esse mundo criou
Para me levar
À exaustão de banzo
Evapora
Meu corpo
Transcende
Como brisa leve
Beleza africana

Consagração
 De um espírito livre
 Quilombola
 De quem goza
 Por rebeldia e pirraça
 Pois o meu prazer
 Você racista
 Não mata
 (Faustino, 2020, p. 28)

Em tentativas de compreensão teórica sobre este meu poema, releio as próprias palavras e me reconheço provocada por Lorde (1978) e sua proposta política de subjetividade radical. Ao assumir em primeira pessoa, a prioridade do próprio prazer sexual, se estabelece a narrativa de inversão a imposição colonial cristã, que condena o prazer e o bem estar sexual na vida das mulheres, ao mesmo tempo em que monetiza seus corpos com a indústria da pornografia.

Somos mulheres negras em um país que nos marca através de estigmas sexuais, distorcidos em alusões a promiscuidade, como apontou a crítica de Lélia Gonzalez (2020) e Beatriz Nascimento (2007) no segundo capítulo desta dissertação. Sem apegos as perspectivas morais e conservadoras cristãs, Audre Lorde (2019 [1978]) considera a pornografia uma armadilha cristã, racista e patriarcal, pois diferente da profundidade subjetiva que o poder erótico alcança, a pornografia que temos é um produto condicionado nos modelos neoliberais de servidão sexual de mulheres e pessoas dissidentes do gênero. Sobre a pornografia, a autora afirma

O erótico tem sido frequentemente difamado pelos homens, e usado contra as mulheres. Tem sido tomado como uma sensação confusa, trivial, psicótica e plastificada. É por isso que temos muitas vezes nos afastado da exploração e consideração do erótico como uma fonte de poder e informação, confundindo isso com seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é uma negação direta do poder do erótico, uma vez que representa a supressão do sentimento verdadeiro. A pornografia enfatiza a sensação sem sentimento. (Lorde, 2019 [1978], p. 68)

O Brasil é um dos países que mais consome pornografia no mundo e propaga a exploração do sexo na plasticidade patriarcal, se distanciando de qualquer aspecto humano e sensitivo. Mulheres negras são altamente sexualizadas e têm seu poder erótico corrompido pelo mercado pornográfico, através de uma insistente alucinação colonial da “negra quente”, perpetuando o abuso sexual e o desprezo pela subjetividade.

Nesta sociedade patriarcal, cristã e eurocentrada, suprimir o poder erótico de mulheres e pessoas não binárias são mecanismos de controle social, operados em esferas que destituem a cultura das mulheres e reduzem esse poder a um produto do consumo

masculino. A imposição da culpa e do medo da autopercepção, dificultam as possibilidades de reação induzindo mulheres ao autoabandono e subserviência sexual.

A consciência do poder erótico, portanto, se configura também na capacidade subjetiva de ordem crítica e radical das mulheres para perceberem e negarem propostas afetivos e sexuais sem reciprocidade, nas quais serão colocadas em lugares de subserviência e desvantagem emocional. Ao praticarem a autodefinição, mulheres negras contrariam o poder patriarcal sobre as expectativas e imposições de sua vida sexual.

Em concordância com Lorde (2019 [1978]) em relação as críticas ao mercado pornográfico, considero que neste campo minado, cabe as mulheres negras criarem suas estratégias de resistência à essa pressão social, persistindo em seus processos íntimos de busca pelas verdades sobre si e seus reais desejos. O exercício da descolonização oferece possibilidades de empoderamento e discernimento crítico para desafiar a sociedade e os estigmas em torno da imagem.

No que tange ao autoconhecimento e autodefinição, o pensamento de Collins (2016) se mostra alinhado ao debate sobre autocuidado enquanto resistência política

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos. (Collins, 2016, p. 104)

A discussão política sobre a importância do bem viver e do autocuidado para mulheres negras não é uma novidade no pensamento de intelectuais negras. Em 1978, Audre Lorde realizava críticas às dinâmicas neoliberais dos movimentos sociais nos Estados Unidos, questionando mulheres ativistas sobre a quase inexistência do gozo e do prazer em suas vidas, sufocadas pelas estruturas de opressão e as sobrecargas do ativismo, com as demandas sociais, domésticas e afetivas.

No Brasil as observações sobre a subjetividade das mulheres negras, permeou o pensamento de Beatriz Nascimento (2007), ao questionar a exploração física de seus corpos e o desgaste emocional, quando estas se movimentam para além dos estigmas sobre sua vida. Quando mulheres negras superam as expectativas de enquadramentos sociais, precisam lidar com a solidão, o descrédito e a relutância externa sobre suas escolhas, se tornando mal vistas e julgadas negativamente.

O enfrentamento ao racismo e ao sexismo na vida de mulheres negras, feministas ou não, em algum momento perpassa pela reflexão profunda e crítica sobre quem são e

suas condições de vida. Nascimento (2007) já apontava para a necessidade de mulheres negras desconstruírem as concepções românticas sobre o amor, abandonando as expectativas normativas e binárias das relações, uma vez que o imaginário social as reconhecem apenas pelo espectro sexual da servidão.

Em contato com o erótico, mulheres negras retomam o protagonismo do seu gozo e criam outras expectativas para sua sexualidade, se tornando sujeitas de seus desejos, como deflagra o poema de Flávia Rosa publicado em uma rede social em 2019.

Aquosa

Transbordando confusão como *El ninho*
 Veranica úmida
 Mar menino imensidão
 Adoça minha maré baixa
 Cresce na cheia
 Ovulando com as peixinhas
 Multiplicando em suor
 Rompendo as barragens
 E me misturando com os rios de saliva
 Pingando sêmen do serpentear da lua negra
 Sem tempo para ser estalactite nem cristal
 Sou ser nascente brotando do asfalto
 Veias aguadas vertendo dos olhos cegos
 Sou chuva, vapor, sangue
 Sou gelo, enchente, tsunami de eus
 Tem coragem de mergulhar?

Em análise metodológica o poema de Flávia Rosa é uma provocação a subjetividade supérflua, muitas vezes adotada pelas pessoas que se envolvem com mulheres negras. E partindo do questionamento “tem coragem de mergulhar?” observo que através de versos poéticos, estimula-se a reflexão e a prática política sobre prazer e bem-viver, nas esferas da autoestima e do empoderamento negro feminista. Compreendo que, ao recorrermos ao dispositivo da escrita autoral, possibilitamos a autopercepção crítica, no que diz respeito a descolonização do imaginário coletivo sobre as experiências sexuais de mulheres negras.

Grada Kilomba (2019) ao se vincular o pensamento de Lorde (2019 [1978]) e hooks (2019) sobre a teorização das experiências de mulheres negras nas margens, reconhece a escrita em primeira pessoa, enquanto um ato político de reposicionamento dos lugares sociais dos grupos oprimidos, construindo suas identidades a partir da descolonização dos saberes. A autora reitera que ao escrever, “me torno a narradora e a

escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade da minha história” (Kilomba, 2019, p. 28).

Para que novos imaginários sobre mulheres negras rompam com a cristalização dos estereótipos negativos precisamos escrever sobre nós em primeira pessoa. Escrever é criar um espaço livre para nomear aquilo que a colonialidade não dá conta de definir. Ao introjetar palavras de poder, celebração e insubmissão ao sofrimento racista e patriarcal, nomeamos politicamente a escrita erótica de si, como impulsionadora para tempos de bem-viver, nos tornando sujeitas da própria história.

A coletividade entre mulheres sempre movimentou revoluções e com o **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura** esse aspecto aprofundou efetivamente as relações. Havia uma sensação de orgulho coletivo pelo grupo sólido e comprometido com a política do autocuidado e das conexões com o legado de resistência das mulheres negras. Reafirmamos valores ancestrais da coletividade, comunhão e das estratégias que salvaram nossa continuidade em tempos passados. Exercemos o amor na concepção política que bell hooks (2021) compreende, envolvendo as práticas com ética, escuta, cuidado, responsabilidade, respeito e confiança.

Esperávamos ansiosamente pelo último domingo do mês e estávamos completamente imersas nas reverberações e desdobramentos de cada encontro. Nosso grupo de conversas no whatsapp era bem movimentado e por lá se estendiam muitos debates iniciados nos encontros.

Imagem 8. Encontro do Núcleo de Mulheres Negras – 2016



Em roda: Jenyffer Nascimento, Cris Oliveira, Jussara Machado e Mari Brito

Luana Bayô é sambista, escritora, compositora e professora da rede pública de ensino. Após um dia de fortes emoções no encontro do grupo, compôs *Voz Negra* (2017),

uma letra que enaltece a autoafirmação e o agenciamento de mulheres negras, reposicionando-as em lugares de criticidade e valor.

Tentaram me calar
Mas foi em vão

Minha voz se fez ouvir
Lá do porão
Sorri, chorei, sangrei

Mas eis me aqui
falarei para o mundo inteiro então me ouvir
Sorri, chorei, sangrei
Mas resisti
Essa voz negra
Me livrou da tristeza
Então
Vivi
(Luana Bayô - 2017)

A escrevivência aplicada no campo documental analítico, vai tecendo os cotidianos específicos de suas sujeitas, evidenciando os discursos, narrativas e a memória coletiva de mulheres negras na diáspora. Em *Voz Negra*, Luana Bayô, apresenta aspectos de autopercepção e recuperação da voz, aprimorando a consciência sobre seus marcadores sociais, através das experiências de seu cotidiano negro e periférico. Suas escrevivências se caracterizam pela “fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (Evaristo, 2005, p. 205).

Em 2017, Luana Bayô criou uma melodia para *Voz Negra* e convidou as integrantes do grupo, para a gravação do videoclipe da música. Em um dia de estúdio nos encontramos para captar as imagens e celebramos o lançamento do videoclipe no dia 25 de julho do mesmo ano, em um evento no Aparelha Luzia⁷², que comemorou o Dia da Mulher Negra americana Latina e Caribenha.

⁷² Um quilombo urbano na região central de São Paulo, fundado em abril de 2016 pela ativista, artista, educadora e na época Deputada Estadual por São Paulo, Erica Malunguinho.

Imagem 9. Clip Voz Negra, Zalika Produções. 2017



de Luana Bayô.

Audre Lorde que dentre muitas definições atribuídas foi ativista, intelectual, educadora e feminista de atuação coletiva com a população oprimida e em especial com as mulheres negras, conceituou as práticas do autocuidado e do autoconhecimento nas esferas políticas e no debate acadêmico, despertando mulheres para a apropriação da fala e da escrita enquanto caminhos autoetnográficos para mudanças políticas radicais.

A autora compreende que o autoconhecimento é um caminho para acessar nossa força erótica, pois oferece possibilidades de rompimento com a binaridade que incide sobre as relações afetivas e os padrões sobre afeto, sexo, sexualidade e prazer aos quais mulheres e pessoas não binárias são induzidas constantemente. Neste aspecto, buscar e ter consciência erótica, possibilita as mulheres negras uma conexão verdadeira com sua essência íntima e a busca por maior satisfação nas experiências que vivenciam, seja na cama, na rua ou na escrita.

O erótico é um recurso que mora no interior de nós mesmas, assentado em um plano profundamente feminino e espiritual, e firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não pronunciados e ainda por reconhecer. (Lorde, 2020[1978], p. 67).

Os tabus sobre gênero, sexo, sexualidade, libido e prazer ainda são imensos e hostis, quando assumidos e confrontados por mulheres negras descolonizadas. Mesmo com os perceptíveis avanços nas discussões e comportamentos sociais nos âmbitos da afetividade e da sexualidade, as estruturas coloniais hegemônicas insistem no recurso

racista e sexista que condiciona a imagem de mulheres negras à promiscuidade e perversão.

A poesia pensada enquanto estratégia política de resistência das mulheres negras reconstrói a subjetividade silenciada, pois humaniza e nomeia dores e angústias para a libertação. Audre Lorde pensa a poesia “como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chama de *poesia* – a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento” (Lorde, 2019[1977], p. 46).

A poeta e artista do corpo Dandara Kuntê possui um projeto nas redes sociais chamado *Escritas da observação*, onde divulga seus textos, reflexões e pensamentos. Sempre em letras minúsculas a poeta escreveu

preta não fique confusa
 os caminhos sempre estarão abertos
 pra nós
 antes mesmo de te conhecer
 já sentia sua pele escura e macia
 sobre meu corpo negro nu
 olho meu rosto e sinto meu sorriso deslocado
 dentes amarelados e fora do lugar
 pessoas dizem que sou a vida da festa mas não sabem
 que a tristeza tem sido minha companhia se você me
 olhar de perto é fácil perceber os rastros de minhas
 lágrimas a espera de um milagre
 o toque lentamente de seus dedos em minhas curvas
 traz a sensualidade em forma de gozo máximo
 desejos e orgasmos a fio sinto
 seu cheiro em mim
 como as flores do campo em setembro de primavera
 preta essa noite nos pertence
 como o relevo das montanhas de um azul a beira mar
 tô livre pra sonhar por você por nós
 nosso romance não é passageiro
 é pássaro a lançar voo
 apesar da revolução nega
 não quero deixar de lavar os pratos e
 de lustrar os sapatos
 que trazem alívio no caminhar
 quero escrever versos com ritmo reverso
 das palavras desconexo
 num soneto dia feliz
 não espere muito pra encontrar a felicidade
 que está nessas escritas da observação
 que sinto em canção
 transformando em tesão
 de borras de café e bem querer
 não fique confusa pretinha
 a vida espera em
 nós ciclos de afeto amor
 paixão

venha e fique
antes que o dia não amanheça
e eu me esqueça de mim pra
não lembrar de nós
(Dandara Kuntê, 2018)

O poema lesboafetivo de Dandara ainda não foi publicado e apresenta o erotismo no cotidiano de suas melancolias, diante a (im)possibilidade de viver o amor com outra mulher negra. Um convite sensível a intimidade de lésbicas negras, em resposta e resistência aos imaginários de promiscuidades heteronormativas sobre o afeto e o sexo entre duas mulheres negras.

É recorrente que mulheres negras poetisas da escrita erótica relatem julgamentos pela exposição de seus textos, invasões em suas intimidades e investidas sexuais obscenas, de pessoas que sem o menor constrangimento acreditam que um poema erótico é um convite aberto para depravações racializadas. Não se trata de refletir sobre os moralismos, nem dos apegos da heteronormatividade conservadora e sim de uma dimensão social racista, sexista e altamente abusiva, que permita invasões quando se trata do sexo e da sexualidade de uma mulher negra.

Há espantos, malícias e taras não consentidas, além de tentativas de descréditos moral, quando radicalizamos o padrão cisheteropatriarcal racista das artes, literaturas e outras linguagens, construindo narrativas negras, escrevíveis e eróticas, com lirismo em primeira pessoa. E Lorde (1978) nos alerta, que “é claro, mulheres tão empoderadas são perigosas. Então somos ensinadas a dissociar a demanda erótica da maioria das áreas mais vitais de nossas vidas, com exceção do sexo.” (Lorde, 2019[1978], p. 69).

Insisto nas críticas aos estereótipos sexuais, pois este é um ponto de conflito constante. Para mulheres negras da escrita erótica, a imagem de controle da negra quente é altamente nociva e perturbadora, do ponto de vista das expectativas sociais e julgamentos que são criados em torno da sua produção intelectual e seus comportamentos afetivo-sexuais. *Mulata*, *mucama*, ou *mãe preta* são as expressões do *Pretuguês*, que Gonzalez adotou para teorizar as críticas abordadas ao longo deste estudo. Hoje estas expressões são consideradas problemáticas para o debate racial e de gênero, no entanto, o imaginário escravocrata se reinventa e perpetua o fetiche social, reconfigurando termos e seus usos nos âmbitos sociais e linguísticos.

Ao refletir sobre as nuances do racismo e do sexismo que eu-nós, ativistas negras dos quintais do mundo vivenciamos cotidianamente, percebo que a coletividade nos fortaleceu para encararmos estes fetiches sexuais sobre nossos corpos e sexo com

coragem e estratégias. Há um profundo silêncio de essência conservadora e moralista, dentro do ativismo e da cultura, quando reagimos as banalizações e produzimos arte apresentando expressões sobre sexo e sexualidade de mulheres negras cis e trans nas periferias, com apontamentos as contradições e inversão dos papéis de protagonismo.

Para além dos poemas autorais já apresentados, as aspirações sobre a experiência coletiva do cuidado com o **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura** estão registradas na revista *Sujeitos, frutos e percursos: Projeto Jovens Facilitadores de Práticas Restaurativas*⁷³, uma publicação de 2016, sobre as experiências dos núcleos comunitários da periferia sul de São Paulo. Para esta publicação, escrevemos o ensaio “*No grito mudo, ecoamos o rito da cor e trançamos histórias pretas*” (Anexo 2).

Já em 2021, a convite da OAB-SP e o grupo de estudos em justiça restaurativa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (GEJUR/UEPG) outro ensaio foi produzido coletivamente, o “*Vozes da Cura: Um breve relato da experiência do Núcleo de Mulheres Negras – o amor cura*” para compor a publicação *Narrativas restaurativas libertárias: ensaios sobre potências e resistências*.

Em reflexão sobre a necessidade de mulheres negras romperem com o silêncio, a autora declara: “Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio?” (Lorde, 2019 [1977]. p 52). Esse foi o seu questionamento diante as opressões que mulheres negras enfrentavam dentro dos movimentos sociais negro e feminista na década de 1970.

Ao erguerem suas vozes ante o silêncio racista e sexista no ativismo cultural periférico da zona sul, mulheres negras iniciaram a construção de conhecimentos e práticas feministas locais amparadas pelos disparadores sociais que a autora aciona, ao questionar nossos silêncios individuais e coletivos nos espaços de sociabilidade, sob a ótica interseccional do pensamento feminista negro.

- Erótica – Carolina Maria de Jesus

Encerro as análises e observações deste capítulo, dedicando alguns parágrafos em honra e memória a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, a despeito das compreensões sobre consciência crítica feminista, escrita autoral e poder erótico, enquanto ações

⁷³ Veja a publicação em: https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/01/formacao-justica-restaurativasujeitos-frutos-percursos_2013-2016-1.pdf

transformadoras na vida das mulheres. Não reduziremos mais sua memória artista ao romantismo colonial dos fetiches sobre a fome e as mazelas do povo negro, podemos e devemos elevar sua trajetória ao lugar de referência de resistência negra e feminista no país, ainda que estas categorias não fossem expressadas diretamente em suas falas, escritos e expressões de vida.

A autora causou espantos, delírios, desconfiças, recalques e dissimulação nos grupos intelectuais e políticos da elite paulistana, ao expor a miséria produzida pela modernização da cidade, o racismo e o sexismo experimentado na sua condição de raça, gênero e classe. Carolina foi uma mulher ciente do seu grupo social e ainda sim, expressou em sua literatura identidade, orgulho, lucidez, consciência crítica e determinação para a mudança.

Apresentando ao mundo seus pontos de vista, a escritora detalha inúmeros aspectos e situações que revelam a experiência vivida a partir de seus marcadores sociais, sendo ela uma mulher negra retinta, pobre, favelada, mãe solo, solteira, sem encaixes do gênero, sem estudos formais e de personalidade insubmissa. Carolina demonstra postura crítica e emancipatória sobre seus projetos de vida, registrando em seus diários suas percepções e indignações de mundo.

Ousada, Carolina carregou atributos que reforçaram estigmas e imagens de controle social sobre si, porém assumiu uma postura desobediente ao julgo e padrões sociais, reagindo às limitações de raça, gênero e classe. O sucesso mundial de *Quarto de despejo – diário de uma favelada* em 1960 a projetou internacionalmente e a autora passa a ser presença marcante na cena intelectual, cultural e política altamente elitista do país, interagindo com novas facetas do racismo, do sexismo e do classicismo. Ao sair da pobreza e lançar seu segundo livro, *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada* (2021 [1961]), em formato de diário a autora constata e analisa que seus marcadores sociais extrapolam a condição de miserabilidade passada, revelando para nós que a consciência crítica sobre ser uma mulher negra da diáspora por inúmeras vezes é inata as condições, acessos e escolhas vividas.

Sua sensível e lúcida consciência crítica sobre as condições desfavoráveis que vivia não minou seu poder erótico criativo, presente na coragem de analisar seus problemas e projetar mudanças genuínas em sua vida. A autora acreditou na importância de sua escrita e buscou de maneira sagaz, a realização do seu maior projeto: publicar um

livro. Foram inúmeras tentativas e estratégias que a autora criou para que seus textos chegassem até onde ela queria.

Seus diários apresentam dimensões de poder e de agenciamento para mulheres negras, escamoteadas na indigesta realidade de misérias e ausências. Para o leitor, é preciso desnudar sua escrita do fetiche colonial da miséria, criado em torno das dificuldades que encontrou na vida. Mesmo em condições extremamente desfavoráveis, perpetrada pelo racismo, o sexismo e a pobreza, a autora se empodera do próprio letramento social e transcende poeticamente, transformando seu entorno em um lugar íntimo e exclusivo para sua literatura.

Há autonomia e prazer na prática literária de Carolina, que escolhe e define para sua vida, a escrita enquanto um momento prioritário, íntimo e seguro para elaborar e refletir seus afetos, prazeres, fomes, lutas e revoltas, tão complexos e latentes nas memórias dos tempos mais difíceis de sua vida. “Quando fico nervosa não gosto de discutir, prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo...” (Jesus, [1960] 1992, p. 22).

Encarar as mazelas e lutar para transformar a realidade imposta é o cerne da história das mulheres negras no país e Carolina condiz com essa essência. A autora demonstra profunda lucidez sobre si e capacidade de direcionamento para mudança da própria vida, buscando os meios para publicar seu livro e registrar na literatura suas experiências de vida.

A consciência de raça, classe e gênero se mostra constante em seus textos através das críticas aos governantes, das percepções sobre as diferenças sociais da vida dentro e fora da favela, da constatação da discriminação racial, da sobrecarga e das violências suportadas pelas mulheres. Nada escapou do olhar sensível de Carolina, que ainda sim se viu bonita e orgulhosa de sua identidade negra e feminina. Em vários trechos, a poeta posiciona sua negritude no status de beleza e orgulho. “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo. Eles respondiam: - É pena você ser preta! Esquecendo eles que eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico” (Jesus, [1960] 1992, p. 65).

Os afetos vividos pela autora, também se apresentam em dimensões de poder erótico e lucidez sobre as armadilhas patriarcais. Sua consciência de gênero extrapola a ótica feminista hegemônica, que não contempla o pensamento crítico de mulheres como ela. A autora registra muitos momentos de insatisfação com a figura social masculina e os moldes familiares; no entanto não deixa de buscar satisfação para sua afetividade e

prazer, assumindo desejos e compartilhando momentos de experiências afetivas-sexuais autônomas de profunda entrega e paixão, no entanto lúcidas e conscientes no que diz respeito as romantizações do amor que são induzidas as mulheres.

percebi que sua intenção era diminuir-me aos olhos dele. Mas ela chegou tarde demais, porque a nossa amizade é igual uma raiz que segura uma planta na terra. Já está firme. Dormi com ele. E a noite foi deliciosa. (Jesus, [1960] 1992, p. 170).

Ao menosprezar uma possível disputa feminina com a vizinha e nomear seu parceiro sexual na esfera de amizade, a autora deixa subentendido que sua relação com o Manoel não se trata de uma relação idealizada nos moldes patriarcais de namoro, noivado ou casamento. Carolina assume sua postura independente aos padrões de comportamento induzidos às mulheres, em uma época em que a maternidade solo e as relações sexuais livres de compromisso eram extremamente julgadas moralmente. Carolina assume que vive uma relação de afeto com o português Manoel, porém se esquia de suas investidas sobre um possível compromisso mais sério, afirmando para si e para a sociedade, sua decisão consciente pelo não casamento.

Nos relatos em seus diários, em determinado momento ela se aproxima de outro homem (o Cigano) e passa a se relacionar simultaneamente com ele e Manoel, demonstrando não se importar com os rumores e boatos da vizinhança sobre seus múltiplos afetos. Estes acontecimentos, ainda que na chave binária e heteronormativa das relações de gênero, demonstram seu estado de empoderamento e autonomia. A autora experimentou afetos e gozou com os homens que escolheu, sem clandestinidade, culpa ou explicações morais.

A profundidade alcançada na obra de Carolina Maria de Jesus nos oferece dimensões legítimas sobre o pensamento, as ações e as estratégias políticas de resistência assumidas por uma mulher negra moradora de favela. Suas narrativas reais transformaram sua vida e hoje, inspiram mulheres sobre o valor de nossas histórias e da memória coletiva.

Reverencio Carolina Maria de Jesus pelo seu legado artístico-literário, seu poder de criação sensível e estratégico contra a dureza do sistema e a apropriação da palavra em benefício do próprio legado. Não há como negar que sua trajetória, nos mostra como a consciência crítica feminista de mulheres negras se desenvolve no campo dos

acontecimentos e das condições que irão determinar suas experiências de vida. A consciência da desvantagem social não nos permite desistir de mudar as condições de vida que são impostas e criar resistências contra isso não é uma exceção.

As escrituras de mulheres negras são os campos de pesquisa escolhidos por mim, na perspectiva de produzir ciência e fontes bibliográficas, me permitindo refletir sobre processos individuais e coletivos que compreendam a teoria e a práxis na vida e na luta.

CAPITULO 4

- Mulheres Negras - Eu-Nós: Saberes compartilhados e práticas feministas nas margens.

O espaço acadêmico é fortemente marcado pelas hierarquias coloniais do saber que insistem em uma hegemonia masculina e racializada, se tornando um lugar de tensões e hostilidades para pessoas negras. Lélia Gonzalez (2020), ao evidenciar as diferentes estratégias de resistência das mulheres negras e indígenas no Brasil, América Latina e Caribe, direciona seu pensamento para a crítica ao feminismo hegemônico, conceituando a Amefricanidade, para valorizar as práticas de resistência cultural conectadas as experiências comuns dos povos negros e indígenas na diáspora.

A Amefricanidade é uma categoria político-cultural, que propõe a descolonização dos paradigmas acadêmicos, localizando a experiência negra e indígena nas Américas, com o reconhecimento efetivo da resistência das mulheres, na construção de novas epistemes. Para a autora, a Amefricanidade se estrutura:

Já na época colonial escravista, ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão concreta está nos quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, marronages e maroon societies, que surgiram nas mais distintas paragens geográficas da América. (Gonzalez, 2020, p.153).

A capacidade de organização política das mulheres negras *Amefricanas* é um pilar que ao longo da história social do país, estruturou a luta negra contra o racismo e o sexismo e a autora reflete sobre esse potencial político e intelectual. No que diz respeito a gênero e feminismo na realidade da mulher negra brasileira, a autora iniciou questionamentos valiosos sobre a universalização da categoria Mulher nos debates acadêmicos e nos movimentos sociais.

Esta questão é de caráter ético e político. Se estamos comprometidas com um projeto de transformação social, não podemos ser coniventes com posturas ideológicas de exclusão, que só privilegiam um aspecto da realidade por nós vivida. Ao reivindicar nossa diferença enquanto mulheres negras, enquanto amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. (Gonzalez, 2020, p. 270).

A teoria feminista negra estabelece sua ciência, a partir da experiência social de suas sujeitas, sendo estas experiências positivas ou não. Raça, gênero, classe, sexo,

sexualidade e outras intersecções de identidade e status social, são dispositivos que direcionarão todos acontecimentos na vida de uma mulher negra. No entanto, quando estas mulheres adentram o espaço acadêmico munidas deste repertório crítico-social com complexidade analítica e metodológica sobre suas experiências, há tentativas de invalidação do seu trabalho, considerado subjetivo ou militante.

Ao conceituar e defender a relevância epistêmica do lugar de fala das mulheres negras para o pensamento e construção de um debate decolonial, Djamilia Ribeiro (2019) endossa as críticas iniciais de Lélia Gonzalez e argumenta que “há uma tentativa de deslegitimação da produção intelectual de mulheres negras, latinas ou que propõem a descolonização do pensamento” (Ribeiro, 2019, p.15).

O epistemicídio intelectual é uma estratégia de controle e poder que induz ao imaginário social, a ausência de capacidade científica aos saberes produzidos por mulheres negras, por exemplo, desconsiderando suas experiências e os aspectos sociais que permeiam sua produção. A academia não é neutra, no entanto, negligencia a epistemologia negra e suas construtoras, perpetuando a concepção de “um espaço branco onde se tem negado às pessoas negras o privilégio de falar” (Kilomba, 2019 p. 50).

Este é o lugar da *Outsider* como aponta Collins (2016), para designar as intelectuais negras que adentram a arena acadêmica com proposições críticas ao colonialismo e narrativas insurgentes ao apagamento epistêmico, enfrentando ataques intelectuais e subjetivos. Nos condicionam ao lugar da forasteira na tentativa de diminuir nossas intelectualidades e perpetuar o controle racista e sexista sobre nossa imagem. A autora, ao refletir sobre esta experiência, reconhece as consequências enfrentadas por mulheres negras empurradas para esta condição de constante vigilância.

No entanto, esta mesma condição é apontada pela autora como estratégica e promissora para mulheres negras que se dedicam a construção de novos saberes científicos, tornando este um campo de estímulos criativos, que podem ser acionados por aquelas que acreditam na autodefinição e na autoavaliação, enquanto ações políticas de ordem radical no enfrentamento a supremacia branca. Collins (2016) avalia que:

Uma afirmação da importância da autodefinição e da autoavaliação das mulheres negras é o primeiro tema chave que permeia declarações históricas e contemporâneas do pensamento feminista negro. Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afroamericana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens

externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (Collins, 2016, p. 102).

Para Collins (2016), a autodefinição é um dispositivo empoderador para as mulheres afro-americanas e seu pensamento se encaixa perfeitamente aos moldes raciais que o Brasil configurou sobre a imagem das mulheres negras. A autora sugere que mulheres negras comprometidas com suas autodefinições, se tornam mais críticas e seletivas em suas interações sociais, assumindo o compromisso político em descolonizar os modelos patriarcais de seus pensamentos, práticas e crenças.

A convicção de quem somos e nossos valores nesta sociedade de normas e binarismos, instrumentaliza o senso crítico para que possamos radicalizar com tudo que consideramos inútil e nocivo a nossa íntegra existência. Na sociedade de exploração capitalista que vivemos nem sempre conseguiremos abrir mão de espaços e relações que subsidiarão nossa sobrevivência e trânsito no mundo, por exemplo, mas, ainda assim, podemos estabelecer limites e critérios nestas relações e nas maneiras de lidar com os inevitáveis conflitos.

Estar forasteira em uma sociedade colonizada em caixas, possibilita o exercício do autoconhecimento e da consciência crítica comprometida, através da reflexão sobre as próprias definições e valores. Ao articularem suas experiências pessoais para produzir teorias, o pensamento de Lorde, hooks e Collins reconhece que o exercício de percepção de si movimenta mulheres negras para sua autorrecuperação. Politizar as questões da vida pessoal e descolonizar a subjetividade negra, são práticas de resistência aos valores da supremacia branca. Se não construirmos nossas próprias autodefinições em resgate aos nossos valores, vão fazer isso por nós e a favor deles.

Em revide e resistência aos estigmas dentro e fora da academia, evoco a chama insubmissa das mulheres quilombolas e abolicionistas, *amefricanas* que subverteram a lógica patriarcal cristã, recorrendo à força e ao agenciamento de seu poder erótico com criticidade e estratégia. Ao assumirem comportamentos insubmissos, contra a imposição escravista, mulheres negras viabilizaram rupturas sociais e fortaleceram o empoderamento individual e coletivo do seu povo, sem sucumbir à desumanização das violações sexuais e físicas, sofridas desde os primeiros sequestros coloniais.

O feminismo exercido nas margens está integrado a diversas agendas de luta que demandam ações políticas conjuntas e ampliadas. Suas práticas se conectam diretamente com a urgência de mulheres e pessoas trans anônimas que praticam a solidariedade, o

senso de justiça e se organizam em busca de soluções para as demandas e tensões que atravessam seus cotidianos.

A prática feminista negra está nas organizações das mulheres que acontece junto a resistência, dentro dos terreiros de candomblé, escolas, ações sociais, saúde, assistência, comunidades LGBTQIAPN+, na arte e cultura, ou seja, em todos os espaços sociais onde mulheres e pessoas não binárias negras estiverem atentas e compromissadas com as mudanças sociais de si e seus grupos.

Audre Lorde (2019[1983]) também elaborou conceitos na perspectiva da interseccionalidade, avaliando sua trajetória nas lutas pelos direitos civis e feministas a partir da década de 1960. Em um marcante discurso, ousou ao denunciar que não pode haver hierarquia de opressões, considerando impossível se desvincular das categorias que atravessam sua experiência humana e as opressões as quais está vulnerável, na sua condição de mulher negra, lésbica, feminista, mãe de menino e integrante de uma relação interracial.

Eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam pra me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não durará muito para que depois eles apareçam para destruir você. (Lorde, 2019 [1983], p. 63)

A autora alerta sobre aqueles que agem pela conveniência, ao priorizarem uma única bandeira de luta, apagando e silenciando a diversidade étnico-cultural e os marcadores sociais de raça, classe, gênero, sexo e sexualidade apresentados por grupos marginalizados, como as mulheres negras.

As epistemologias do feminismo negro se constroem na interdisciplinaridade das dinâmicas do cotidiano, nas quais mulheres negras despertas estão criticamente inseridas, mesmo em condições de vulnerabilidade. As mulheres negras trabalhadoras *das quebradas* circulam entre a burguesia e a classe média abastada do país, convivendo com suas rotinas e observando suas práticas de vida. Em silêncio, constataam inúmeros privilégios e desigualdades. Cozinham especiarias, enquanto calculam o preço da cesta básica do mês dentro do orçamento apertado. É na sobrevivência do *busão* lotado, na volta para a casa, que o abismo das desvantagens sociais grita o silêncio da violação de seus direitos. Elas sabem disso e não foram as teorias feministas que contaram.

Ela tem sua vida
 Sufocada dentro de um quartinho
 Que de tão pequeno
 Acomoda perfeitamente
 Seus poucos sonhos

Um ventilador ruído
 De arejar o calor da labuta
 Um perfume importado
 De cheirar uma vez no ano
 Uma carência pouca
 Para que passe menos fome
 Um quadro na parede
 Dos filhos
 Das irmãs
 De uma mulher
 De um homem...

Sua rotina
 Cabe em estreitos metros quadrados
 No pouco espaço
 Um vaso de pimenta
 Outro sanitário
 Água de privada
 E de manjerição
 Ardor de naftalina
 Odor do suor

E entre o cheiro do serviço
 E a presença da sua raiz
 A força do seu sorriso
 Traz acalanto
 E alivia as dores
 De uma história roubada
 (Carmen Faustino)

Detalhes de uma rotina de silêncio e subalternização são alimentadas pelo fetiche colonial do quartinho da empregada, imposto a muitas trabalhadoras das periferias. A observação de quem somos e dos lugares que nos condicionam no mundo é um exercício empírico, desconfortável e impulsionador crítico, para aquelas que desejam e assim se permitem. Ao refletirem sobre suas experiências de vida, mulheres negras munidas da sensibilidade analítica de sua experiência de mundo constataam que estão “posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal” (Akotirene, 2019, p. 30).

Estamos distantes dos enquadramentos da categoria gênero que o debate feminista hegemônico apresenta em sua produção científica. A intelectual nigeriana Oyeronke Oyewumi (2021) é assertiva ao afirmar que a categoria gênero é uma imposição colonial,

pois foi constituída em moldes e hierarquizações eurocêtricas, imposta em papéis sociais binários. A categoria gênero se mostra colonial na medida em que universaliza o pensamento e as práticas sociais das mulheres no mundo, em uma lógica eurocêntrica elitista. Em concordância ao seu pensamento, a intelectual chicana Maria Lugones (2014) reconhece o “sistema colonial do gênero” que idealiza a experiência de mulheres brancas e burguesas, portanto, é uma categoria hegemônica e incapaz de comportar as dimensões sociais e intersecções vivenciadas por mulheres terceiro-mundistas.

A autora propõe a superação da colonialidade do gênero, por meio da teoria feminista decolonial, que assume postura radical e crítica sobre a teoria, considerada racializada, binária e capitalista. A *diferença colonial* observada por Lugones (2014) enquanto metodologias e coalizões políticas contra as matrizes de opressão, se apresenta no reconhecimento e na visibilidade a ser dada às organizações e práticas de mulheres do terceiro mundo.

As teorias e estudos acerca dos feminismos decolonial e periférico, vem propondo ao longo dos anos, elaborações e análises críticas sobre as metodologias feministas protagonizadas há tempos nos países e territórios descentralizados do eixo global. Suas agentes são mulheres negras, indígenas, indianas, asiáticas, mestiças e latinas, definidas *Mulheres de cor*, do termo *Womam of color*, utilizado de forma política no contexto acadêmico desde a década de 70, por ativistas e feministas negras dos Estados Unidos. No Brasil o imaginário do termo mulher de cor não agregou cunho político e está intrinsecamente ligado aos estigmas sexuais e de negação aos termos negro/preto.

Juntam-se a esses grupos, corpos dissidentes de pessoas não binárias, trans, lésbicas, imigrantes, empobrecidas e outras tantas sem privilégios de classe, que negam e reagem à exploração capitalista e extremamente violenta que vivemos. A dominação colonial no campo da produção do conhecimento se mostra profundamente apegada às imagens de controle, distanciando intelectuais negras da possibilidade de produzir ciência.

Reconhecer o feminismo das margens é validar os conhecimentos produzidos por mulheres que não estão nas universidades, palestras, mídias ou organizações sociais políticas e privadas realizando mesas e debates. Estas mulheres desenvolvem a criticidade sobre seus marcadores sociais, ao criarem estratégias de sobrevivência, autoproteção e solidariedade com outras mulheres e dissidências do gênero. As políticas feministas que

promovem a resistência nas periferias acontecem através da solidariedade que mulheres negras partilham, ao reconhecerem a encruzilhada interseccional que demarca suas vidas.

Para produzir o desenganche epistemológico e político nos modos de se produzir ciência, a Ochy Curiel (2019), aponta que o feminismo precisa essencialmente romper com a colonialidade discursiva impregnada na produção do conhecimento científico, que ainda é majoritariamente definida a partir de paradigmas eurocêtricos e masculinos.

É necessário desvincular nossas práticas da experiência colonial e da universalização do gênero, visibilizando o pensamento, ações e práticas das mulheres do povo e seus repertórios de resistência, criando outras fontes e teorias que agregarão a complexidade de suas experiências e relações sociais. Curiel (2019) destaca ainda, que não se trata apenas de citar feministas negras, indígenas, ou empobrecidas em perspectiva global nas pesquisas acadêmicas e sim de

identificar conceitos, categorias, teorias que surgem a partir de experiências subalternizadas que são geralmente produzidas coletivamente, que têm a possibilidade de generalizar sem universalizar, de explicar diferentes realidades para romper o imaginário de que esses conhecimentos são locais, individuais e sem possibilidade de serem comunicados. (Curiel, 2019, p. 46)

No que tange o ativismo das integrantes do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, a teoria feminista não é uma agenda exclusiva e prioritária em suas lutas, assim como temos integrantes que não adotam o título de feminista em sua identidade social e política, mas neste grupo todas reconhecem e assumem discursos contra as tensões e discriminações do gênero.

Retomo o pensamento de Claudia Pons (2012) e Ângela Figueiredo (2020), ao reconhecerem que muitas ativistas do movimento de mulheres negras, recusam ou não enfatizam o título de feminista em sua identidade social. Ao refletir sobre essa recusa ou pouca importância, que inclusive me aproximo em pensamento, podemos compreender este posicionamento não necessariamente como oposição a teoria feminista negra ou rejeição aos seus debates e sim como uma postura política e descolonizada contra as tentativas hegemônicas de enquadramento feminista e redução das mulheres negras a um único aspecto. O padrão reducionista do feminismo hegemônico, invisibiliza a atuação política e a difusão dos conhecimentos produzidos nas margens do mundo, perpetuando assim a universalização das práticas, categorias e conceitos.

Há uma dimensão coletiva no ativismo de mulheres negras que ultrapassa as barreiras teóricas e dialéticas do gênero no debate acadêmico e, neste sentido,

compreendo que os estudos e pesquisas como esta dissertação, acerca das epistemologias criadas a partir das experiências e práticas feministas exercidas nas margens, contribuem para a expansão e descolonização das formas de se pensar a luta das mulheres e produzir teoria.

Alinhada às críticas de Luiza Bairos (2008), percebo que no feminismo das mulheres nas periferias, nem sempre há urgência em nomeações ou definições sobre qual é a bandeira que estamos erguendo. O foco da agenda é a resolução prática dos problemas das mulheres, assim como a redução dos danos coloniais, uma vez que seus marcadores carregam raça, classe, sexualidade, geopolítica entre outras dimensões sociais que intencionalmente direcionam sua existência.

Os grupos e coletivas que integram a rede de mulheres periféricas da zona sul, assim como o **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, estabeleceram vínculos e articulações com as práticas do cuidado, apoio e ações de solidariedade entre as mulheres periféricas. Não romantizamos mazelas, nem adotamos discursos enviesados de meritocracia ou destino ruim, nós administramos a raiva e fortalecemos os laços para desenvolver capacidade política e artística, de expressar o orgulho e a afronta de ser quem somos.

Insistimos no ativismo nas periferias, pois acreditamos que “a margem é um lugar que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (Kilomba, 2019, p. 67). Nossa vivência parte do lugar que esse país escondeu ao longo das décadas e hoje corrompe com leituras enviesadas de medo e miséria. A voz que se ergue nas periferias, favelas, quebradas, assentamentos e comunidades é a voz da mulher negra que eles desejam no quartinho da empregada.

A experiência humana é plural e complexa, sendo poucos os grupos de mulheres que se encaixam na burocracia institucional que paira em vertentes do feminismo hegemônico. Bairos (2008) ao refletir sobre, afirma

ainda hoje percebemos que existe uma preocupação muito grande em definir o que é movimento feminista, o que é movimento de mulher, como se fosse possível pensarmos o movimento social como algo materializável, num movimento geral único da sociedade. (Bairros, 2008, p. 143).

Partindo do questionamento de Bairos (2008), relato a seguir, alguns aspectos da experiência de raça e gênero que se apresentaram a mim, a partir das figuras femininas de minha família, das relações comunitárias e das articulações das mulheres da zona sul, território raiz de minha identidade e experiência social. Há inúmeras formas de acessar e

promover a consciência crítica nas mulheres e antes mesmo de acessar a teoria feminista e definir lutas, eu-nós construímos entendimentos e repertórios sobre nós e nossa presença nos espaços de organização negra e periférica.

- Eu - Gênero e a memória das mulheres negras

Para o feminismo das margens, o pensamento teórico se organiza a partir da compreensão da memória coletiva. Em 2017 Conceição Evaristo em entrevista concedida à revista Carta Capital afirmou: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara.”⁷⁴. Sua fala nos abastece para o início das reflexões sobre o debate de gênero e a práxis feminista na vida das mulheres periféricas, em resposta aos modelos coloniais de subserviência de nossa sociedade.

Eu precisei me conectar com meu território e com as mulheres da minha família, para compreender como as dimensões de gênero e resistência negra foram apresentados a mim, ainda na infância, me influenciando no que sou hoje. Mergulho na teoria feminista e ao exercício de reconhecimento as estratégias e revides que as mulheres de minha linhagem ancestral impuseram contra os padrões coloniais.

Filha de Neusa Maria Bernardes e Antônio Faustino, neta de Manoela Lopes Bernardes, e Silvéria Candido Faustino (ambas *in memoriam*) e Luiz Candido Faustino e Noel Bernardes (ambos *in memoriam*). Sou uma mulher forjada nas ruas e encruzadas da cultura negra urbana, presente nas expressões sociais das periferias de São Paulo. Os Sambas dos quintais e bares e o Hip Hop nos bailes de garagens, praças e quermesses são as raízes culturais de minha identidade negra.

Não conheci meus avôs e sei pouco sobre eles. Minhas avós, Manoela e Silvéria adotaram o silêncio e se recusavam a falar sobre seus esposos e o casamento que tiveram, no entanto, todos sabiam que o alcoolismo e a violência doméstica foram realidades vividas por ambas. Nas celebrações em família, quando as conversas rumavam para esses

⁷⁴ Veja a entrevista completa: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossafalaestilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>

assuntos, as duas erguiam a voz com braveza, evocando seus lugares de matriarcas, um sinal para que o falatório acabasse. Havia respeitabilidade e obediência às suas ordens, e eu criança, entendia que este era um tema proibido. Nas raras lembranças em que pude presenciar alguma emoção da parte delas, uma expressava alívio, a outra mágoa.

Minha mãe Neusa Maria Bernardes (a Dona Neusa do geladinho), hoje servidora pública aposentada, empreendeu, dançou, sentou na mesa do bar, na beira de campo, frequentou o baile, o samba, usou batom e unhas vermelhas, e não cedeu, como se esperam de mulheres negras. Desbocada e trabalhadora ousada, era julgada muito “pra frente” para uma esposa e mãe de 4 filhos pequenos. Nos anos 1990, eu frequentava as rodas de samba e o futebol de várzea do bairro com minha mãe, que resistia às imposições patriarcais e enfrentava as posturas sexistas de meu pai.

Em um núcleo familiar preto, foi afetuoso ser uma criança com muitas irmãs, irmãos, primas, primos, tios e tias e crescer presenciando nos quintais as tecnologias ancestrais de sobrevivência e celebração, alcançadas mesmo com os desentendimentos constantes e as condições financeiras precárias. Carrego memórias positivas de afeto e bons exemplos. É certo que os amores não são incondicionais e haviam imposições de gênero muito simbólicas nas entrelinhas da aparente harmonia familiar.

Há sim traumas, violências, rupturas, desequilíbrios e ausências profundas conectadas a minha linhagem feminina, visto o silêncio vivido por minhas avós e as dinâmicas de subserviência imposta pelos homens da família, mas hoje, há também movimentos para minha autorrecuperação, compreendidos pelo pensamento de bell hooks (2017) sobre as práticas de teorizar experiências pessoais, “para explicar a mágoa e fazê-la ir embora, através do rompimento com as narrativas de dor.” (hooks, 2017, p. 85).

Na infância e adolescência em família, eu participava das ações políticas e beneficentes do bairro, presenciando a atuação das mulheres nas organizações de moradores e as inúmeras tensões que sucumbiam entre alguns revides e desabafos sobre o comportamento dos homens. As mulheres que praticavam alguma insubmissão se apresentavam mais libertas em suas vestimentas, enfrentavam duras e maliciosas armadilhas de objetificação de seus corpos e silenciamento de suas vozes.

Nesse mesmo prisma, guardo memórias das festas no quintal da família, regadas a música negra e a presença da minha tia ancestral Regina Helena Faustino de Carvalho, que assumia postura enérgica, ao reclamar e intervir no aparelho de som da festa, pausando a velha fita cassete quando tocavam músicas de depreciação a mulher. Tia Dina

era mineira, tinha a pele preta retinta, foi passista de escola de samba, empregada doméstica de um renomado estilista, morador do bairro Morumbi, um dos mais caros São Paulo e mobilizadora comunitária no município de Itapevi. Após sua morte, recebeu uma homenagem da cidade, que registrou com seu nome uma rua de Santa Rita, bairro onde morou e lutou por melhorias.

Era insubmissa aos padrões e afiava a palavra com um gole de cerveja, no meio do quintal de terra batida. Tonteando de tanto sambar, aconselhava as meninas ao não casamento e contava para quem quisesse ouvir sobre os homens que lhe impuseram a violência doméstica e tiveram que lidar com a vergonha pública de receber seus revides, todos à altura, pois, segundo ela: “se ele te levantou a mão, cê que quebre uma vassoura na cabeça dele”.

A forma como minhas avós, mãe e tia reagiram às imposições do gênero há décadas passadas, revelam aspectos diversos sobre a compreensão social que mulheres negras não acadêmicas desenvolvem, sobre as questões que atravessam suas vidas. Nesta época familiar, não havia por mim, a compreensão sobre o poder patriarcal de minhas avós, a audácia de minha mãe, nem a afronta e ativismo de minha tia. Eu menina, em silêncio observava com malícia e brilho nos olhos suas posturas e o tensionamento que causavam no ambiente familiar.

Integro uma geração nascida nas margens da cidade de São Paulo, entre o final dos anos 1970 e 1980, período que o clamor pela redemocratização do país ouviu os gritos da completa degradação social instaurada nas periferias, denunciada nas letras de Rap e discursos do Movimento Negro. As condições de vulnerabilidade sempre mobilizaram as periferias, territórios majoritariamente negros para a organização social através das ações das Associações de Bairro, ONGs, Clubes, Festas Religiosas, Escolas de Samba, Blocos Carnavalescos e Futebol de Várzea.

A presença das mulheres nestas iniciativas ainda hoje são predominantes e alimentam as possibilidades de sobrevivência e organização coletiva, reverberando nas futuras gerações. Nos registros históricos há ausências e apagamentos sobre os meios de organização sociocultural nos territórios marginalizados, para além das narrativas de sofrimento e escassez. As expressões da cultura negra são destituídas de seu peso político e feminista e ao retomar esse aspecto, reitero o pensamento de Gonzalez (2020) já desenvolvido neste estudo, sobre o poder transformador dos valores culturais africanos e afrobrasileiros.

No início dos anos 2000 eu ganhei as ruas de São Paulo. Aos 20 anos frequentava os Bailes Blacks, a escola de Samba Vai-Vai, as rodas de Samba nas comunidades e no centro e os grupos de estudos do Hip Hop, chamados *Posses de Rua*. Meus pais já estavam divorciados e havia o enorme peso das críticas machistas à minha mãe e a forma como ela conduzia a educação de suas filhas jovens sem a figura masculina por perto.

Com minhas irmãs e amigas, gostávamos da coletividade e a afronta nos eventos de Hip Hop. Nos juntávamos para cantar em alto e bom tom as letras de rap, flexionando o gênero das letras: “*Eu sou a mana / Mina dura do gueto / Oba / Aquela loka que não pode errar / Aquela que você odeia amar / Nesse instante / Pele parda e ouço funk / E de onde vem os diamantes?! / Da lama! / Valeu mãe / Negra Drama!.*”

Em outros momentos, quando as rimas cantadas depreciavam mulheres, virávamos de costas para o palco junto com outras presentes, provocando o universo masculinizado e sexista do segmento. A denúncia sobre a condição de vida das mulheres nas periferias se apresentava nas rimas de Dina Di (*in memoriam*), Sharylaine, Negra Li e Rubia RPW, todas mulheres MCs, poetas, rimadoras e ativistas que, desde os anos 1990, tensionam pela valorização das mulheres e a ampliação do debate feminista no Movimento Hip Hop.

Nas rodas de Samba, as tensões também aconteciam e muitas mulheres fugiam das tentativas de enquadramentos aos estigmas sexuais sobre o seu corpo, impondo reconhecimento como compositoras, cantoras ou instrumentistas. Havia muitos conflitos e incompreensões, ainda que inconscientes, sobre a presença-ausência da categoria Mulher Negra no Hip Hop, no Samba e outras vertentes artísticas populares, que refletem em seus repertórios e produções da música, literatura, audiovisual, teatro e outras artes, o imaginário social da figura feminina negra, em contextos altamente racistas e sexistas.

Ao resgatar essas histórias, reconheço que nas décadas passadas, tanto minha tia, quanto minha mãe, irmãs, primas, amigas e eu, não tínhamos as dimensões sociais, nem repertório teórico para sustentar argumentos e debates sobre gênero, estruturas sexistas ou feminismo. Meus primeiros questionamentos sobre a condição de vida das mulheres foram despertados na convivência familiar, percebendo a naturalização do silêncio de minhas avós, as críticas a minha mãe e tia e os privilégios que os homens e meninos usufruíam.

No contraponto, se destaca na memória, as posturas de minha mãe e minha tia, que reagiam, ainda que com muitas limitações, às expectativas patriarcais sobre suas vidas. Elas eram amigas, guardavam segredos, se protegiam dos ataques familiares e se apoiavam nas demandas cotidianas para que pudessem juntas se divertir, principalmente no carnaval. Ambas confrontavam o sexismo e denunciavam a seu modo os privilégios patriarcais dos homens de suas vidas (esposo, irmãos, tios e primos).

Burlavam as ordens dos homens e ignoravam sua presença, estimulando outras mulheres e meninas em sua volta. As duas arcavam com o peso e a resistência de suas ações, na mesma medida que encaravam friamente o julgo social e as violências simbólicas. Em tempo presente, hoje, eu consigo reconhecer tais posturas e considerar o espelho de coragem e confiança que a consciência crítica destas duas mulheres negras refletiu nas escolhas de minha trajetória.

Retomo aqui aspectos da epistemologia Ginga de Mestra Janja (2017) e o pensamento erótico de Audre Lorde (1978) para considerar a Ginga, enquanto tecnologia de resistência, que mulheres negras criam, quando decidem pela não subalternidade, assumindo comportamentos transgressores a ordem do gênero com coragem e estratégia aos inevitáveis enfrentamentos. Na perspectiva política do poder erótico, devemos superar o peso das expectativas coloniais sobre nossa imagem, diante nossas aptidões, desejos e talentos, nos dedicando a busca pela satisfação pessoal e nos protegendo das violações que marcam nossas existências e escolhas.

Reconheço a importância desta intuição crítica e ancestral, forjada na desconfiança, na observação empírica e nos exemplos de organização das mulheres do meu convívio. Estas narrativas revelam posturas e ações que colaboram com a construção da memória de “mulheres negras inseridas em dinâmicas de protagonismos, de não sujeição, de quebra de decoros atribuídos ao feminino, sendo este tributário dos espaços e vidas domésticas. (Araújo, 2019, p. 556).

As incompreensões de raça, gênero e classe, ainda que desconectadas, me acompanharam na adolescência e juventude na periferia sul de São Paulo. A dimensão concreta, ampliada e interseccional sobre as dinâmicas sociais de mulheres negras se constrói em meu repertório a partir de 2011, quando já estava inserida no ativismo cultural do território, declamando vez ou outra alguma poesia nos saraus, mas aquilombada com outras mulheres negras. Esta coletividade entre mulheres alimenta meu tesão de viver e

se torna o combustível erótico marcador dos meus processos de identidade, resistência e emancipação.

A construção da sujeita negra periférica, a qual estabeleço as relações entre ativismo negro, arte e cultura, é marcada pelo olhar crítico e a ruptura com a naturalização dos estigmas e imagens de controle social, conceito difundido no feminismo negro estadunidense por Collins (2016), que reflete sobre as tentativas constantes de desumanização e manipulação do comportamento das mulheres negras, através de opressões simbólicas induzidas a uma série de estereótipos negativos e desumanizadores.

Á exemplo, a figura da matriarca, ou guerreira, normalmente uma mãe solo, chefe de família, batalhadora e dedicada. E justamente por carregar todos esses atributos e sempre dar conta de tudo, é percebida como alguém que aparentemente não necessita de atenção ou cuidados. Outro estereótipo comum é o da raivosa, muito utilizado para violentar mulheres negras que apresentam posturas ousadas, ou assertividade em suas falas e direcionamentos, nos espaços em que se espera sua subordinação e silêncio.

O imaginário social brasileiro é carregado de resquícios escravocratas e concebeu muitos estereótipos às mulheres negras. O estigma da “mulata”, “mucama”, ou “guerreira” por exemplo, estão diretamente atrelados às violências sexuais e a exploração do trabalho no sistema escravista, sustentando hoje violências de gênero racializadas. Este debate e os reflexos nas relações de afeto, solidão e sexualidade de mulheres negras foram pontos fortes nas provocações teóricas que Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento levantaram nas décadas de 1980 e 1990, sobre o imaginário social que o país produziu e ainda perpetua sobre as mulheres negras.

Gonzalez teceu muitas críticas e elaborações sobre o que denominou como *neurose cultural brasileira*, ou seja, as relações violentas de “amor” e ódio que o país construiu em torno da figura da Mulher Negra. A categoria raça é um marcador determinante e a autora afirma que “nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (Gonzalez, 2020, p. 224). As críticas ao termo mulata e os impactos na vida de mulheres negras foram pontuadas, por ser uma “categoria” exclusivamente brasileira, impregnada nas artes, literaturas canônicas e muito reforçado pelas mídias nas novelas e no contexto do carnaval.

O estigma da mulata perpetuou a ideia do corpo-objeto e de uma prática corpórea depravada, descolada da consciência crítica social, da agência e da intelectualidade daquela que dança. Um exemplo recente foi a fala de Gabriela Priori, advogada, apresentadora e feminista branca, que ao receber um convite para desfilarm no posto de musa de bateria em uma escola de samba do Rio de Janeiro em 2022 afirmou que estava quebrando tabus pois “seu diploma de Mestrado pela USP continuava válido”⁷⁵. Ou seja, o pensamento de Priori apresenta um imaginário colonial sobre a intelectualidade das passistas do carnaval, em sua maioria negra, assim como perpetua uma hierarquia colonial do saber, negando os conhecimentos produzidos fora das universidades, pela cultura negra do Samba.

Não caberia aqui uma resposta “acadêmica” à Priori, sobre os desafios que mulheres negras das artes do corpo realizam para dignificarem seu trabalho, nem uma imensa lista com o nome e o sobrenome e o título das inúmeras passistas, dançarinas, cantoras, mestras, compositoras, produtoras e demais mulheres que entre a sola e o salto, equilibram a família, os filhos, o trabalho, os amores, os diplomas de graduação, mestrado e doutorado, os livros publicados, os discos lançados, o ativismo e a resistência negra dentro das comunidades e das escolas de samba, sem cair!

O fato é que a regulação social promovida pelas imagens de controle condiciona o imaginário coletivo, definindo mulheres negras – no caso as passistas do carnaval - como pessoas sexualizadas, desprovidas de consciência crítica e capacidade para produzir conhecimento. A colonialidade vulgariza o corpo negro que dança, na mesma medida em que monetiza para satisfazer taras e fetiches, a herança cultural africana de dominar o movimento dos quadris. Beatriz Nascimento (2007), escreve sobre os estigmas do corpo da mulher negra e as limitações sociais impostas nos campos do trabalho, vida social e afetividade.

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. (Nascimento, 2007, p.104).

⁷⁵ Veja mais em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/04/21/priori-estereotipointelectualacademicas.htm>

Ao refletir sobre as categorias e fatores que atravessam a vida das mulheres negras, consigo afirmar que minhas observações, aliadas ao sentimento de apropriação a cultura negra e as diferenças sociais que mulheres negras vivenciam, foram os campos de análises aplicadas empiricamente por mim, em uma época em que o debate público e as teorias sobre os enfrentamentos de raça, classe e gênero não estavam em meu radar.

Esse olhar observador e interseccional sobre as tratativas e permissões socialmente ofertadas para mulheres e homens, negros e brancos, pobres e ricos, assim como as expressões de orgulho, a denúncia social e a filosofia popular estão presentes nas expressões da cultura negra, nas manifestações artísticas e culturais vividas nos aquilombamentos urbanos.

Foram as letras de Samba e o coro familiar nos versos *“Este samba é pra você/ Que vive a falar, a criticar/ Querendo esnobar, querendo acabar/ Com a nossa cultura popular/ É bonito de se ver/ O samba correr, pro lado de lá/ Fronteira não há, pra nos impedir/ Você não samba mas tem que aplaudir”*⁷⁶ que me apresentaram percepções positivas e prósperas sobre o povo negro e a riqueza de seu legado. Assim como foram as letras de rap, que a consciência crítica racial e de classe me despertou radicalmente, junto a várias gerações de homens e mulheres negros e periféricos, em uma época em que o acesso à informação era altamente restrito nas periferias.

- Nós - Arte e ativismo na experiência feminista das periferias.

No contexto social dos anos 1990 e 2000 nas periferias de São Paulo, as preocupações com os índices de assassinatos de jovens nas periferias eram pautas urgentes na cena cultural negra da cidade. Ainda na juventude, com irmãs e amigas sabíamos que a condição de mulher nos colocava em dimensões mais agravantes de vulnerabilidade ao circular pela noite de São Paulo. Andávamos em grupo e assim garantíamos o mínimo de segurança e proteção.

Reflito sobre como as mulheres nas periferias vivem em estado de alerta e condicionadas a estratégias constantes de autoproteção individual e coletiva. Sempre tivemos nossos códigos de conduta e resistência para frequentar os espaços sociais e a

⁷⁶ Do Samba “Batucada dos nossos tantãs” (1993), canção do Grupo Fundo de Quintal.

noite nas grandes cidades. Nas periferias, mulheres desenvolvem estratégias para garantir o direito à informação, cultura e lazer, assim como se protegem na volta para casa.

A perspectiva política do cuidado e da solidariedade entre mulheres negras é um pensamento compartilhado desde os anos 1970 por Audre Lorde, Angela Davis, Beatriz Nascimento, bell hooks, Lélia Gonzales, Neusa Santos, Sueli Carneiro entre outras ativistas e pensadoras da teoria negra, que apontavam para as inúmeras nuances de desumanização que mulheres negras encontram em suas interações sociais. Em crítica propositiva, estas intelectuais cobravam responsabilidade e compromisso da sociedade e em especial dos homens negros ativistas com as mulheres negras, propondo também a solidariedade e o agrupamento entre as mesmas, para o cuidado e a priorização de suas urgências. Se conscientizar sobre a prática, o cuidado e a percepção de si, são caminhos que garantem melhores estruturas físicas e emocionais para o empoderamento de si e sua comunidade.

As discussões sobre racismo e sexismo, a partir da década de 1970, foram fundamentais para o início do debate público sobre políticas de direitos reprodutivos, sexuais, saúde integral e os impactos do racismo na subjetividade de mulheres negras. Lélia Gonzalez usou do bom *Pretuguês* para denunciar as estruturas que interseccionam raça, gênero e classe na vida de mulheres negras. Sua biografia não chegou até mim nas décadas de juventude nos anos 2000, como também era desconhecida por muitos até poucos anos atrás. A invisibilidade que esse país impõe sistematicamente às mulheres negras silenciou sua presença notável e seu discurso lúcido, afiado e acessível, sobre as experiências na vida de mulheres negras e trabalhadoras periféricas.

A autora passou a receber olhares atentos recentemente, após ser referendada com louvor por Ângela Davis, ao discursar para um público de quase 10 mil pessoas em uma noite fria de 2017 em São Paulo. Na ocasião, as integrantes do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura** se organizaram para garantir presença no evento, realizado no Parque do Ibirapuera, região nobre e central da cidade. Algumas não tiveram condições de comparecer devido ao tempo de deslocamento da periferia até o local, demandas cotidianas e horários de trabalho e estudo. De lá para cá, tanto a academia, quanto o interesse monetário do mercado editorial tem se debruçado em estudar, organizar e publicar artigos e textos de Lélia Gonzalez.

As violências coloniais operam intensamente no cotidiano das mulheres negras e quando não são percebidas, são naturalizadas no cotidiano das relações e Gonzalez (2020)

ainda no final dos anos 1970 assume o alerta e a denúncia sobre os enfrentamentos que Mulheres Negras encontram no ativismo social. Sendo Lélia, uma mulher altamente propositiva e atuante em diversas frentes de ativismo social, sua crítica parte naturalmente da reflexão sobre suas experiências vividas nesses espaços.

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. (Gonzalez, 2020, p. 58).

Mulheres negras, indígenas, pessoas trans, não binárias e outras dissidências sempre atuaram nos territórios periféricos por mobilidade social, melhorias e políticas públicas para arte e cultura. Os movimentos sociais nas periferias reproduzem em suas organizações, os padrões coloniais sexistas de invisibilidade e trefismo, já denunciadas pela intelectualidade de mulheres negras nos anos 1970.

As redes feministas e suas práticas de articulação política, cultural e afetiva na periferia da zona sul de São Paulo, se materializam em arte e ativismo através de peças de teatro, livros, revistas, plataformas multimídias, documentos, letras, rimas e histórias, como as produções já mencionadas ao longo desta dissertação. Em âmbito acadêmico há ensaios, artigos, dissertações e teses sobre os feminismos nas margens e destaco as produções das pesquisadoras Sulamita Jesus e Assunção (2018), Danielle Regina de Oliveira (2019) e Alessandra Kelly Tavares de Oliveira (2022), ativistas do território que se dedicaram a pesquisa feminista acadêmica, a partir da construção de sentido sobre suas experiências no ativismo periférico.

Há dados empíricos e processos coletivos relevantes para os estudos sobre movimentos sociais e feminismo, no que diz respeito as formas de organização, resistência, emancipação e memória que mulheres negras Amefricanas nas periferias vivenciam e expressam em suas práticas culturais e linguagens artísticas. As ações realizadas pelos grupos de mulheres negras artistas se multiplicam em territórios periféricos do país, conectando as expressões culturais negra e indígenas nas práticas do cuidado. Estar em momentos de intimidade e confiança com grupos de mulheres reestabelece o poder, acionando a leitura sobre os elementos da epistemologia feminista negra que aplicamos para nos manter firme diante o sistema cisheteropatriarcal hegemônico e estimular outras mulheres a “desafiar o poder patriarcal em casa e no trabalho.” (hooks, 2019, p 26).

As denúncias públicas de racismo e sexismo na cena cultural periférica em 2011, impulsionaram uma enxurrada de ações e redes de mulheres artistas e ativistas do território, com propostas de imersões artísticas e estudos compartilhados sobre feminismo, saúde física e emocional das mulheres, entre outras vertentes teórico-práticas do autocuidado e bem-viver. Estabelecer a categoria Mulher Negra no contexto do ativismo periférico delineou algumas agendas, com pouca adesão de ativistas não negras da periferia.

O Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura é resultado desta onda que as mulheres negras navegaram ao perceberem que entre as muitas frentes de participações políticas, havia a ausência de espaços de aquilombamento para o cuidado coletivo. O movimento de aquilombar-se na concepção teórica de Beatriz Nascimento (2007), remete ao exercício de conexão com os valores da ancestralidade africana, compreendida nos saberes e nas práticas coletivas de organização e resistência.

Nas próximas páginas deste capítulo, discorro sobre algumas práticas comunitárias desenvolvidas por mulheres negras nas periferias, na perspectiva de observar suas ações de cunho artístico e ativista, do ponto de vista da descolonização dos saberes e práticas feministas. Trago aspectos das ações da Cia Capulanas de arte negra, da coletiva Periferia Segue Sangrando e a ação 8M na quebrada, concentradas na periferia sul de São Paulo e que desenvolvem ações que promovem a difusão das epistemologias negras.

Como exemplo inicial de atuação artística-política, início com algumas informações sobre a trajetória das artistas do grupo de teatro negro Capulanas Cia de Arte Negra, em seu espaço colaborativo chamado Goma Capulanas. Aberto em 2011, a casa está localizada no Jardim São Luiz, periferia sul de São Paulo e recebe ativistas, grupos artísticos e pesquisadores do teatro negro para formação e pesquisa, sendo também um espaço de criação, oficinas e palco de peças de teatro.

As práticas do cuidado de si e da saúde integral de mulheres negras já estavam inseridas nos processos de estudo e criação do grupo formado em 2007 por Flávia Rosa, Débora Marçal, Adriana Paixão e Priscila Obaci - na época Priscila Preta – artistas negras moradoras da periferia sul. Juntas, se uniram para estudar e desenvolver arte negra formativa e politizada, inspiradas pela trajetória e relevância do Teatro Experimental do Negro - TEN, que soube de maneira incontestável conduzir política e teoria negra nas expressões culturais do teatro.

A categoria mulher negra é um marcador político que acompanha a obra da Cia e em seu espetáculo de estreia, *Solano Trindade e suas Negras Poesias*, as artistas já estabeleceram critérios políticos de comprometimento com a identidade negra e o combate aos estereótipos sexualizados e de força sobre mulheres negras. A partir de 2009 o interesse artístico do grupo se volta exclusivamente para os estudos sobre a saúde física e emocional da mulher negra, após participarem de vivências sobre ancestralidade feminina e ervas medicinais.

Em 2010 criaram o *ONNIM - Ciclo de palestras*⁷⁷, oferecendo formações e oficinas gratuitas na periferia. Neste período, eu me aproximo do trabalho da Cia e junto de outras mulheres negras da região, estabelecemos vínculos de amizade e despertamos interesse pelo tema. No *ONNIM* (Anexo 3) do ano seguinte ao convidarem a Doutora Regina Nogueira⁷⁸, a Kota Mulanji para uma palestra, fomos apresentadas ao conceito de *espaço potencial de vida*, destacando a importância das organizações que oferecem cuidados físicos e emocionais para mulheres negras.

O conceito de espaço potencial de vida é adotado pelas integrantes da Cia que passam estimular mulheres às práticas do cuidado e convidar grupos e projetos a ocuparem a Goma Capulanas para ações deste aspecto, abrigando também os encontros do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**.

Em 2012, para a criação do espetáculo *Sangoma – Saúde às Mulheres Negras*⁷⁹, o grupo ofereceu formações e palestras gratuitas sobre saúde física e emocional de mulheres negras. Neste período tive a oportunidade trabalhar em parceria com a Cia, produzindo encontros e formações com mulheres e posteriormente escrevendo e editando a publicação *Mulheres líquidos: os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra* (2014), obra que registra os processos e resultados dos 3 anos de investigações e criação artística.

⁷⁷ Ciclo de estudos oferecido gratuitamente pela Cia Capulanas de Arte Negra desde 2010 em sua sede, no Jardim São Luís, periferia sul de São Paulo

⁷⁸ Mestre e Doutora Regina Barros Nogueira, pediatra e presidente do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos de Matriz Africana. Professora da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

⁷⁹ Assista Sangoma – Saúde as mulheres negras: <https://www.youtube.com/watch?v=Fi8SfiLAe98>

Imagem 10. Espetáculo Sangoma - Saúde às mulheres negras, 2013



Autoria: Guma

O espetáculo apresenta as complexidades das identidades de mulheres negras e os impactos das matrizes de opressão em sua saúde física e emocional. A peça investiga os processos de cura tradicionais, como as rezas e o tratamento com ervas, presentes na medicina ancestral das *Sangomas Africanas*, mulheres mediúnicas, curandeiras e detentoras de saberes, que atuam a favor de suas comunidades

Em 2016 a Cia entra em cartaz com outro espetáculo chamado, *Ialodês* que apresenta em perspectiva temporal e Afrofuturista o tema do prazer e bem viver para mulheres negras. As narrativas entrelaçam o presente e o passado, integrando histórias, cosmovisões e mitologias africanas com tecnologia e ancestralidade. Na cultura Iorubá, Ialodês são as mulheres que lideram suas comunidades, sendo detentoras de grande poder feminino.

Flávia Rosa e Débora Marçal são artistas da Capulanas Cia de Arte Negra e integram o **Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura** desde sua formação inicial. Seus repertórios de ativismo no teatro negro, além da experiência com os estudos e imersões

para a criação dos espetáculos *Sangoma – Saúde às Mulheres Negras* e *Ialodês*, foram compartilhados em grupo se tornando impulsionadores do interesse de outras mulheres pela política do cuidado. É crescente a prática de mulheres se reunirem em grupos para compartilharem suas experiências de vida como prática de autoconhecimento.

A resistência negra criada por meio da arte e da cultura são campos férteis de criação, manutenção e valorização da memória das mulheres e o feminismo negro nesses pilares se constroem as epistemologias decoloniais presentes no debate atual, como aponta Ângela Figueiredo (2020).

Somos conscientes de que o feminismo negro historicamente foi e ainda é produzido fora da academia, pois as mulheres negras encontraram na música, na poesia e nas artes em geral uma forma de expressar os seus sentimentos, aprendizados, ensinamentos e reflexões sobre a vida. (Figueiredo, 2020, p. 4).

Já a coletiva *Periferia Segue Sangrando* nasceu em 2015 e diferente do **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, que é exclusivo para mulheres negras, esta coletiva se constitui a partir da diversidade e acolhimento para todas as mulheres interessadas em organizar meios de denúncia, articulações, estudos, produções artísticas e acolhimento às vítimas das opressões que incidem sobre as moradoras das periferias. O nome da coletiva traz referências ao rap do poeta GOG, que em seus versos afirmam “*Periferia segue sangrando/ Mães chorando/ Irmão se matando/ E eu pergunto até quando?*”⁸⁰

A perspectiva feminista negra da coletiva está registrada em seu Manifesto (Anexo 4) que reconhece a atuação das mulheres periféricas, exige reparação histórica e o fim das violências de raça e gênero, agregando as dissidências da comunidade LGBTQIAPN+ e denunciando o genocídio negro. A ambiguidade no *seguir sangrando* diz respeito às sistemáticas opressões que mulheres encontram ao demarcarem sua voz e seu corpo no mundo, em confronto a uma guerra nada silenciosa contra as populações periféricas. A coletiva desenvolve encontros e ações para refletir sobre o território, as experiências sociais e lutas cotidianas de suas moradoras, atuando em rede com outros

⁸⁰GOG - Periferia Segue Sangrando (2006).

grupos ativistas mulheres como as Mães de Maio⁸¹, 8M na quebrada e coletiva Luana Barbosa⁸² todas de São Paulo e as Mulheres de Pedra⁸³, do Rio de Janeiro.

Dentre as ações políticas da Periferia Segue Sangrando, estão a busca por auxílio jurídico e suporte psicológico às mães que perderam seus filhos para a violência policial, denúncias de racismo, sexismo e lesbofobia nas periferias, estudos compartilhados e intervenções culturais. No mês de março realiza-se um dia de imersão entre mulheres cis, trans e pessoas não binárias, com momentos de trocas, atividades culturais e um cortejo pelas ruas do Jardim Ibirapuera conforme anuncia a divulgação abaixo, criada pelas artistas visuais do território Carolzinha Itzá e Sil Martins.

Imagem 11. Periferia Segue Sangrando, 2015



Fonte: Flyer de divulgação

Outra prática é a Ação 8M na quebrada, uma iniciativa que nos últimos anos se espalhou com o objetivo de debater sobre o dia internacional da mulher nos territórios

⁸¹ As Mães de Maio é uma rede de mães e familiares vítimas da violência policial, fundada em 2006, após uma série de assassinatos de jovens em São Paulo e na Baixada Santista.

⁸² A Coletiva Luana Barbosa é formada por mulheres negras e indígena, lésbicas e bissexuais que residem na periferia de São Paulo. Foi criada em 2016 após a morte violenta de Luana Barbosa dos Reis, mulher negra, mãe e lésbica não feminilizada.

⁸³ Mulheres de Pedra é uma coletiva que há mais de 10 anos busca o protagonismo da mulher negra na construção de um outro mundo, através da arte, da educação, da economia solidária e da diversidade cultural.

periferizados de cidades como São Paulo, Salvador e Belo Horizonte, partindo das perspectivas de raça, classe, gênero, sexo e sexualidade das mulheres moradoras destes territórios.

Na periferia sul de São Paulo, a articulação é realizada por mulheres de diversas coletivas, que se reúnem no dia 8 de março para realizar intervenções e panfletagens nos terminais de ônibus e estações de metrô, questionando as opressões de gênero, a exploração capitalista do trabalho das mulheres e a descentralização dos atos e ações dos movimentos sociais, que ocorrem sempre nas regiões centrais da cidade, se tornando um dificultador para moradoras das periferias que precisam realizar grandes deslocamentos para participarem.

Imagem 12. Ação 8M na quebrada, março de 2018



Jardim Ângela – SP.

Na construção do pensamento crítico feminista proposto por bell hooks, os grupos comunitários exercem um papel fundamental para mulheres negras, pois nos encontros há espaço para a elaboração crítica e o rompimento com a banalização de suas subjetividades, através de práticas do afeto, cuidado e estudos, além das articulações políticas e denúncias.

A autora relata a experiência profunda e transformadora dos grupos de conscientização de mulheres negras nos Estados Unidos, que na década de 1970, se reuniam para externalizar raiva e revolta das práticas racistas e sexistas que se revelavam

na medida em que adquiriam consciência crítica nos movimentos sociais. “Era o local em que expunham e revelavam abertamente a profundidade de feridas íntimas. Essa característica confessional servia como ritual de cura.” (hooks, 2000, p. 26).

Neste sentido, os espaços de coletividade entre mulheres criados e fortalecidos a partir das denúncias de 2011, se tornariam lugares potenciais para os processos de recuperação da subjetividade, reconhecimento social e estímulo criativo. Esta prática ancestral e libertadora, ao ser adotada pelo feminismo negro se apresenta e se configura como meio de promover “a comunicação do pensamento e teorias feministas de modo que seja facilmente entendido, para a construção da consciência crítica.” (hooks, 2017, p. 66).

Considerar o afeto e o autocuidado nas esferas do ativismo político é um grande desafio diante as urgências e interesses dos movimentos sociais e Audre Lorde (2019 [1978]) compreende que, para encorajarmos o poder erótico em nossas vidas é necessário a busca pelas palavras e o conhecimento de si. O autocuidado foi o caminho escolhido pela autora, diante todas as suas atribuições de mulher negra, lésbica, mãe, ativista, escritora, editora e professora. “Cuidar de mim mesma não é autoindulgência, é autopreservação, um ato de luta política”, afirmou no epílogo de sua obra *A Burst of Light* de 1988 e por inúmeras vezes em seus discursos, palestras e entrevistas.

Nos movimentos sociais, assim como no debate acadêmico, são perceptíveis a resistência e as tentativas de esvaziamento sobre a urgência em posicionar a subjetividade, o prazer e o bem-viver no âmbito de políticas de resistências prioritárias para as mulheres negras. As mulheres do Combahee River afirmaram em manifesto que

O fardo psicológico de ser uma mulher negra e as dificuldades derivadas para se tomar consciência e se engajar em tarefas políticas nunca devem ser subestimadas. Muito pouco se valoriza a psique das mulheres negras nesta sociedade que é tanto racista quanto sexista. (The Combahee River Collective, 2019 [1978], p.202).

Elas e outras ativistas negras que trouxeram estas agendas ainda na década de 1970, receberam críticas, silenciamentos e retaliações. Hoje percebe-se tardiamente o quanto mulheres, sobretudo mulheres negras precisam estar atentas à sua saúde física e emocional, diante as demandas e compromissos cotidianos, desgastados pelas dinâmicas das opressões. Ao diminuir a importância de criar políticas de saúde e bem estar, perpetua-se o imaginário de força e resiliência extrema, atribuídos às mulheres negras como tática para perpetuar o abandono e a escassez do cuidado com as mesmas.

Gonzalez, que muito discorreu sobre a situação da mulher negra periférica e trabalhadora no país, cobrou compromisso de toda a sociedade, em especial dos movimentos sociais e afirmou que

Evidencia-se a nossa responsabilidade quanto aos nossos modos de organização e quanto ao destino que queremos dar ao nosso movimento. Esta questão é de caráter ético e político. Se estamos comprometidas com um projeto de transformação social, não podemos ser coniventes com posturas ideológicas de exclusão, que só privilegiam um aspecto da realidade por nós vivida. (Gonzalez, 2020, p. 250).

Se faz necessário observar as dinâmicas sociais de desgaste e autoabandono da maioria esmagadora das mulheres negras no país, que pouco conseguem se dedicar aos cuidados com o bem viver, portanto, se torna propositiva a criação de espaços comunitários e seguros para a prática e manutenção da saúde e bem-estar integrados, através das rodas de saberes, oficinas de corpo, voz e escrita, imersões criativas, grupos de estudos e *giras de poder*⁸⁴, ações estas a qual eu sou fruto e me tornei sujeita ativa replicadora nas ações e trabalhos que desenvolvo.

Neste aspecto, considero a importância da participação política do **Núcleo de Mulher Negra – O amor cura** na Marcha das Mulheres Negras em 2015, no Distrito Federal. Presenciar o reconhecimento da política do cuidado e do bem viver em âmbito institucional, afirmativo e estratégico na luta do Movimento de Mulheres Negras do país, nos trouxe certezas sobre a importância das ações que estávamos construindo. Por meses, reverberamos sobre a participação e o impacto da Marcha em nossas convicções e práticas políticas.

Não há como negar as divergências e conflitos, bem como as contradições e rupturas, tensionadas por contrapontos e diferenças das experiências coletivas. Estes aspectos fazem parte deste processo e são fatores determinantes para a compreensão que nas diversidades das redes de mulheres “temas universais que são incluídos nos pontos de vista de mulheres negras podem ser experimentados e expressos de forma distinta por grupos diferentes de mulheres.” (Collins, 2016. p. 102).

Compreendo a intelectualidade de mulheres negras como uma ferramenta que consiste em elucidar as reflexões sobre si e seus espaços de vivências, através do exercício

⁸⁴ Imersão criada pela artista Flávia Rosa. Encontro entre mulheres para práticas de autocuidado.

do cuidar de si, sustentados por processos de autodefinição sobre seus valores. Esse lugar situado é a fonte teórica que bell hooks elaborou, ao considerar as dimensões políticas que são alcançadas quando teorizamos a partir de nossas experiências vividas, emergindo epistemologias que produzem sentidos a teoria feminista negra.

CONSIDERAÇÕES

- Carta ao Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura

“Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência.”
(Glória Anzaldúa)

Manas, Minas e Monas

Primeiramente, viva nós!

Mulheres Negras da zona sul, quintal do mundo na periferia de São Paulo, que antes de qualquer enquadramento teórico metodológico de mulheridade, gênero, sexualidade e demais marcadores sociais, somos a mulher preta, a negra drama, a mina de fé, a trabalhadora periférica, a mãe correria, a poeta do busão, a artista-produtora, a professora militante, a agitadora da cultura, a referência na quebrada e tantas outras atribuições que adotamos ao longo das nossas vidas na missão de reagir sempre ao sistema e seus enquadramentos. Somos mulheres de luta!

Não cabemos nas caixas porque somos grandes e muitas. Compreendemos que não há régua teórica-metodológica para medir o tamanho da complexidade que envolvem nosso ser e estar no mundo. Entre o corre do dia longo e o porre da noite curta, a gente desenrola no jogo da vida, com a lucidez de quem nem sempre carrega águas calmas e aprendeu a falar mais alto que o trovão e com a faca nos dentes, seja com microfone ou caneta na mão. Dizem que somos raivosas, petulantes, espalhafatosas e debochadas, pois rimos alto e verbalizamos as incoerências das hegemonias de poder que se sustentam dentro e fora da academia.

Eu sozinha ando bem, mas com vocês ando melhor, pois vocês são mulheres como eu, por vezes, embrutecidas nas quebradas, forjadas na malícia do centrão e ligeira contra as armadilhas dos becos e vielas da cidade fria e racista que só a gente conhece. As luzes de neon seduzem, mas não enganam as mulheres da rua. O afeto e o autocuidado nos

conectaram com a ética ancestral da coletividade entre mulheres negras, assim como faziam nossas mais velhas nos quintais, rindo e chorando de tudo de bom e ruim da vida negra, enquanto cozinham, dançam, costuram ou maceram folhas.

A escrevivência vira um ritual, um ebó de palavras e emoções que despejadas ali, na gira das reflexões do cotidiano, vão realinhar o espírito para a semana. A periferia fez de nós carne dura e ainda estamos amolecendo, buscando superações, realizações, prosperidades e curas das doenças coloniais. Cuidar de nós mesmas, foi o ato de resistência mais profundo que tivemos e nos permitiu experimentar estados de confiança, relaxamento e leveza. Em nossos encontros podemos desligar o alerta do dispositivo racial, que nos faz desconfiar e olhar torto, enrijecendo a fluidez erótica que podemos alcançar, quando nos sentimos seguras.

Hoje, reflito muito sobre estes estigmas de frieza e desconfiança constante, introjetados em nós, a juventude negra que vivenciou os famigerados anos 1990, em condições de vulnerabilidade e violência policial extrema. Nossa maior projeção de vida deste período, se resumia em realizar um curso de datilografia, para quem sabe conseguir um emprego como recepcionista em algum escritório. Poucas de nós conseguimos, pois não enquadrámos no quesito *boa aparência* dos anúncios de emprego da época.

De lá para cá, as mudanças nas periferias são visíveis, porém a rua nunca foi um lugar seguro e as balas ainda matam aos montes, nossos homens e meninos, enquanto nos exigem silêncio, resiliência e força para continuar trabalhando e educando sozinha os demais, sempre no limite financeiro, afetivo, profissional. É essa constante condição de asfixia social, como ensinou nossa mais velha Sueli Carneiro.

Ainda na adolescência, a sabedoria de rua nos ensinou que o racismo é cruel e do outro lado da ponte não gostam de nós, portanto, a estratégia da época contra este sistema era manter-se viva, de cara fechada e de *pôkas* ideia. Hoje aguçamos em sorrisos, mas ainda me percebo recorrendo a esta linguagem corporal, como um dispositivo de auto proteção que aciono em situações em que me vejo vulnerável, ou cristalizada pelo sistema.

Nosso Mano cantou que *Da ponte prá cá, antes de tudo é uma escola* e nossa geração despertou revolta através das rimas. Aprendemos então a ocupar as ruas para batalhar direitos, respeito, acesso, grana, diplomas, voz, reconhecimento, registros e memória. Aprendemos também a questionar os próprios manos e suas práticas

reprodutoras de machismo e apagamento social. Se a vida é sem menção honrosa e sem massagem, a cobrança vem para todo mundo!

Dosamos malícia nas margens dos padrões sociais e somos *malokêras* demais para os modelos de mulheres aceitáveis. Adquirimos consciência quando a palavra de Audre Lorde reinvidicou que “aquelas de nós que somos pobres, que somos lésbicas, que somos negras, que somos velhas – sabemos que sobrevivência não é uma habilidade acadêmica.” (Lorde, 2019 [1978], p. 137).

Nos querem guerreiras e maliciosas, de preferência curvilíneas e prontas para silenciosamente sorrir, acenar e servir. Mal sabem que agora invertemos a lógica, não negamos mais as curvas, nem a libido, nem a altura do grito ou da gargalhada. Nossa experiência com o **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura**, nos lançou para o desafio do controle e projeção dos próprios desejos, vibramos tesão juntas quando choramos e sorrimos, quanta audácia!

Escrevo poemas eróticos para mim, escrevo poemas eróticos para nós! Os desejos despertados no último domingo de cada mês dos anos em que estivemos juntas, me fizeram consciente de que “nada que eu aceite sobre mim mesma pode ser usado contra mim, para me diminuir (Lorde, 2020[1983]. p 185). Compreendo que poder erótico, também consiste na capacidade transgressora de sermos aquilo que disseram que não devíamos.

Uma vez por mês, conseguimos abrir mão de qualquer outra demanda social, ativista ou familiar, para apenas saborear o bolo de banana integral da Cibelle, ou aprender a fazer abayomis com Dona Juju e jogar palavras soltas no papel, após ouvir histórias e elaborações profundas sobre amor e dor. Confiamos nos ensinamentos de nossas mais velhas quando nos disseram, “fiquemos juntas”. Conseguimos cuidar de nós e isso não é um luxo!

Construímos uma história de resistência negra muito bonita na zona sul e me orgulho muito de ser colaboradora desta história. O **Núcleo de Mulheres Negras – O amor cura** se tornou nosso porto seguro no oceano que temos navegado. Desde que marchamos juntas em 2015 com mais de 50 mil mulheres, ampliamos nossas dimensões políticas e reconectamos laços ancestrais com o bem viver e a ancestralidade africana. A vida negra é difícil e estamos navegando em maré braba, mas aprendemos a buscar a maré mansa, praticando o reconhecimento da sensibilidade que nos foi tirada, quando nos fizeram crer que teríamos que nadar exaustivamente.

Eu honro agradeço aqui, carregando com amor por todas as vibrações e incentivos ofertado por este grupo a minha trajetória com a poesia e o trabalho editorial. Esse trabalho coletivo de registro e memória é cuidadoso e aprendi fazendo, acertando e errando nesse mercado que é formatado de padrões eurocêntricos, que nos convoca a participação no imaginário coletivo, mas não suporta o poder criativo que transborda da literatura insubmissa de mulheres negras que não querem limitar sua poesia a denúncia e a dor. Obrigada por torcerem para que eu finalmente colocasse *Estado de Libido ou poesias de prazer e cura* no mundo.

Esse poder erótico transbordou minhas escrevivências poéticas nas margens das quebradas e hoje flerta com o debate acadêmico. No tempo do tempo, reconheço este terreno fértil, porém ardiloso e as possibilidades que os estudos sobre poder erótico me ofertam. A distância e as visitas rápidas a São Paulo neste processo me trazem saudades do calor da nossa gira, mas o ambiente digital tem suprido conversas e trocas, nos mantendo juntas. Estamos em pleno fluxo de nossa jornada, realizando projetos de vida, destruindo cristalizações nocivas e reconstruindo lugares de prazer e gozo.

Não devemos ser injustas conosco e seguir o padrão eurocêntrico de silêncio e negação do poder erótico que nos cabe. Foi com coragem e ousadia que revolucionárias negras realizaram tudo aquilo que foi negado e temos um grande legado. Nossas ações resistem ao neoliberalismo e esvaziamento dos discursos e desejo que a gente se mantenha despertas, alimentando essa rede que é negra, indígena, erótica, cis, lésbica, trans, sapatão, periférica, *malokêra* e diversa, pois é na multiplicidade que construímos a base interseccional da luta feminista negra, dentro e fora do espaço acadêmico. Hoje, meu movimento é por aqui, e sigo comprometida em incorporar todos os aspectos possíveis nas proposições acadêmicas sobre a fala deste nosso lugar chamado zona sul periferia. Não se deve hierarquizar as opressões e não quero falhar com vocês.

Não podemos mais introjetar crenças de incapacidade intelectual, assim como podemos refutar a teoria eurocêntrica da construção do saber acadêmico com poesia erótica, ousando o conhecimento na diversidade dos discursos e linguagens que dialogam e abarcam as vozes e corpos que partilhamos no mundo. Honramos bell hooks que contestou a supremacia eurocêntrica academicista e afirmou que o “intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo” (hooks, 1995, p. 468.)

Esta, que seria uma carta de considerações finais, não se finaliza, pois me mantenho em circularidade e atenta aos saberes que compartilhamos. Tenho aprendido muito com este movimento acadêmico e tentado me manter conectada a tecnologia do afeto entre mulheres, partilhando e multiplicando conhecimento e poder erótico nas giras dos quintais do mundo! A gente é mulher da rua e o bem viver também é nosso *corre diário*!

Amo vocês!

Obrigada irmãs!

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ALMEIDA, Lilian. **Pulsares**. São Paulo: Caramurê, 2019. p. 23.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ARAÚJO, Rosângela Janja. Mulheres Negras e Culturas Tradicionais: memória e resistência, In **Currículos Sem Fronteiras**, v.19, n. 2, p. 553-565, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/araujo.html>. Acesso em: 15 jun 2023.

ARAÚJO, Rosângela Janja. Ginga: uma epistemologia feminista. **Seminário Fazendo Gênero. 11ª ed**, Anais Eletrônicos. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499469814_ARQUIVO_Gingaepistemologiafeminista.pdf. Acesso em: 15 jun 2023.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Escrita de si/escrita da história. **Revista Estudos Históricos**, 21: 9-34, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 25 nov 2022.

ASSUNÇÃO, Sulamita Jesus. **Quebradas feministas: estratégias de resistência nas vozes das mulheres negras e lésbicas negras da periferia sul da cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP, São Paulo, 2018.

BAIROS, Luiza. A mulher negra e o feminismo. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria B. (orgs.). **O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA, 2008, p. 139. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2024

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. In: SANTANA, Bianca (org.). **Vozes insurgentes de mulheres negras: do século XVIII à primeira década do século XXI**. Belo Horizonte: Mazza, 2019.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARDOSO, Claudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. 383 f. Tese (Doutorado em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez.

Revista Estudos Feministas, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300015>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 17, n. 49, p. 117133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 19 set. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Rio de Janeiro: Takano. 2003. p. 49-58. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54022>. Acesso em: 05 fev.2023.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. In: CÉSAIRE, Aimé; MOORE, Carlos. (org.) **Discurso sobre a negritude**. p. 107-114. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Estado e Sociedade**. Vol. 31, Nº. 1 Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 05 ago. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia Feminista Negra. In BERNADINO, Costa, Joaze. et. al. (org). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso* **Cadernos Pagu**, n. 51, p. e175118, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510018> Acesso em 27 jul. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo. 2019.

COSTA, Aline. Uma história que está apenas começando. In: **Um pouco de história de Cadernos Negros**: período de 1978 a 2008. São Paulo: Quilombhoje, 2008, p. 1939. Disponível em: <https://issuu.com/mbantu/docs/historicotresdecadas>. Acesso em: 19 jul. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em 20 ago 2022.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: BALDUINO, Paula de Melo et. al. (org.). **Descolonizar o feminismo**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. O feminismo negro e as lutas por igualdade global. In: **Griôs da Diáspora Negra**. Brasília: Griô Produções, 2017.

DOMINGUES, Petrônio. O associativismo negro no Brasil de 1930 a 1945. In: VANUCCHI, Marco Aurélio; ABREU, Luciano Aronne de. (org.) **A era Vargas (1930 - 1945)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2021, v. 2.

DOMINGUES, Petrônio. Fretenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. **Cadernos Pagu**, nº.28. Campinas, Jan./Jun, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: https://web.archive.org/web/20200706214320id_/http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. p. 201-212. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. [Entrevista cedida a] **Carta Capital**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo201cnossa-falaestilhaca-amascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 26 mai. 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações Goya Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. ISBN 978-65-992547-0-3.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FAUSTINO, Carmen. Maré de mulher. In: FALA GUERREIRA, **Editorial**, revista n.2, São Paulo: Edição Independente, 2015.

FAUSTINO, Carmen. **Estado de Libido ou poesias de prazer e cura**. São Paulo: Oralituras. 2020.

FAUSTINO, Carmen, CAPULANAS Cia de Arte Negra (org). **Mulheres líquido: os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra**. São Paulo: Capulanas Cia de Arte Negra, 2014.

FAUSTINO, Carmen (org). Antologia: **Transbordações eróticas de mulheres negras**. São Paulo: Oralituras, 2021.

FAUSTINO, Carmen; FREITAS, Maitê de Oliveira (org). **Pilar Futuro Presente** – Uma antologia para Tula. São Paulo: Oralituras, 2019.

FAUSTINO, Carmen; SOUZA, Elizandra (org). Antologia: **Pretextos de Mulheres Negras**. São Paulo: Selo Mjiba, 2013

FIGUEIREDO, Ângela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo & Argumento**. Florianópolis, v. 12, n. 29. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>. Acesso em 18 set. de 2022.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições de organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Revista Direito e Práxis**. 2018;9(2):1080-1099. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=350958338019>. Acesso em: 14 de jun. 2023.

FIGUEIREDO, Ângela.; GOMES, Patrícia Gomes. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 909–927, set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p909>. 27. jun. 2024

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** 5. vol 5, p 07-41. Campinas, Ed. Unicamp, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 04 set. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 464, 1995. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 18 nov. 2023.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libânio. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante. 2021

hooks, bell. Vivendo de amor. **Geledés**, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**. 2 v. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 1992.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Cobogó: Rio de Janeiro, 2019.

LE MOS, Rosalia de Oliveira. **O Feminismo Negro em Construção**: a organização das mulheres negras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. UFRJ – Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/8587583/O_Feminismo_Negro_em_Constru%C3%A7%C3%A3o_a_Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Mulheres_Negras_no_Rio_de_Janeiro. Acesso em 10 mai. 2024.

LE MOS, Rosalia de Oliveira. **Do Estatuto da Igualdade Racial à Marcha das Mulheres Negras 2015**: uma análise das feministas negras brasileiras sobre políticas públicas. 398 f. Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

LORDE, Audre. **Entre nós mesmas**: poemas reunidos. Trad. Tatiana Nascimento; Valéria Lima. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução de Stephaine Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Ubu. 2020.

LORDE, Audre. **Zami-Uma Nova Grafia Meu Nome**, Uma Biomitografia. Tradução de Lubi Prates. São Paulo: Elefante. 2021

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em 26 jun. 2024.

MANIFESTO DO COLETIVO COMBAHEE RIVER - The Combahee River Collective Statement - Coletivo Combahee Rivera. Tradução: Stefania Pereira e Letícia Simões Gomes. In: **PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP**. v. 26.1, p.197-207, São Paulo, 2019.

MARÇAL, Débora. Domesticar. In: FAUSTINO, Carmen e SOUZA, Elizandra (orgs). **Pretextos de Mulheres Negras**. São Paulo. Selo Mjiba. 2013, p. 21

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Melusina: Espanha, 2011.

MOREIRA, Daniel Augusto. A Natureza da Pesquisa Qualitativa. In: **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004, p. 4356.

MORRISON, Toni. Narrar o outro. In: MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. Tradução: Fernanda Abreu. p. 55-62. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOURA, Clóvis. Organizações Negras. In: SINGER, Paul e BRANT, Vinícius Caldeira (orgs). **São Paulo: o povo em movimento**. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 4ª ed., 1983.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 209–224, jan. 2004. [s.l]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100019>. Acesso em 1 jan. de 2023

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTTS, Alex (org). **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura Marginal”**: Os escritores da periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Jenyffer. **Terra Fértil**. São Paulo: Selo Mjiba. 2014.

OLIVEIRA, Alessandra Kelly Tavares de. **Gritos e silêncios: um mergulho no cotidiano e na intimidade de mulheres negras ativistas da periferia sul de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.8.2022.tde-25112022-133831. Acesso em: 2024-01-30.

OLIVEIRA, Danielle Regina de. **Encruzilhada das guerreiras da periferia sul de São Paulo: fe-minismo periférico e fronteiras políticas**. 2019. 269 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2019.1097490> Acesso em: 18 jun. 2022.

OYÈWUMI, Oyèronké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. 2008. 317p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas,

SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1606620>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PAIXÃO, Adriana Pereira da. **"Teatlântica": teatralidade negra, feminina e sem margem, feito nas margens**. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.8.2021.tde-04112021-220032. Acesso em: 15 mai. 2024.

PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo: luta e identidade**. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se**. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, Instituto Kuanza, 2006.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A Escrava**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento. 2019.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras, de Bertioga a Beijing. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 446-57, 1995. Dossiê Mulheres Negras. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16459/15033>

ROCHA, Carolina, **Lâmina**. Rio de Janeiro: Sabali. 2018.

SANTANA, Bianca (org.). **Vozes insurgentes de mulheres negras: do século XVIII à primeira década do século XXI**. Belo Horizonte: Mazza, 2019.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos. **Das margens, escritos negros: Relações entre literatura periférica e identidade negra**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SANTOS, Juliana Gonçalves dos. **O Bem Viver em narrativas de mulheres negras**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi: <https://doi.org/10.11606/D.100.2022.tde28032023-203632>. Acesso em: 2024-07-08.

SCHEFLER, Maria de Lourdes. RAGO, Margareth. A AVENTURA DE CONTAR-SE. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29973>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SILVA, Zuleide Paiva, ARAUJO, Rosângela Janja Costa - Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. In: Dossiê Feminismos e Lesbianidades em Movimento: a visibilidade como lugar - **Revista Estudos Feministas/REF**, Florianópolis/SC, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/82446/47871%2090> Acesso em 10 set 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip Hop. São Paulo, Parábola, 2011.

SOUZA, Elizandra. **Águas da cabaça**. São Paulo: Selo Mjiba, 2012.

SOTERO, Edilza e RIOS, Flávia - Gênero em perspectiva interseccional. In PLURAL, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.26.1, 2019.

TRUTH, Sojourner. **E não sou uma mulher?** Tradução de Osmundo Pinho, GELEDES, 8 de janeiro de 2014. Disponível em <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojournertruth>. Acesso em 18 nov. 2023.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982.

WALKER, Alice. **Em busca do jardim de nossas mães – Prosa Mulherista**. São Paulo: Bazar do tempo. 2021.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 07–17, 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>. Acesso em: 5 set. 2023.

ANEXO 1

Figura 1. Manifesto Mordaça (2011). Ação conjunta realizada na rede social Facebook.



Registros fotográficos e montagem de Silvana Martins.

ANEXO 2

Figura 2. Foto do Núcleo de Mulheres Negras - O amor cura e o Instituto AMMA Psique e Negritude para a publicação da revista *Sujeitos, frutos e percursos: Projeto Jovens Facilitadores de Práticas Restaurativas*, 2016

7.4 NÚCLEO MULHERES NEGRAS:

POR CARMEN FAUSTINO E FLÁVIA ROSA



>> Somos Mulheres Negras, a maioria na Zona Sul que naturalmente sufoca, despreza e desqualifica

cepção. Os olhares e raciocínio precisam estar em

NO GRITO MUDO, ECOAMOS O RITO DA COR E TRANÇAMOS HISTÓRIAS PRÉTAS...

e vistas como mulheres submissas aos diversos grupos de poder econômico e social. Somos vistas como mulheres com corpos disponíveis e sexualizados, sem a necessidade de afetividade e respeito, as mulheres que são fortes e suportam todas as dores físicas e emocionais, as mães que podem criar sozinhas seus filhos, as mulheres que abrem mão de suas vidas para cuidar de outras, as mulheres que estão acostumadas a batalhar pelos seus objetivos e as mulheres que não reclamam de nada e aceitam com humildade e gratidão o pouco que é oferecido.

Vivemos a desconfiança em torno da nossa capacidade intelectual nos espaços acadêmicos, profissionais e sociais, nos empurram para os empregos e trabalhos de subserviência, con-

Texto completo se encontra no link: https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/01/formacao-justicarestaurativa-sujeitos-frutos-percursos_2013-2016-1.pdf

ANEXO 3

Figura 3. Ciclo de palestras, promovido pela Capulanas Cia de Arte Negra, 2011



Capulanas
Cia de Arte Negra

Apresenta:
II Ciclo de Palestras

ONNIM

"Quem não sabe pode saber aprendendo. Este é o símbolo Adrinkra do conhecimento, da aprendizagem e da busca contínua do saber"

"Nas culturas de matriz africana os corpos são atravessados por usos, símbolos e significados que entraram em conflitos com as visões européias. Até que ponto somos herdeiros de uma e de outra orientação cultural? Os conhecimentos, vivências e experiências sobre Artes, Identidade, Saúde, Doença e Religiosidade podem ser pistas dos (des)caminhos do corpo no espaço/tempo e na cultura."

De 16 a 20 de Maio de 2011 **Das 19h as 22h30**
Na Casa Popular de Cultura do M'Boi Mirim
Av. Inácio Pereira da Silva, s/n - Piraporinha
Informações: (11) 6779-0118 capulanasciadeartenegra@gmail.com

Realização: Apoio Cultural: Parcerias:

ONNIM

II Ciclo de Palestras

SAÚDE CULTURAL, FÍSICA E PSÍQUICA DAS MULHERES NEGRAS

Dia 16: "Espirito Sangoma"
Prof. Dr. Marcos Ferreira dos Santos (Faculdade Educação – USP)

Dia 17: "Congos e Mocambiques: Corpos Negros em Performances"
Prof. Dr. Salloma Salomão Jovino (Aruanda Mundi – CU-FSA-SP)

Dia 18: "Falas e ações negras no espaço urbano através Hip Hop"
Prof. Dr. Amailton Magno Grilo Azevedo (PUC-SP)

"Corporalidades negras na festa do Rei"
Profa. Dra. Viviane Lima (Educativo - Fundação Energia e Saneamento)

Dia 19: "Psicologia Social do racismo anti negro"
Profa. Dra. Cida Bento (CEERT-SP)

Dia 20: "Saúde da População Negra"
Dra. Regina (Políticas Públicas de Saúde da População Negra de Embu das Artes - SP)

De 16 a 20 de Maio de 2011 **Das 19h as 22h30**
Na Casa Popular de Cultura do M'Boi Mirim
Av. Inácio Pereira da Silva, s/n - Piraporinha
Informações: (11) 6779-0118 capulanasciadeartenegra@gmail.com

Realização: Apoio Cultural: Parceiros:

ONNIM

Flyer de divulgação do II ONNIM

ANEXO 4

Figura 4. Manifesto Periferia Segue Sangrando, 2016

PERIFERIA SEGUE SANGRANDO E NÃO ESTANCA.
 Em nome desse sangue é que nós mulheres periféricas, negras, faveladas, nordestinas, donas de casa, trabalhadoras, chefes de família, artistas, lésbicas, trans, estudantes, mães-solteiras nos levantamos em sentimentos, voz e ação para bradar todas as violações as quais estamos submetidas diariamente. O sangue que escorre também é o nosso. É chegado o tempo de deixar para trás o pesado fardo do silêncio, que há muito recai sobre nós como mácula. Por isso, levantamos para dizer não! Para dizer basta! Levantamos para irmos além do ontem e do agora.

NÃO a padronização comportamental que nos categoriza como sexo frágil e nos quer submissa para suprimir nossa potência.

NÃO a escravidão estética que busca nos transformar em um exército de mulheres ideais para consumo, excluindo e ridicularizando qualquer uma de nós que não se encaixe nesse modelo.

NÃO a agressão física e psicológica exercida por companheiros, travestidos por um suposto discurso de amor, mas no fundo são apenas estratégias de exercer o controle e a punição voltado para manutenção de seus privilégios.

NÃO a violação dos nossos corpos, não aos inúmeros abusos sexuais cometidos, que subjugam a nossa humanidade como se fossemos criaturas disponíveis apenas para o sexo, à mercê da vontade alheia.

NÃO ao feminicídio que extermina mulheres todos os dias, apoiado no discurso misógino que propaga o ódio, baseado puramente em nossa condição de gênero. Morremos simplesmente por sermos mulher.

NÃO a diferenciação salarial que inferioriza nossa força de trabalho, nossa intelectualidade, nossa potência criadora.

NÃO ao abismo salarial que atinge ainda mais as mulheres negras e pobres.

NÃO a desvalorização da arte produzida por mulheres.

NÃO a monopolização do acesso aos espaços culturais e artísticos e aos constantes boicotes com intuito de nos invisibilizar.

NÃO aos contratantes das empresas, não aos locatários de imóveis que se valem da quantidade de filhos que a mulher possui para dificultar ou impossibilitar sua entrada.

NÃO a reprodução cômoda do papel social que coloca as mulheres como única responsável pelas tarefas domésticas, sem qualquer divisão de tarefas entre os homens da casa.

NÃO ao descaso e a falta de reconhecimento às mulheres chefes de família, que cumprem jornada de trabalho dentro e fora de casa, com a vida voltada para os outros e pouco tempo de olhar a si na busca por emancipação.

NÃO a violência obstétrica que impera nos hospitais públicos, incapaz de disponibilizar apoio ou acolhimento durante o parto. Violência essa que culpabiliza a mulher por sua condição.

NÃO a discriminação e falta de apoio às mulheres que optam pelo aborto, muitas vezes realizados de maneira precária pela falta de condições econômicas, que arriscam sua saúde e não possuem qualquer apoio emocional ou psicológico em sua decisão.

NÃO aos homens que não possuem comprometimento na criação dos filhos, delegando a mulher toda responsabilidade na educação, sustento e afetividade da(s) criança(s).

NÃO a ridicularização de nossas opiniões e ideias no âmbito público e no privado, que tenta fazer de nós meras ignorantes. Não a ridicularização do discurso e prática feminista, que pretensiosamente busca deslegitimar nosso posicionamento de luta.

NÃO ao assédio cotidiano de cantadas mediócras que nos expõe, amedronta e ameaça o nosso direito de ir e vir com tranquilidade.

NÃO ao discurso que cria uma rivalidade e competitividade forjada entre mulheres, como forma de destruir nossos laços ancestrais de união e conexão.

NÃO ao preconceito e a ridicularização as lésbicas, transexuais e travestis por sua identidade de gênero ou por sua orientação sexual.

NÃO ao julgamento moral as mulheres que vivem sua sexualidade livremente, principalmente aquelas vítimas de crime virtual que tem sua intimidade expostas, por mera covardia.

NÃO a toda forma de opressão, repressão, humilhação, inferiorização e subjugação que vivenciamos há séculos e décadas.

Nossos corpos tratados como propriedade estão cansados de ser objeto, exaustos de ser controlados e moralizados. Estamos cansadas de sermos tratadas como se o nosso corpo fosse um "perigo iminente". Por isso nos levantamos contra o machismo que cerceia nossa liberdade através de discursos e práticas arbitrárias. Perigoso e nefasto é o MACHISMO.

É pela grandeza do feminino que trás consigo o sagrado, a fertilidade e a vida que reivindicamos o corpo como nosso território por direito! Se é pelo corpo que manifestamos a essência do eu-mulher, será também através dele que faremos a nossa reintegração de posse, em resposta a todas essas violações. A começar pelo nosso sangue que escorre de nós!


Se antes sangrávamos em solidão, sangraremos todas juntas para expelir essas dores.

Se antes sangrávamos pelos filhos e maridos assassinados, sangraremos todas juntas para nos opor à violência.

Se antes sangrávamos pela opressão e pelo medo, sangraremos todas juntas empenhando nossas lutas.

Se antes sangrávamos pelo esquecimento, sangraremos todas juntas até o fim pela esperança viva de mudarmos o curso de nossas histórias.

PERIFERIA SEGUE SANGRANDO. AQUI NOS LEVANTAMOS, PARA IRMOS ALÉM DO ONTEM E DO AGORA.



Flyer de divulgação